

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

CÁSSIO RIBEIRO MANOEL



**RELAÇÕES LINGUÍSTICO-HISTÓRICAS NO MITO DO
ACHAMENTO DA SANTA DO ROSÁRIO NAS CONGADAS DE
CATALÃO-GOIÁS.**

CATALÃO (GO)

2017

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Nome completo do autor: **Cássio Ribeiro Manoel**

Título do trabalho: **Relações Linguístico-Históricas no Mito do Achamento da Santa do Rosário nas Congadas de Catalão-Goiás.**

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Assinatura do (a) autor (a) ²

Data: 31 / 03 / 17

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

²A assinatura deve ser escaneada.

CÁSSIO RIBEIRO MANOEL

**RELAÇÕES LINGUÍSTICO-HISTÓRICAS NO MITO DO ACHAMENTO DA
SANTA DO ROSÁRIO NAS CONGADAS DE CATALÃO-GOIÁS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - nível Mestrado - da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Língua, Linguagem e Cultura
Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena de Paula

CATALÃO-GO

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Manoel, Cássio Ribeiro
Relações Linguístico-Históricas no Mito do Achamento da Santa do Rosário nas Congadas de Catalão-Goiás [manuscrito] / Cássio Ribeiro Manoel. - 2017.
CLV, 155 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Maria Helena De Paula.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Catalão, Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2017.

Bibliografia.

Inclui siglas, fotografias, abreviaturas, lista de figuras.

1. Língua. 2. Cultura Popular. 3. Congada. 4. Mito do Achamento.
5. Enredo Mítico. I. De Paula, Maria Helena, orient. II. Título.

CDU 81



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* – MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM DA UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – REGIONAL CATALÃO.

Defesa: nº 69/2017

Às quatorze horas do dia trinta e um de março de dois mil e dezessete, no Miniauditório Congadas – UFG/RC, Campus I da UFG – Regional Catalão, reuniu-se a Banca Examinadora designada pela Coordenadoria do Mestrado em Estudos da Linguagem, composta pelos/as docentes: Profa. Dra. Maria Helena de Paula [Orientadora], da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC; Profa. Dra. Vanessa Regina Duarte Xavier, da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC; Profa. Dra. Carmem Lúcia Costa, da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC, para proceder à Defesa Pública de Dissertação intitulada “RELAÇÕES LINGUÍSTICO-HISTÓRICAS NO MITO DO ACHAMENTO DA SANTA DO ROSÁRIO NAS CONGADAS DE CATALÃO-GOIÁS”, de autoria do mestrando **Cássio Ribeiro Manoel**, matrícula 20150621. Iniciando os trabalhos, a Presidente da sessão apresentou a Banca e o candidato ao título de Mestre. Em seguida, agradeceu a presença do público e passou a palavra ao mestrando para a apresentação do trabalho. A seguir, a Presidente concedeu a palavra às examinadoras, que passaram a arguir o candidato. A duração da apresentação discente e a arguição das examinadoras aconteceram conforme regulamento do Programa. Ao término da arguição, a Banca Examinadora se reuniu em sessão secreta para atribuir os conceitos finais da Dissertação. Em face do resultado obtido, a Banca Examinadora considerou o candidato: aprovado, estando apto a fazer jus ao Título de Mestre em Estudos da Linguagem. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos/as membros da Banca Examinadora e pelo discente. Regional Catalão, UFG, aos trinta e um dias do mês de março de dois mil e dezessete. Esta defesa de Dissertação de Mestrado Acadêmico é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre. O diploma correspondente será emitido após cumprimento dos demais trâmites, conforme normas do Programa e legislação da Universidade Federal de Goiás, especialmente o Artigo 62 da Resolução CEPEC 1403/2016.

Banca Examinadora:

Maria Helena de Paula

Profa. Dra. Maria Helena de Paula (UFG/RC) – Orientadora

Vanessa Regina Duarte Xavier

Profa. Dra. Vanessa Regina Duarte Xavier (UFG/RC)

Carmem Lúcia Costa

Profa. Dra. Carmem Lúcia Costa (UFG/RC)

Parecer:

Aprovado () Reprovado

Aprovado () Reprovado

Aprovado () Reprovado

Discente:

Cássio Ribeiro Manoel:

Cássio Ribeiro Manoel

PROGRAMA DE MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

Av. Lamartine P. Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO). CEP 75.704 – 020. – Sala 02 – Bloco E. Fone:

(64) 3441-5356. E-mail: mestrado.lettracac@gmail.com

Observações (se for o caso):

Visto:

Coordenação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado em Estudos da Linguagem
Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão

Luciana Borges.

Prof^ª Dr^ª Luciana Borges
Coord. Mestrado em Estudos da Linguagem
UFG / RC
Fone: (64) 3524115

CÁSSIO RIBEIRO MANOEL

**“RELAÇÕES LINGUÍSTICO-HISTÓRICAS NO MITO DO
ACHAMENTO DA SANTA DO ROSÁRIO NAS CONGADAS DE
CATALÃO-GOÍÁS”**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Linguagem, área de concentração: Língua, Linguagem e Cultura.

Aprovado em **31 de março de 2017**.

BANCA EXAMINADORA

Maria Helena de Paula

Prof^ª Dr^ª Maria Helena de Paula
Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão

Vanessa Regina Duarte Xavier

Prof^ª Dr^ª Vanessa Regina Duarte Xavier
Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão

Carmem Lúcia Costa

Prof^ª. Dr^ª. Carmem Lúcia Costa
Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão

Dedico este trabalho a todos os congadeiros, que compõem a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

AGRADECIMENTOS

Salve o Rosário! O Rosário Salve!

Agradeço a Deus, por me conceder o dom da vida e a Nossa Senhora do Rosário, pela constante intercessão e proteção.

À Professora Doutora Maria Helena de Paula, por sempre acreditar nos meus ideais e porque, juntos, pudemos elevar nossos ensejos de, cada vez mais, descobrir a grandiosidade da Congada de Catalão-GO. A ela, minha eterna gratidão, por todo suporte, incentivo e amizade; pelos valiosos ensinamentos e pelo tempo concedido para as orientações e revisões do nosso trabalho.

Aos congadeiros, que fizeram parte deste trabalho e a toda Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Catalão.

À Dona Benedita Moreira (*em memória*), memória vivida e primeira bandeirinha da Congada, grande devota da Santa do Rosário, a ela minha gratidão.

Aos meus pais, Marilda e José Pedro, por todo amor e que incansavelmente não mediram esforços para que eu pudesse alçar grandes voos, a eles minha eterna gratidão.

Aos professores da banca examinadora, Professora Doutora Carmem Lúcia Costa, Professora Doutora Vanessa Regina Duarte Xavier e Prof. Dr. Luiz Carlos do Carmo, por fazerem parte deste momento de extrema importância e pela dedicação nas leituras deste trabalho, na Qualificação e na Defesa.

Aos docentes do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem e a toda equipe da Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística da Regional Catalão/ UFG.

Aos companheiros de pesquisa do Laboratório de Estudos do Léxico, Filologia e Sociolinguística (LALEFIL) e do Grupo de Estudos e Pesquisas em História do Português (GEPHPOR).

À Universidade Federal de Goiás (UFG), pela oportunidade de alcançar mais um degrau na minha trajetória acadêmica.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), pelo amparo financeiro, essencial para a realização deste trabalho.

A todos que, direta ou indiretamente, me ajudaram com suas orações, acreditaram em mim e me incentivaram a continuar nessa empreitada de estudos acerca dessa prática cultural e religiosa, que são as Congadas.

Salve o Rosário! O Rosário Salve!

Salve o Rosário, o Rosário Salve!

*Ave Maria, face suave, Salve o Rosário, o Rosário Salve.
Na alvorada, a fé me invade, Salve o Rosário, o Rosário Salve.*

*O rei negro cantou
Do lado das Gerais
O Congado chegou, e abençoou
Catalão e Goiás.
Crença e devoção,
Terço e relicário,
Caixa ao som de trovão
Senhora do Rosário.*

*Moçambique e Vilão,
Penacho, Congo e Catupé.
Farda, suor e canção,
O que me leva é fé.
Encruzilhada e quebrante
Marujeiro e Marinheiro
Vamos buscar a bandeira
Cantar São Jorge Guerreiro.*

*E na procissão vejo a rua iluminar,
Na entrega da Coroa os ternos se põem a cantar.
Eu sou da congregação, oh da Virgem Maria.*

(Música composta pelo congadeiro Henrique Fleuri no ano de 2016)

MANOEL, Cássio Ribeiro. **Relações linguístico-históricas no mito do achamento da Santa do Rosário nas Congadas de Catalão-Goiás**. 2017. 155 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão, Catalão, 2017.

RESUMO

Este estudo buscou compreender como o mito do achamento da Santa do Rosário constitui as Congadas de Catalão em sua reafirmação nos rituais e festejos anuais da Festa de Nossa Senhora do Rosário nesta cidade, a partir de estudos de Brandão (1985). O material de nossa investigação se constituiu de narrativas e cantigas orais acerca desta festividade, que abordam a história, a vivência e as experiências de integrantes desta manifestação religiosa e cultural. As narrativas foram enunciadas por dez (10) participantes, gravadas em campo, as quais foram transcritas e analisadas. Assim, este estudo torna-se relevante porque objetiva ter alcance na comunidade de dançadores, no público geral e entre estudiosos ao evidenciar as dinâmicas do mito nos festejos, como manifestação cultural e religiosa na cidade. O material de nossa análise para identificar, descrever e analisar o mito como reforço histórico de práticas do grupo e por ele reforçado teve como perspectiva de estudo a inter-relação língua e cultura, na compreensão dos elementos linguísticos e culturais do mito fundador e legitimizador desta prática de religião e cultura popular no Brasil central, assentando-se a investigação no viés da Linguística Antropológica. Para tanto, utilizamos os estudos de Coelho (2006); Fiorin (2003); Platão (2001); Saussure (2012); Sapir (1969); Bakhtin (1987); Bosi (1987); Bosi (1992); Machado (2002) dentre outros. A pesquisa é de natureza qualitativa mista, porque envolveu estudo em laboratório e em campo. Nossos resultados confirmaram a hipótese de que nas variadas formas de linguagem dos congadeiros (no nosso caso, narrativas e cantigas), se podem compreender as configurações da Festa de Nossa Senhora do Rosário, porque nestas formas o *enredo mítico* do achamento da Santa do Rosário se reafirmou de forma incontestada, refazendo memórias históricas e linguísticas desta comunidade.

Palavras-chave: Língua. Cultura Popular. Congada. Mito do Achamento. Enredo Mítico.

MANOEL, Cássio Ribeiro. **Linguistic-historical relations in the finding myth of Santa do Rosário in Catalão's Congada**. 2017. 155 f. Dissertation (Master in Language Studies), Special Academic Unit of Letters and Linguistics, Federal University of Goiás/ Regional Catalão, Catalão, 2017.

ABSTRACT

This study sought to understand how the finding myth of Santa do Rosário constitutes the Congadas of Catalão in its reaffirmation in the annual rituals and festivities of Nossa Senhora do Rosário's Festival in this city, from the studies by Brandão (1985). The material of our investigation was made up of narratives and oral songs about this festivity, related to history, life and experiences of members from this cultural and religious manifestation. The narratives were enunciated by ten (10) participants, recorded in field, which were transcribed and analyzed. Thereby, this study becomes relevant, because aims to reach the community of 'dançadores', the trading population and researchers by showing the myth's dynamics in the festival, as culture and religious manifestation in the city. The material of our analysis to identify, describe and analyze the myth as a historical reinforcement had as study perspective the interrelationship between language and culture in the understanding of the linguistic and cultural elements of the founding and legitimizing myth of this practice of religion and popular culture in central Brazil, sitting the research in the bias of Anthropological Linguistics. For this purpose, we used the studies by Coelho (2006), Fiorin (2003), Platão (2001), Saussure (2012), Sapir (1969), Bakhtin (1987), Bosi (1987; 1992), Machado (2002), among others, which has guided us. The research is of mixed qualitative nature, because it involved study in laboratory and field. Our results confirmed the hypothesis that in various forms of language of 'congadeiros' (in our case, narratives and songs), we can understand the configurations of Nossa Senhora do Rosário's Festival, because in these forms the *mythical plot* of the finding of Santa do Rosário was reaffirmed in an uncontested way, recreating historical and linguistic memories of this community.

Keywords: Congada. Finding Myth. Language. Mythical Plot. Popular Culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

- Figura 1** Imagem de Nossa Senhora do Rosário, na nave central da igreja, durante as festividades no ano de 2016..... 20
- Figura 2** Coroa de Nossa Senhora do Rosário, símbolo venerado pela Congada, durante os festejos..... 54
- Figura 3** Moçambique Mamãe do Rosário, em evolução pelas ruas da cidade, durante a Festa do ano de 2016..... 86
- Figura 4** Organograma do *enredo mítico* 90
- Figura 5** Imagem de Nossa Senhora do Rosário sendo retirada da igreja e levada para rua, nos festejos de 2015..... 119
- Figura 6** Reinado de Nossa Senhora do Rosário, em cortejo pelas ruas da cidade 121
- Figura 7** Terno Congo Zé do Gordo, em evolução pelas ruas da cidade 123
- Figura 8** Moçambique Mamãe do Rosário, em evolução na Igreja..... 126
- Figura 9** Igreja de Nossa Senhora do Rosário, situada no centro da cidade de Catalão-GO..... 130
- Figura 10** Bandeiras Nossa Senhora do Rosário e São Benedito 139
- Figura 11** Imagem e Coroa de Nossa Senhora do Rosário, presente no presbitério para a missa da Congada..... 140
- Figura 12** Capitão Moçambique Mamãe do Rosário, Diogo Rezende, na chegada na casa dos mordomos do mastro..... 146
- Figura 13** Eduardo Camilo, segundo general da Comgada, em organização das Congadas para a cerimônia de Entrega da Coroa..... 147

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
I - LÍNGUA E CULTURA	21
1.1 Pressupostos dos estudos da língua(gem)	21
1.2 A relação entre língua e cultura	28
1.3 Cultura popular em Catalão: a Congada	31
1.4 Mito e memória	36
1.5 Cantigas: linguagem e identidade de um povo	43
1.6 Os moçambiques nas Congadas de Catalão	51
II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	55
2.1 Do <i>locus</i> da pesquisa: Goiás e Catalão	56
2.2 Dos sujeitos da pesquisa	59
2.2.1 Investigando fontes orais: esboços metodológicos	59
2.2.2 Delimitação do corpus e formalização da pesquisa	60
2.2.3 Procedimentos de composição do corpus	62
2.3 A transcrição do <i>corpus</i>	79
2.4 Composição do <i>corpus</i> e organização dos dados	83
III – CORPUS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE	87
3.1 Modo de organização dos dados	88
3.2 Dados	92
3.2.1 Dona Benedita (Primeira Bandeirinha da Congada de Catalão)	93
3.2.2 Maria da Luz (Dançadora do Moçambique Coração de Maria)	95
3.2.3 Eduardo Camilo (2º General da Congada de Catalão-GO)	97
3.2.4 Elzon Arruda (1º Capitão do Terno Congo Prego)	100
3.2.5 Daniane Moreira (Integrante do Moçambique Mamãe do Rosário)	103
3.2.6 Leonardo C. Bueno (Presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e Capitão do Terno Congo Congregação do Rosário)	105
3.2.7 Matheus Henrique (2º Capitão do Moçambique Mamãe do Rosário)	110
3.2.8 Aurora Moreira (Integrante do Moçambique Mamãe do Rosário)	112
3.2.9 Diogo Gonçalves (1º Capitão do Moçambique Mamãe do Rosário)	113
3.2.10 Maria do Rosário (Acompanhadora do Vilão II Nossa Senhora de Fátima)	116

IV – ANÁLISE DOS DADOS	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
REFERÊNCIAS	153

INTRODUÇÃO

A Congada¹ de Catalão-GO é considerada uma das grandes manifestações de religiosidade e cultura do Estado de Goiás e é uma Festa secular. No entanto, é preciso lembrar que a festividade não acontece em apenas uma semana, como é nacionalmente conhecida. Na verdade, esse período em que ocorre a Congada é o resultado de vários meses de trabalho, como nos elucida Brandão (1985) no seu estudo acerca da Festa do Rosário. A preparação inicia-se dois meses antes, com os ensaios nas casas dos capitães, lugar que se torna uma extensão do “terreiro”. Outrossim, com mais liberdade, o canto, a dança e o som dos tambores ganharam força e não pararam de crescer com o passar dos anos e ecoam até os dias de hoje.

É sobre esta manifestação de fé e cultura popular que pretendemos abordar neste estudo linguístico e ao mesmo tempo histórico, de que modo se comprove o mito do achamento da Santa do Rosário. Mais especificamente, preocupa-nos fazer um recorte no sentido de mostrar que, através de análises mais detalhadas de textos, como narrativas de dançadores e cantigas dos ternos que compõem a Congada de Catalão, que o mito é repassado, entre os dançadores, através da oralidade nas festividades em Louvor à Nossa Senhora do Rosário e em outros contextos de suas vivências como grupo de práticas e manifestações culturais específicas.

O estudo aqui proposto tem pertinência ao projeto de pesquisa “Em busca da memória perdida: estudos sobre a escravidão negra em Goiás”, coordenado pela professora Doutora Maria Helena de Paula, e apoia-se nos estudos da linguagem, na compreensão de que língua e cultura são interdependentes. Nossa compreensão é de que a língua é dialética e, assim como a cultura, muda para permanecer. Por isso, para compreendermos como o mito do achamento (elemento importante nas Congadas de Catalão) permanece e faz permanecer as práticas dos ternos, buscamos em elementos da língua possíveis pistas de como ele se constrói e assegura as práticas de cultura e fé das Congadas. Assim, a partir dos dados extraídos do *corpus* de textos orais sobre a Congada, mais precisamente sobre o mito do achamento, pretendemos compreender o refazer deste mito durante as festividades da Senhora do Rosário e como ele vem interferindo nos acontecimentos das Congadas.

¹ Ao longo do nosso estudo, indistintamente usamos Congadas ou Congada para referirmo-nos à manifestação do conjunto dos ternos que evocam memórias afro-brasileiras em seus rituais e que, conforme adiante abordaremos, se instalou em terras goianas, como em grande parte dos lugares no Brasil em que o fluxo de negros escravizados ou ex-escravizados se fez notório.

Essa proposição advém da ideia de que a cidade de Catalão-GO, por sediar tamanha Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário, se torna palco de manifestações de cunho popular que expressam o modo como o indivíduo vê e sente esse momento de festividade e dele participa. Assim, as manifestações de fé, as quais reproduzem os costumes da população que delas participa, reafirmam rituais que são feitos durante o festejo para a santa.

Os narradores sujeitos da pesquisa são ou foram participantes assíduos da Congada. Compreendemos que as práticas narradas por eles não são meros acontecimentos do cotidiano desses integrantes, mas fazem parte de suas vidas e estão associadas às experiências vividas pelo grupo enquanto Congadas e são inseridas em suas relações sociais e culturais. Deste modo, enquanto expressões populares que fazem parte do catolicismo popular, destacamos o mito do achamento da Santa do Rosário, assim como as memórias, as vivências e as experiências desses participantes. Os dados, extraídos das narrativas orais referentes a essas práticas e obtidos a partir da transcrição do *corpus*, compõem o nosso material de estudo.

A Congada, por meio de todas as suas linguagens de expressão (danças, vestimentas, cantigas, rituais, orações e outras) reafirma a história, a cultura e a fé do congadeiro, pois, se há uma história acerca desta Festa, no linguajar de quem dela participa, compreendemos que há uma memória. Esta memória, re-transmitida e refeita a cada novo fazer-se, permite que a Festa continue a acontecer por gerações.

Assim, o estímulo por esta pesquisa surgiu durante uma disciplina da graduação no Curso de Letras, habilitação em Português e Inglês, da UFG/ Regional Catalão, “Tópicos em Lexicografia”, ministrada pela Prof.^a Dra. Maria Helena de Paula. Seguindo o mesmo viés da disciplina, sob a orientação da docente supracitada, desenvolvemos o trabalho de conclusão de curso intitulado “Embates na Festa do Rosário de Catalão: tradição e espetáculo”, que também motivou o presente trabalho.

Outra motivação para a continuidade da pesquisa de cunho cultural e religioso, com ênfase à Festa do Rosário de Catalão-GO, se deve por nossa inserção no meio desta prática cultural, participando de todos os momentos desta festividade, pois desde o seio materno somos atuantes nesta manifestação cultural. Ressaltamos que, participamos ativamente da Congada, mais precisamente no Moçambique Mamãe do Rosário, desde do ano de 2012, no qual exercemos a função de dançador, utilizando nas pernas, um instrumento que se denomina gunga. Ademais, essa pesquisa é uma forma de conhecermos mais a fundo os acontecimentos desta festividade centenária, da qual também somos atores, com a oportunidade de realizar uma pesquisa de campo direta.

No campo dos Estudos da Linguagem, este estudo deverá nos fazer refletir sobre como a linguagem se relaciona com as práticas culturais que estão presentes na vida do indivíduo, no caso do nosso estudo, das pessoas que têm forte envolvimento com a Congada. Para alcançar o intuito deste estudo, demonstrar se o mito do achamento é o que rege as festividades de Nossa Senhora do Rosário até os dias de hoje, buscamos nos usos da linguagem dos sujeitos desta manifestação – os congadeiros – realizações que apontem para práticas do catolicismo popular e para tradições afro-brasileiras na reafirmação do mito, no que, mais adiante, chamaremos de enredo mítico. Esta pesquisa deverá acrescentar dados e análises a outros estudos da linguagem em perspectiva de inter-relações com as práticas culturais, conservadas nas memórias das pessoas e ainda presentes em seus costumes e saberes, como nos aponta Machado (2002); Sapir (1969), dentre outros.

Também ensejamos que a pesquisa contribua para os estudos acerca da cultura popular, religiosidade popular, bem como para os estudos da linguagem, de forma a colaborar com o desenvolvimento do campo científico na área de Letras, além de ser um registro das memórias de pessoas importantes que fazem parte desta Festa, tendo, por meio da transcrição, uma forma de preservar essas memórias, minimizando assim os efeitos pela sua perda com o passar dos anos.

A pesquisa tem caráter qualitativo-interpretativo, caracterizando-se como mista, pois parte do estudo teórico, dá ênfase à pesquisa e à gravação das falas das pessoas que foram escolhidas para fazerem parte deste trabalho, transcrição e extração de dados para análise. Ressaltamos que a Congada é um campo amplo de estudo, havendo várias pessoas qualificadas a falar a respeito desta Festa, e que, por limitação dos propósitos e prazos do mestrado, restringimo-nos a dez pessoas.

Deste modo, organizamos o nosso estudo da seguinte forma: no primeiro capítulo, “Língua e Cultura”, nos propusemos a traçar os estudos da linguagem, bem como sua relação com a cultura, e apresentamos discussões acerca da memória e do mito fundador proposto por Chauí (2007).

No segundo capítulo, “Procedimentos Metodológicos”, descrevemos os procedimentos utilizados na pesquisa. Partimos dos aspectos históricos acerca do *locus* da pesquisa, apresentamos os narradores que representaram por meio da fala suas memórias e, por fim, elucidamos os procedimentos da construção e transcrição do *corpus* de análise.

Desta feita, no terceiro capítulo “*Corpus*: Descrição dos Dados”, organizamos um organograma como fio condutor dos dados e das análises. Ao quarto capítulo, “Análise dos Dados”, estão reservadas as análises, empreendidas correlacionando as teorias acerca da

relação entre língua, cultura e memória e referenciando às passagens expostas pelos narradores que fazem parte desta prática cultural.

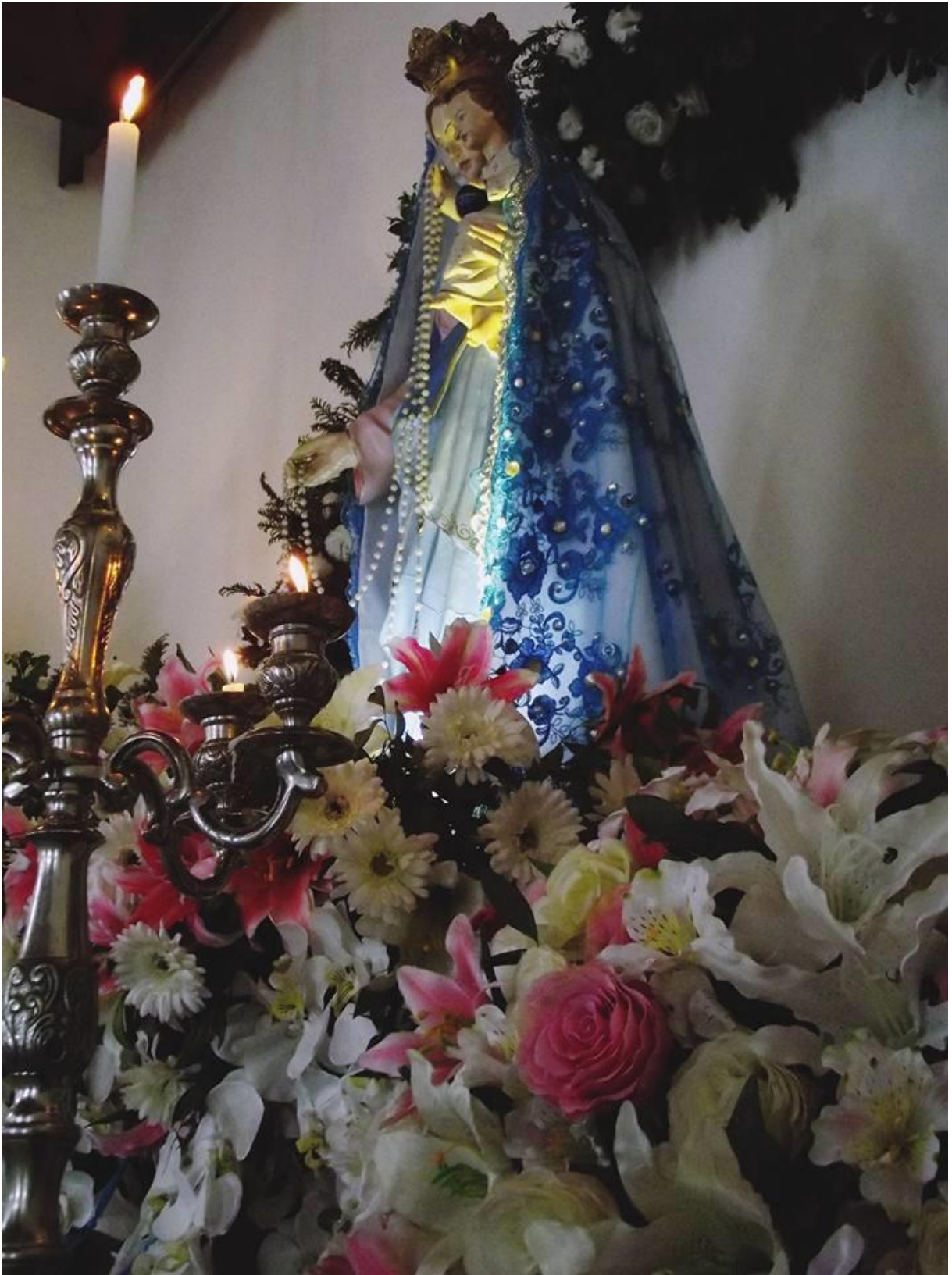


Figura 1 - Imagem de Nossa Senhora do Rosário, na nave central da igreja, durante as festividades no ano de 2016. **Fonte:** arquivo pessoal.

I - LÍNGUA E CULTURA

*“Eu coloco a minha farda,
Pois num é por brincadeira,
Eu coloco a minha farda,
Em louvô minha padruera”.*

*“A Senhora do Rosário,
foi achada no deserto,
Moçambique foi quem tirou,
mais o congo estava perto”.*

1.1 Pressupostos dos estudos da língua(gem)

Consideramos que este estudo visa a demonstrar aspectos linguísticos e culturais, tendo em vista que língua e cultura estão intimamente relacionadas. Nessa perspectiva, apresentaremos o linguajar da comunidade congadeira, dando ênfase ao nosso objeto de estudo, qual seja, o terno Moçambique Mamãe do Rosário e o mito que o institui como o mais importante em rituais da Congada. É ainda por intermédio desses aspectos linguísticos que buscaremos compreender os recortes dessa cultura popular em Catalão-GO, de caráter religioso, para, posteriormente, discutir memória e mito como formas de expressão da língua e da cultura.

O conceito de cultura, como um aspecto das relações humanas, não é tão fácil definir. No entanto, podemos considerar “a cultura como o conjunto de práticas e representações de uma dada sociedade, que a fazem diferente de outra” (PAULA, 2007, p. 74), sendo compreendido por nós que cada lugar ou grupo pode ter suas práticas culturais. Já a língua, considerada um sistema de signos que manifesta a identidade cultural de um grupo, é também um instrumento de investigação que nos ajuda a compreender os aspectos culturais da sociedade.

Ao iniciarmos nossa discussão acerca dos estudos linguísticos e culturais, procuraremos compreender, nesse primeiro momento, os estudos da língua(gem), dando ênfase aos estudos feitos por grandes adeptos do tema, que nos levam a perceber a língua como um bem social, considerando-a como estrutura constituída por uma rede de elementos, onde cada elemento tem um valor determinado, pois a língua é um sistema linguístico

socializado (PETTER, 2015, p. 15). Para tanto, levaremos em consideração os primórdios dos estudos da linguagem, com Platão, expondo aqui sobre os estudos linguísticos na Antiguidade, lembrando que, na Grécia Antiga, eles eram mais filosóficos, centrando-se mais na justeza das palavras do que em sua própria origem, resultando no que futuramente Saussure consideraria como a relação existente entre o significante e o significado.

Crátilo, de Platão, é uma obra que apresenta duas teses: a convencionalista e a naturalista. O autor da obra problematiza o posicionamento quanto à origem das línguas e expõe na discussão a relevância dos nomes, “sendo o nome também um instrumento, quando nomeamos algo” (PLATÃO, 2001, p. 49). Deste modo, em *Crátilo*, antecipa-se a discussão da dicotomia saussureana significante e significado sobre a qual, crê-se que, apesar de a natureza (o ambiente) influenciar nos nomes dados às coisas, a língua está mais para a convenção do que para a natureza.

No entanto, Platão leva-nos a compreender que assim como o tecelão fixa o seu olhar na lançadeira que seja ideal para ele, o “legislador de nomes tem o seu olhar para o nome ideal, sendo ele o mais importante dentre os homens. É a partir dessa analogia que percebe-se que Platão está mais preocupado com a justeza, a exatidão (*orthótes*) das palavras do que com a sua origem propriamente” (BLIKSTEIN, 1981, p. 29). Compreendemos, portanto, que essa discussão serve para apontar as problemáticas que envolvem a relação entre a palavra, o significado e a coisa nomeada. Nesse contexto, a palavra é vista como um instrumento da realidade, pois em todos os seus aspectos, é significada e nomeada; dessa maneira, a linguagem, sendo ela verbal, revela todo o universo nomeado e dotado de sentido. E a língua, por sua vez, não é a realidade, mas está na realidade, pois existe como um acordo tácito que é passado de geração a geração.

Ademais, Fiorin também busca fundamentos nos estudos de Platão, por meio da teoria proposta pelo filósofo grego, como já relatamos anteriormente, o precursor dos estudos da linguagem. Fiorin (2013, p. 36) diz que, Platão,

No *Crátilo*, estuda o estatuto do nome, algo que não é a própria coisa. Como instrumento e imagem, ele implica a natureza da convenção. Com isso, começa a delinear-se o problema da significação. Se a linguagem conduz a alguma coisa fora de si, o nome é um signo e, portanto, pode-se analisar seu significado. Em Platão, o nome é o *lógos* da coisa e o discurso é o *lógos* da relação entre as coisas. Surge o problema da adequação entre a linguagem e a realidade. No *Crátilo*, o nome tem uma relação de semelhança com a coisa nomeada, o que implica certo grau de representação.

Fiorin, portanto, baseando-se nos pressupostos de Platão, nos conduz a compreender que é por meio do ato de nomear que o nome passa a ter uma relação com a coisa nomeada. E é por meio do discurso, o uso efetivo da língua nas situações de comunicação, que as realidades nomeadas se relacionam e significam nas relações sociais diárias.

No campo das ciências humanas, os estudos da linguagem no século XIX são vistos como um saber científico da língua, mas ganham referência no quadro das ciências apenas um século depois, com a publicação do *Cours de Linguistique Générale* de Ferdinand de Saussure, após sua morte, sendo este considerado o Pai da Linguística Moderna.

A língua, entretanto, não é só objeto; ela é, nas relações sociais, um instrumento para que possamos entender outros sistemas sociais, como a cultura, uma vez que a língua se integra nela e depende dela para que haja comunicação nas interações sociais. Vimos aqui que, embora pareça esperada e inconteste a relação entre língua e cultura, os estudos acerca da linguagem conseguiram ganhar destaque somente com o suíço Ferdinand de Saussure. Para o mestre genebrino, é necessário tomar a língua como princípio de todas as outras manifestações da linguagem, pois somente a língua é, ao mesmo tempo, autônoma e socialmente determinada. Porque é um conjunto de convenções, torna-se suporte imprescindível para os indivíduos na comunicação.

Segundo Saussure (2012, p. 24), a língua

é um sistema de signos que exprimem ideias [...] é um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade dos indivíduos [...] a língua é a parte social da linguagem.

Outrossim, podemos afirmar que os falantes se comunicam sobremaneira pela língua, pois ela interage com outros sistemas, como o cultural, o econômico e o político e é o principal instrumento para que possamos entendê-los. Além do mais, a língua é um sistema de signos, um patrimônio da coletividade, que é construído ao longo da convivência dos falantes com suas regras, nos sugerindo que se submete aos interesses e planos da vida do homem em coletividade.

Ademais, Saussure, nos seus estudos, defende que o signo linguístico é o resultado da associação entre o significante (imagem acústica) e o significado (conceito), tendo aí uma relação arbitrária, pois, no ato de nomeação, a língua não se reduz a um mero reflexo da realidade, tendo a associação significante/significado uma interna relação dentro do sistema linguístico.

Sabe-se que várias questões acerca dos estudos da linguagem foram surgindo ao longo do tempo, pois havia um desejo e uma necessidade de se compreender como as línguas funcionavam. A partir dessa ideia, os estudos nesse campo cresceram e Saussure é um dos nomes que figuram entre os mentores da Linguística. Para ele, a língua é um todo da linguagem, sendo “a linguagem um fato social” (SAUSSURE, 2012, p. 38), ou seja, não há como desvincular língua e linguagem de sua configuração social.

Assim, para Saussure, a língua não se confunde com a linguagem, pois ela é uma parte essencial e, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem. Nas palavras do autor, “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (SAUSSURE, 2012, p. 40), sendo essa faculdade exercida pelos indivíduos.

Da mesma forma que nos estudos de Platão, em que o autor traz a palavra como uma convenção (e, às vezes, também natureza), uma forma de conhecimento, Saussure também diz que a língua é uma convenção, pois assim faz unidade com a linguagem, uma vez que a língua é um sistema semiótico, objeto de natureza abstrata. Esse modo de conceber a língua é central nos estudos de Saussure, já que é a partir dele que o autor desenvolve toda sua teoria à qual, posteriormente, seus discípulos acrescentaram dados, lições e apontamentos.

Desse modo, a teoria saussureana nos leva a compreender que “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (SAUSSURE, 2012, p. 41). Uma dessas manifestações são os aspectos culturais, os quais farão parte de nossa discussão neste trabalho e serão logo mais apresentados.

Ainda em consonância com o estruturalista Saussure, a língua é um conjunto organizado em que um elemento está em função do outro. Para isso, Saussure divide os estudos da língua em dicotomias como: sincronia e diacronia; língua e fala; significante e significado; e paradigma e sintagma. Vale ressaltar que o nosso foco não é descrever todas as dicotomias, mas dar ênfase à dicotomia língua-fala.

Segundo Saussure (2012, p. 51),

sem dúvidas, esses dois objetos, língua e fala, estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes.

Saussure considera a língua e a fala como distintas, mas interdependentes, visto que a língua é a condição para se produzir a fala. Nas palavras do autor: “é a fala que faz evoluir a

língua [...] existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta [...] a língua existe na coletividade” (SAUSSURE, 2012, p. 51).

No entanto, nessa dicotomia (língua e fala) é que se situa o objeto da Linguística: o autor divide o estudo linguístico em linguística da língua e a linguística da fala. Saussure toma como foco primordial do seu trabalho o estudo da língua como um bem social, permitindo assim o exercício da faculdade da linguagem pelos indivíduos, pois é preciso compreender que a fala, como realização da língua nos indivíduos, é a expressão de outras instituições que influenciam e determinam a língua, uma vez que “a língua é um conjunto de possibilidades; a fala é a realização concreta dessas possibilidades” (FIORIN, 2015, p. 50).

Seguindo o foco do estudo da dicotomia língua e fala, Pietroforte (2015) diz que,

para Saussure, o objeto de estudo da linguística é a *língua* [...], uma *língua* é definida como um sistema de elementos. Pode-se definir um sistema como o conjunto organizado em que um elemento se define pelos outros. Um conjunto é uma totalidade de elementos quaisquer. Se eles estão organizados, isso quer dizer que um elemento está em função dos outros, de modo que a sua função se define em relação aos demais elementos do conjunto (PIETROFORTE, 2015, p. 82, grifos do autor).

Portanto, seguindo as palavras de Pietroforte, compreendemos que a língua é definida como coletiva e um bem social, sendo um conjunto de signos que se definem uns pelos outros, pois pertencem ao sistema (a língua) e o constituem.

Em função dos vários apontamentos acerca dos estudos da linguagem, abordados de forma seminal por Saussure, pesquisadores como Margarida Petter (2015) discutem suas teorias. Segundo a autora, “a linguagem é relativamente autônoma; como expressão de emoções, ideias, propósitos, no entanto, ela é orientada pela visão de mundo, pelas injunções da realidade social, histórica e cultural de seu falante” (PETTER, 2015, p. 11). Então, em consonância com a concepção de Petter e à luz de Saussure, podemos dizer que a língua é um bem social que tem um valor expressivo dentro da sociedade, pois abarca todos os seus aspectos.

Outras abordagens também são expostas por Petter e trazem com mais clareza seus estudos feitos sobre a teoria da linguagem proposta pelo pesquisador suíço. Por exemplo, ela discute a questão de a linguagem ser vista como “heteróclita e multifacetada” (SAUSSURE *apud* PETTER, 2015, p. 14), o que significa que a língua é considerada como um todo por si só, sendo ela o primeiro dentre os fatos da linguagem. Petter (2015, p. 15) ainda nos relata que “a linguagem é uma capacidade inata e específica da espécie, isto é, transmitida

geneticamente e própria da espécie humana”, considerando-a, assim, como parte da herança biológica dos seres humanos.

Não muito distante do pensamento de Petter, encontramos em Coelho (2006, p. 20) a mesma linha de raciocínio, amparada pelos estudos de Saussure. O autor coloca que “a linguagem é inerente à espécie humana, sem ela o homem não seria homem, não teria ultrapassado o estágio puramente animal”. Isso nos faz lembrar que nascemos já com a faculdade do aprendizado da linguagem, prontos para nos comunicar com o mundo (que é o que nos difere do reino animal) e aptos para nos adequar a uma cultura, seja ela qual for.

Em uma de suas considerações, Coelho (2006, p. 77) defende que a linguagem é a capacidade que o indivíduo tem para realizar a comunicação, sendo uma possibilidade genética da espécie. Ele nos diz que:

a linguagem pode ser definida inicialmente como qualquer processo de comunicação [...]. Também pode ser compreendida como a faculdade que os homens têm de se comunicarem utilizando um sistema semiológico socialmente elaborado, existindo sob forma de memória coletiva e à disposição das pessoas de uma mesma comunidade lingüística.

Sendo assim, vimos que a linguagem é, inevitavelmente, parte de nossa comunicação, podendo ela estar na modalidade oral, escrita ou gestual. O que precisa ficar explícito é que somos capazes de aprendê-la e passá-la adiante, como em um ciclo de conhecimento, porque é nesse percurso que são construídas as memórias coletivas e, por que não dizer, individuais que ficarão, posteriormente, “à disposição das pessoas de uma mesma comunidade lingüística”, para finalizar com as palavras de Coelho (2006, p. 51).

Seguindo com nossas discussões, José Luiz Fiorin diz que a linguagem é como “a condensação de todas as experiências históricas de uma dada comunidade” (FIORIN, 2003, p. 72). Assim dizendo, a língua abarca historicamente as experiências que rodeiam o indivíduo, permitindo que ele exerça a faculdade da linguagem. Várias foram as abordagens feitas sobre a linguagem como capacidade de comunicação, a exemplo de Fiorin (2006, p. 72), que considera “a linguagem humana [...] essa faculdade de poder construir mundos”, tendo o indivíduo a possibilidade de criar ou não as realidades do mundo. Sendo assim, a língua, por meio da linguagem, pode reconstruir a experiência histórica do homem, condensando-as no seio de uma sociedade humana.

Entendemos a linguagem como forma de perceber o mundo, porquanto é por ela que o mundo ganha sentido para nós e a língua a forma de categorizar o mundo, de interpretá-lo, pois ela é o tesouro da memória, transmitida de pai para filho, cuja função principal é

comunicar. Por isso, “a linguagem é um meio de ação recíproca, é um meio de interagir com os outros, é um lugar de confrontações, de acordos, de negociações” (FIORIN, 2013, p. 19).

Seguindo a ideia de que a linguagem tem uma função importante na vida do indivíduo, Fiorin (2013, p. 30), no seu estudo, diz que

a linguagem é uma forma de o homem agir no mundo, porque há ações que se realizam ao dizer e ações que ocorrem em consequência do que se diz. A linguagem não se presta apenas para perceber o mundo, para categorizar a realidade, para realizar interações, para informar, para influenciar, para exprimir sentimentos e emoções, para criar e manter laços sociais, para falar da própria linguagem, para ser lugar de fonte de prazer, para estabelecer identidades, para agir no mundo, mas também para criar novas realidades.

Desse modo, compreendemos que a linguagem está presente em todas as atividades do ser humano, pois é por ela que se ordena o mundo, tendo a palavra o “poder” de criar e categorizar o conhecimento sobre o mundo. É por meio da língua que vemos o mundo, sendo ela o patrimônio pelo qual traçamos o nosso pensar e o nosso sentir.

A língua é uma forma de categorizar e interpretar o mundo, culturalmente estabelecido. Sapir (1969) diz que há uma tendência a se conservarem as configurações linguísticas, maior do que as práticas culturais. Para ele:

Os elementos culturais, que servem de maneira mais definida às necessidades imediatas da sociedade e entram mais claramente no campo da consciência, não só não mudam mais rapidamente do que os elementos linguísticos, mas a própria forma da cultura, que dá a cada elemento a sua significação relativa, há de ficar um processo contínuo de remodelação. Os elementos linguísticos, por outro lado, embora em si mesmos possam ter, e tenham rápidas mudanças, não se prestam facilmente a reformulações, devido ao caráter subconsciente da classificação gramatical. Um sistema gramatical, no que depende dele próprio, tende a persistir indefinidamente. Em outras palavras, a tendência conservadora se faz sentir muito mais profundamente nos lineamentos essenciais da língua do que na cultura (SAPIR, 1969, p. 60-61).

A língua, dado o seu caráter social, é dialética, afeita às dinâmicas socioculturais que a circundam. As suas mudanças só ocorrem porque, por outro, tem tendência a permanecer, mesmo com as mudanças que lhe são inerentes. Tal se deve porque as estruturas gramaticas e lexicais da língua são constituídas por meio da memória coletiva de um povo, fazendo com que os seus elementos não mudem tão rapidamente como os culturais, como pode se supor, mas se deixando matizar e motivar por eles.

Em Sapir (1969), percebemos que uma língua não está a serviço de uma única cultura, assim como uma cultura não se manifesta em uma única língua. A cultura se manifesta

linguisticamente e a língua é um elemento da cultura, uma vez que tanto as línguas como as culturas podem ser impostas; porque a língua é arbitrária, pode servir a diferentes manifestações culturais e delas se servir para as suas configurações. Especificamente em nosso estudo, as manifestações de linguagem (narrativas e cantigas) dos congadeiros caracterizam o grupo e, em certa medida, a língua que usam para expressarem e (re)fazerem suas práticas culturais.

Portanto, segundo as discussões dos estudiosos supracitados, a linguagem, da maneira como a concebemos, enquanto elemento eminentemente que se dá e se faz nas relações em sociedade, torna-se mais que herança biológica do indivíduo. Como já nos dizia Coelho (2006, p. 24), “a linguagem faz parte dos homens e só tem sua existência, potencial e efetiva neles”.

Enfim, sendo a língua “um sistema de signos que exprimem ideias” (SAUSSURE, 2012, p. 47) e parte integrante da cultura, além de ser a forma pela qual conhecemos a cultura de um povo, buscaremos compreender, a seguir, os aspectos da cultura, por nós entendida como o conjunto de práticas e representações de uma dada sociedade. Teremos como foco a cultura popular como prática recorrente na cidade de Catalão-GO, por meio da Congada. Vale ainda lembrar que assumir a relação desses dois elementos se faz necessário neste trabalho, porque “a língua está se tornando um guia cada vez mais valioso no estudo científico de uma dada cultura” (SAPIR, 1969, p. 19).

1.2 A relação entre língua e cultura

A relação entre língua e cultura é um dos fatores norteadores do nosso trabalho. Por isso, buscaremos compreendê-la tendo em vista as memórias orais das pessoas que têm forte envolvimento no âmbito da Congada, o nosso campo de estudo. Assumimos, aqui, como Sapir coloca, que “a língua é, antes de tudo, um produto cultural, ou social, e assim deve ser entendida” (SAPIR, 1969, p. 26). Assim, nesta relação com a língua, a cultura é considerada estrutural e social, deste modo, grande parte das aquisições culturais são ensinadas e transmitidas pela língua, por meio da qual expressamos nossa compreensão do mundo e nossas interações as mais diversas possíveis.

Deste modo, devemos considerar que a linguagem é um meio de conhecer as práticas culturais e a língua uma das formas de (re) conhecer/acessar a cultura de um povo ou grupo. Assim, os fatos culturais se perpetuam através da língua, mas também se mostram variáveis e mutáveis em muitas dinâmicas do sistema de comunicação.

Tendo em vista essa relação, Fiorin (2003) nos diz que “não existe cultura sem língua, a língua, de certa forma, seria o que propicia a construção da cultura. Sem a língua não teríamos a cultura [...] a língua seria, digamos, um modelo de estruturalidade para linguagens da cultura de maneira geral” (FIORIN, 2003, p. 72-73). Levando em consideração as palavras do autor, vimos que língua e cultura não podem ser pensadas em separado no nosso estudo. Exemplo disso é o fato de podermos, a partir do linguajar de uma dada comunidade, conhecer sua cultura.

Ao observar essa relação indissociável entre língua e cultura, Câmara Jr. (2004, p.53) aponta que a língua é um fato de cultura como qualquer outro, integra-se na cultura, pois a língua depende da cultura, tendo aquela a função de expressá-la a cada momento, fazendo a língua parte da cultura, para que haja comunicação social.

Desse modo, a língua está se tornando um guia cada vez mais valioso no estudo científico de uma dada cultura, pois a língua é considerada um produto cultural ou social, e é dessa forma que ela deve ser entendida. Sendo assim, a cultura e a língua estão em constante estado de interação e em associação definida por um largo lapso de tempo (SAPIR, 1969).

Diante dessa relação entre língua e cultura é que nos propomos a pensar que o papel da língua está fortemente entrelaçado na construção de identidades individuais e coletivas (sociais), pois a língua é que define a identidade cultural de um povo, por meio de suas danças, cantigas, como é o caso da Congada, que faz com que os fatos de representações culturais se perpetuem.

Assim, a cultura é construída diariamente, no cotidiano das relações humanas, dando ênfase nas construções sociais que dão sentido às crenças, hábitos, objetos e costumes que simbolizam aspectos da vida humana (PAULA, 2007). Essas construções são o modo pelo qual os atores sociais concedem valor às suas relações do cotidiano, por isso, a cultura de um país ou de um lugar é caracterizada conforme se agrupam suas expressões culturais.

Diante de amplas realidades sociais e históricas de uma dada sociedade, compreendemos que foram estabelecidas três formas diferentes de expressões culturais (cultura erudita, cultura de massa e cultura popular), tendo como base as concepções de Bosi (1992, p. 326), que nos relata:

A cultura erudita cresce principalmente nas classes altas e nos segmentos mais protegidos da classe média: ela cresce como sistema escolar. A cultura de massa, ou indústria cultural, corta verticalmente todos os estratos da sociedade, crescendo mais significativamente no interior das classes médias. A cultura popular pertence, tradicionalmente, aos estratos mais pobres, o que não impede o fato de seu aproveitamento pela cultura de massa e pela cultura

erudita, as quais podem assumir ares popularescos ou populistas em virtude da sua flexibilidade e da sua carência de raízes.

De certa forma, basicamente, a(s) cultura(s) é(são) pensada(s) como sendo popular (do povo), erudita (saber científico) ou de massa (meios de comunicação), ressaltando, porém, que elas não são excludentes, mas tem, cada uma, sua maneira de expressar a realidade, conforme seus atores, e nenhuma é melhor que a outra.

Segundo Paula (2007, p. 75), “cada grupo de sujeitos sociais, conforme suas necessidades e vivências elege tacitamente no decorrer de suas inter-relações, o que lhe é válido para expressar o seu modo de ver, sentir, trabalhar, comer, constituir família, se relacionar com divindades etc.”. No entanto, seguindo as palavras de Paula, compreendemos que cada participante de uma cultura se esforça para se expressar como lhe convém dentro dela, sendo as práticas culturais as formas pelas quais as pessoas representam que são participantes dessa cultura ou de outra.

Outrossim, a cultura popular é compreendida como a expressão de vida em que ocorrem “todas aquelas práticas e representações culturais vivenciadas no cotidiano de atores sociais específicos, distantes do racionalismo científico, como forma de recriação do seu universo: crenças, hábitos, costumes, conhecimentos” (MACHADO, 2002, p. 335).

Consideramos, então, que a cultura é um dos meios para que se possa expressar a vida humana e a ela dar sentidos, pois cada lugar/grupo tem suas práticas culturais. Já a cultura popular, considerada como do povo, busca valorizar a crença e os modos de vida daqueles “marginalizados” do âmbito da sociedade, servindo para demonstrar a forma de vivência dessas pessoas. Por isso, diz-se que a cultura não é única e exclusiva, pois ela caracteriza o humano.

Por isso, propomos estudar a Congada de Catalão-GO, que é uma manifestação de cultura de um povo. É por meio do linguajar dessa comunidade de congadeiros que visualizamos suas identidades que, manifestadas mediante suas danças, cantigas e gingado simbolizam a resistência e persistência da cultura negra. Para Chauí (1993), a cultura popular é vista “como manifestação diferenciada que se realiza *no interior* de uma sociedade que é a mesma para todos, mas dotada de sentidos e finalidades diferentes para cada uma das classes sociais” (CHAUÍ, 1993, p. 24, grifos da autora).

Ao pensarmos a cultura popular, considerada como a cultura do povo, que representa a tradição/folclore de uma sociedade, recorreremos a Arantes (2012, p. 16) que, em seu estudo, “pensa a ‘cultura popular’ como ‘folclore’, ou seja, como um conjunto de objetos, práticas e concepções (sobretudo religiosas e estéticas) consideradas tradicionais”. Então, seguindo no

enlaço das palavras de Arantes, várias pessoas em nossa sociedade têm essa visão arraigada sobre a cultura popular, pois são frequentemente informados de que ela só gira em torno das manifestações folclóricas, sendo que existem várias outras formas de representações da cultura popular.

Segundo Machado (2002, p. 339),

a cultura popular, quando entendida como folclore, como tradição, por melhor intenção que se possa inferir dessa postura, é ainda uma maneira de pensá-la no passado. Tal interpretação, geralmente, congela as práticas culturais no tempo, perdendo a pulsação de vida que existe no ato mesmo de sua recriação e, conseqüentemente, seu significado simbólico, que diz respeito aos sujeitos sociais que a vivem, tornando-a apenas uma representação artificial.

Seguindo os pressupostos acerca da cultura popular por meio das palavras de Machado, e tendo como base a Congada, o nosso objeto de estudo, compreendemos que nós só entendemos os rituais dessa manifestação de cultura popular por meio das memórias e reconstruções que foram feitas sobre o passado e são repassadas até hoje para os participantes. Vale ressaltar que essa manifestação que acontece na cidade de Catalão-GO sofre modificações a cada ano, fazendo com que as representações feitas no passado venham perdendo valor, ou, sobretudo, sendo ressignificadas.

Levando em consideração que a cultura popular é uma das formas possíveis de representação de que pessoas ou classes sociais se utilizam para expressar suas vivências e experiências (MACHADO, 2002), buscamos, por meio disso, compreender o sentido da manifestação de cultura popular na cidade de Catalão-GO, a Congada, como uma forma pela qual os seus participantes demonstram para a sociedade suas experiências e vivências. Paraphrasing Paula (2007), a cultura é um modo de o indivíduo ver, sentir e representar o mundo em que se vive.

1.3. Cultura popular em Catalão: a Congada

As Congadas são manifestações de cultura popular que têm suas raízes em várias partes do Brasil, no entanto, neste estudo, apresentaremos apenas a Congada enraizada em Catalão-GO, onde ela expressa a resistência e a persistência da cultura africana não só dentro de uma sociedade de brancos, mas na sociedade como um todo, que busca por meio de suas danças, terços e cantigas, mostrar sua identidade durante os festejos em Louvor a Nossa Senhora do Rosário.

Assim, segundo Bakhtin (1987, p. 223, grifos do autor), “as formas da Festa popular têm os olhos voltados para o *futuro* e apresentam a *sua vitória sobre o passado*, a ‘*idade de ouro*’: a vitória da profusão universal dos bens materiais, da liberdade, da igualdade, da fraternidade”. Nesse sentido, tomamos como exemplo a Festa do Rosário de Catalão, já existente há mais de um século, e que não deixa de lembrar o passado, abarcando sempre os fundadores da Festa que, por sua vez, pensaram no futuro e deixaram para os propagadores de hoje a função de se espelhar no passado, dando novos sentidos à Festa.

Essa manifestação cultural e religiosa acontece na cidade de Catalão-GO durante a primeira quinzena do mês de outubro. Nela, dançadores/devotos saem às ruas para demonstrar seus louvores à Senhora do Rosário, que são reproduzidos por meio de suas rezas, danças e cantigas. A Festa acontece na igreja e nas ruas que a circundam, além dos bairros, onde ficam situados os ternos².

Segundo Brandão (1989):

A Festa quer lembrar. Ela quer ser a memória do que os homens teimam em esquecer – e não devem – fora dela. Séria e necessária, a Festa apenas quer brincar com os sentidos, o sentido e o sentimento. E não existe nada de mais gratuito e urgentemente humano do que exatamente isto (BRANDÃO, 1989, p. 17).

Segundo as palavras de Brandão, compreendemos que a Festa do Rosário é a forma com que os participantes/devotos reavivam, a cada ano, a memória que eles fazem da virgem Maria, pois esse é o momento em que a fé toma conta do sentimento do devoto que a vive, sendo essa uma forma gratuita de recorrer ao sagrado.

Pensando em uma esteira teórica, compreendemos que “[...] quase todas as Festas religiosas possuíam um aspecto cômico popular e público, consagrado também pela tradição. Era o caso, por exemplo, das ‘Festas do templo’, habitualmente acompanhadas de feiras com seu rico cortejo de festejos públicos” (BAKHTIN, 1987, p. 4). Assim, a Festa do Rosário, como parte integrante da manifestação de cultura popular, enquadra-se nos dizeres do autor, pois, não existe só a parte religiosa, mas, também, a folclórica e a social, representada pelas feiras.

Visto que a manifestação que acontece em Catalão-GO é de cunho popular, não podemos esquecer que essa cultura sofre influências das outras culturas (erudita e massa), sendo a cultura de massa uma das suas maiores influenciadoras. Cabe também dizer que os meios de comunicação acabam “interferindo” nas representações populares, pois buscam o

² Terno, nesse caso, são grupos de pessoas, homens e mulheres, crianças, jovens e adultos que dançam para louvar Nossa Senhora do Rosário.

que há de novo para “jogar” nelas, muitas vezes modificando suas dinâmicas, não necessariamente em favor das vontades dos grupos que as fazem.

Segundo Bosi (1992, p. 323-324, com grifos do autor), a cultura popular é vista como “as expressões grupais com um mítico *espírito do povo*”. Compreende-se que a Congada é a forma pela qual os dançadores que dela participam expressarem o verdadeiro sentido da cultura negra enraizada dentro da cultura dominante, refazendo, assim, durante suas performances, a representação da luta do negro pela liberdade, pois damos sentido à “cultura popular como prática local e temporalmente determinada, como atividade dispersa no interior da cultura dominante, como mescla de conformismo e resistência” (CHAUÍ, 1993, p. 43).

Para Bosi (1992):

Cultura popular implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem-mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, a divisão das tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus, os eufemismos, o modo de olhar, o modo de sentar, o modo de andar, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, as Festas de padroeiro, o modo de criar galinha e porco, os modos de plantar feijão, milho e mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir e de chorar de agredir e de consolar [...] (BOSI, 1992, p. 324).

De acordo com os ensinamentos do autor, podemos analisar que todas as nossas práticas vividas no dia-a-dia são consideradas partes da cultura popular que influenciam o nosso modo de viver. A Festa à Nossa Senhora do Rosário, considerada a Santa padroeira da cidade, que acontece todos os anos na primeira quinzena do mês de outubro, é a forma pela qual o devoto designa parte do seu tempo para participar dos festejos da padroeira, dando sentido à religiosidade presente em sua vida.

As manifestações de cultura popular são consideradas parte do mundo autêntico de um indivíduo ou grupo, visto que estão inseridas nas suas relações sociais, econômicas e religiosas, pois essas práticas se manifestam socialmente e linguisticamente em ações, crenças, costumes e objetos que fazem parte da vivência diária dos seus participantes. O mítico espírito do povo faz com que as novenas, as missas, as danças, os meios que fazem parte da Congada de Catalão-GO, tornem-se para os participantes a forma de expressar a cultura popular desse lugar.

Em Catalão-GO, a Festa do Rosário é centenária e, por isso, o velho e o novo congadeiro cumprem, a cada ano, seus deveres com a Santa. As danças, performances e gingados dos dançadores são práticas culturais que são reinventadas, fazendo com que as

raízes dessa manifestação se distanciem um pouco dos primórdios dessa Festa. Com a chegada do novo, partes das representações antigas vão ficando para trás.

Assim, segundo Weil (1979, *apud* BOSI, 1987, p. 16),

o enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pensamentos do futuro.

No entanto, ao se distanciarem, acabam se desenraizando e servindo a outros interesses, sejam eles políticos ou até mesmo como forma de espetáculo para a população, como já ocorre durante a Festa do Rosário, quando os dançadores dançam para “fazer bonito” para as autoridades ou até mesmo com intuito de mostrar o colorido e o “modelito” novo de suas fardas, deixando de lado um dos símbolos principais da Festa, a imagem da Senhora do Rosário.

Para Manoel e De Paula (2013, p. 2):

[...] hoje, os dançadores já não praticam a dança com a mesma devoção de antigamente, na maioria das vezes dançam porque acham bonito, fazem espetáculo para a população, mostram seu gingado através do batido das caixas e do ritmo e, apesar de não dançarem por devoção fervorosa esta pode ser notada, ainda que modestamente.

Assim, os espetáculos feitos pelos dançadores durante os festejos em Louvor à Senhora do Rosário corroboram para o verdadeiro sentido da Festa popular, que faz parte das práticas culturais desses participantes que, por sua vez, usufruem dela na medida em que se tem um significado real. Vale ressaltar que, para a cerimônia de Entrega da Coroa, um dos momentos ápicos da festividade, ocorre num Congódromo, o qual, é montado na Avenida Vinte de Agosto, no centro da cidade, onde, precisamente acontece os espetáculos feitos pela Congada. Entretanto, a Festa é vista como uma prática cultural que hoje está ameaçada, embora, para os dançadores, “é possível crer que as práticas culturais populares possam ser o espaço onde ele se abasteça de si mesmo, nem que seja pelo mínimo fragmento temporal de uma Festa ou de um ato de crença” (MACHADO 2002, p. 344).

Mas, mesmo essa prática cultural estando ameaçada, observamos que os dançadores das Congadas de Catalão, quando dançam, festejam os santos padroeiros e percebemos a alegria estampada no seu rosto, no seu sorriso e em seus olhos. Esses gestos são espontâneos, pois compreendemos que fazem parte das suas orações, dando-se a contemplação aos santos por meio do movimento do corpo do dançador/devoto.

Outro fator que determina e reafirma a fé do congadeiro/devoto são as novenas e missas que acontecem durante a Festa e que determinam o(s) sentido(s) de sua participação nas festividades. Cabe ressaltar que as orações que, num primeiro momento, poderiam fazer pensar no cumprimento dos ritos e prerrogativas da Igreja, integram os rituais da cultura popular. Nas palavras de Machado (2002):

Por essa ótica, a religiosidade popular, suas Festas e representações, permite a esse outro, nosso interlocutor, reaver sua identidade, reconhecer-se na coletividade, rearticular uma memória social esfacelada, solidarizar-se com os outros, descobrir-se no outro. Porque permite o convívio social – amálgama comunitário –, a Festa é um dos momentos de realizar o reencontro com as raízes fundantes, de estabelecer parcerias, de (re) construir uma humanização perdida (MACHADO, 2002, p. 344).

Seguindo as concepções de Machado, a Festa é o momento no qual reencontramos nossas raízes. Sendo assim, compreendemos então que essa manifestação tem no seu seio a fé católica, que é regada pelas necessidades e particularidades do povo que dela participa, pois o povo busca o sagrado como forma de socorro.

Em tempos passados dessa manifestação, os dançadores viviam na periferia³, onde as condições de vida eram difíceis, mas os dançadores trabalhavam durante o ano todo a fim de arrumarem suas fardas e seus instrumentos, para que, quando chegasse o mês de outubro, lá estivessem prontos a fazerem seus louvores à Santa. Hoje, isso ainda é visto, já que a realidade de vários dançadores é a mesma. Muitos ainda moram nas periferias, mas, durante a Festa, têm o privilégio de se tornarem atores de uma manifestação de cultura popular tão importante para a cidade.

Diante disso, vimos que a Festa do Rosário é a forma pela qual não só os dançadores, como os devotos que dela participam, mostram sua devoção à Senhora do Rosário e se fazem reconhecer na comunidade ou na cidade. Essa manifestação cultural representa mais do que o simples cultuar do passado, é uma forma de contemplar o sagrado, reforçando assim a necessidade de manter viva a história desses grupos. A Festa do Rosário, para muitos, é o meio de romper com o cotidiano; mudando a sua rotina, vários dançadores/devotos, inclusive, começam a vivenciar a Festa dias antes do seu início. Contudo,

talvez aí esteja um exemplo único entre nós em que uma figura de mulher, Nossa Senhora do Rosário, é cultuada com folguedos de canto e dança e pode inclusive ser conduzida, como imagem, em estandartes ou mesmo em procissões, acompanhada de grupos de devotos dançantes (BRANDÃO, 1989, p. 32).

³ O “termo periferia sendo usado não apenas no sentido espaço-geográfico, mas social, designando bairros afastados” (CHAUI, 1993, p. 58).

Nesse sentido, compreende-se que a Festa reaviva, todos os anos, vidas e histórias que são acompanhadas pelo tempo, sofrendo suas transformações e tendo suas recriações para que possa se manter viva enquanto prática de cultura popular. Além disso, podemos pensar a Festa além da sua ritualização e comemoração, mas como parte integrante da cultura popular, oportunizando um momento em que os participantes reafirmam sua fé, sendo o festar o fio condutor de muitas histórias vivenciadas pelas famílias participantes.

Para Katrib (2009),

Nas comemorações em louvor à Virgem do Rosário, em Catalão, é possível ouvir cantorias entoadas pelos congadeiros que, no improviso, apresentam mensagens cifradas que reelaboram momentos da trajetória do negro da África para o Brasil ou até mesmo da sua importância étnica para cultura brasileira local (KATRIB, 2006, p. 371).

Outrossim, a Festa é a maneira que o dançador-devoto manifesta sua fé por meio dos louvores feitos à Senhora do Rosário. Assim, é também por meio das cantigas que os dançadores e capitães expressam sua devoção à Santa, pois são formas de entoar cânticos de agradecimentos, de devoção, de tristeza e dor, cantados em vários momentos do festejo, reelaborando assim os momentos de angústia dos negros que vinham da África para o Brasil.

Dessa maneira, diante desses inúmeros aspectos que caracterizam o ato de festejar e louvar a Senhora do Rosário, compreendemos que a Festa do Rosário é uma comemoração que nos permite mais que ser seus expectadores - muito além de ser assistida, ela nos convida a infiltrar no seu interior, interagindo com os rituais que envolvem o sagrado e o profano. Não é demais afirmar que são vários os fatores que mostram que os participantes têm uma identidade dentro das festividades, tornando-a uma Festa que se faz com a participação de toda a população devota. Ela é para o povo, mas só se faz porque se constrói com o povo que dela participa. Neste misto, há pessoas que creem e elegem a Festa como um momento significativo, dando maior credibilidade aos momentos sagrados (terços, missas, cortejos), e outros que veem a Festa como um espaço festivo, fazendo uso do não sagrado, o profano (bares, boates, ranchão), para encontrarem-se nas identidades desta Festa.

1.4 Mito e memória

Ao propormos entender a relação mítica que há dentro das festividades da Senhora do Rosário na cidade de Catalão-GO, buscamos perceber essa relação por meio dos estudos de Chauí, acerca do mito fundador. A Festa do Rosário está relacionada ao mito do achamento da

Santa, que é repassado de geração a geração por meio das memórias orais dos mais velhos na Congada. Assim, a partir dos estudos feitos pelo antropólogo Carlos Rodrigues Brandão sobre a Festa do Rosário, em 1975, é que conhecemos várias versões do mito do achamento da Santa do Rosário, mas optamos por uma única versão, a qual parece ser a mais pertinente dentro do festejo e para os adeptos da Congada até os dias de hoje.

Desde os primórdios dessa manifestação na cidade de Catalão, o refazer do mito acontece todos os anos durante a Festa do Rosário, pois é quando a Congada revive o ritual feito durante o achamento da Senhora do Rosário, que nos é contado por meio das memórias orais. Dessa forma,

se também dizemos mito *fundador* é porque, à maneira de toda *fundatio*, esse mito impõe um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa nunca, que se conserva perenemente presente e, por isso mesmo, não permite o trabalho da diferença temporal e da compreensão do presente enquanto tal (CHAUÍ, 2007, p. 9, destaques da autora).

Assim, compreendemos que o mito do achamento permite que o passado seja conservado, perenemente, ano após ano, pois é por meio do refazer do ritual que a Congada vem se perpetuando por séculos. Vale ressaltar que esse ritual é refeito durante cento e quarenta anos de Festa em Catalão-GO, visto que, como nos coloca Chauí, “um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e idéias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo” (CHAUÍ, 2007, p. 9).

A Congada, sendo participante assídua na Festa de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Catalão-GO, é composta por vinte um ternos de congo, distribuídos entre Congo, Catupés, Vilão, Penacho e Moçambiques. Todos esses ternos têm grande valor dentro dos festejos, mas o Moçambique é considerado o principal na Festa, sem o qual ela não acontece, uma vez que ele tem a responsabilidade de conduzir, para as cerimônias religiosas que compõem o festejo, a imagem e a Coroa de Nossa Senhora, símbolos venerados pelos devotos/ dançadores durante as festividades. Vale ressaltar que todos os ternos refazem o ritual diante da santa, quando adentram na igreja, mas como nos conta e reconta o mito, o Moçambique foi o que obteve a eficácia diante da Santa do Rosário, sendo considerado o guardião dos mistérios.

No estudo feito por Brandão (1985, p. 84), por meio das memórias orais dos mais velhos no âmbito da Congada, ele nos conta que

uma santa apareceu na rocha, algumas pessoas conseguiam vê-la e outras não, o padre celebrava missa no local, levava grupo musical com o intuito de conduzir a santa para uma igreja, ela os acompanhava, mas no outro dia voltava para o rochedo. Foram várias tentativas da parte da igreja e da população, mas foi “Pai João” que visitou a santa e a reconheceu como mãe (mãe dos pretos), dali por diante ele arrebanhou um grupo de pessoas com alguns instrumentos retirados da mata, e reproduziram um ritual próprio em frente à santa, conseguiram retirá-la e colocaram-na numa igreja, onde permanece até hoje.

O ritual do achamento da Santa do Rosário faz parte do mito que rege essa Festa por séculos. Para Campos (1940, *apud* CHAUI, 2007, p. 57), “criamos nosso mito. O mito é uma crença, uma paixão. Não é necessário que seja uma realidade. É realidade efetiva, porque estímulo, esperança, fé, ânimo. Nosso mito é a nação; nossa fé, a grandeza da nação” – a nação da Congada! Assim, no encalço das palavras de Chauí, o mito que nos é passado de geração a geração, sobretudo graças às pessoas mais velhas na Congada, torna-se real para nós, pois é aquilo que faz com que os participantes das festividades, os devotos/dançadores, busquem cada vez mais (re) viver sua fé na Santa do Rosário, vivenciando assim o refazer do mito do achamento, fazendo com que esse ritual não perca seus sentidos e valores nos festejos.

Na mesma direção, segundo Sebe (1986, p. 22), “há uma complexa tradição transformativa das antigas práticas ritualísticas, pelo cristianismo. Não são poucos os mitos, as lendas e os rituais do passado remoto que foram reconstruídos pelos cristãos”. Assim, seguindo os dizeres do autor, compreendemos por intermédio do mito que a prática ritualística que foi feita séculos atrás é refeita até os dias atuais, fazendo parte de uma Festa que pertence à Igreja Católica.

Desta feita, existem outros meios de linguagem, além da verbal, como a corporal, para expressar a identidade de um povo e/ou uma cultura. Nesse sentido, consideramos o que Gregolin (2008, p. 81) nos leva a refletir quando afirma ser “a identidade como efeito de sentido produzido pela e na linguagem”. Assim, a identidade dessa população de devotos/dançadores é também constituída a partir da linguagem por eles expressa nos momentos das danças, performances e louvores à Santa do Rosário, em ocasiões que podem ser vistas as apresentações dos dançadores, expressando sua “marca”, sua origem negra, o que é bastante presente em vários rituais do festejo, “agregando valor” aos rituais de cultura africana, a referência primordial da Festa.

Assim, a Congada é a manifestação em que o negro mostra sua resistência e persistência, tem sua identidade reconstruída por meio dos louvores referidos à santa, mediante as cantigas que evidenciam a importância da valorização da sua identidade no seio

dessa Festa e reafirmam a necessidade da luta pela liberdade, frente aos sofrimentos e humilhações que deixaram e deixam marcas na história do negro no Brasil.

No entanto, ao buscarmos informações no seio da Congada, mais precisamente aos participantes mais velhos, acerca da historicidade dessa Festa, sempre nos é repetido o mito do achamento da santa proposto por Brandão (1985), fazendo contínua a repetição do mesmo. Pois, segundo Chauí (2007):

O mito fundador oferece um repertório inicial de representações da realidade e, em cada momento da formação histórica, esses elementos são reorganizados tanto do ponto de vista de sua hierarquia interna (isto é, qual o elemento principal que comanda os outros) como da ampliação de seu sentido (isto é, novos elementos vêm se acrescentar ao significado primitivo). Assim, as ideologias, que necessariamente acompanham o movimento histórico da formação, alimentam-se das representações produzidas pela fundação, atualizando-as para adequá-las à nova quadra histórica. É exatamente por isso que, sob novas roupagens, o mito pode repetir-se indefinidamente (CHAUÍ, 2007, p. 10).

Diante disso, o mito do achamento é considerado uma invenção histórica e um meio de construção cultural, é visto dentro da festividade como um elemento principal, sendo o fio condutor para as demais manifestações presentes na Festa do Rosário e dá ênfase aos novos elementos que vêm a se acrescentar na festividade, como a inovação dos rituais, as formas ritualísticas e até as cantigas que sofrem suas modificações quanto ao ritmo e à letra. No entanto, compreendemos que é por meio das memórias orais que passamos a conhecer e a refazer o mito que nos é apresentado e reafirmado durante a Festa.

Com o intuito de compreender o sentido do mito que rege a Festa de Nossa Senhora do Rosário, que nos é passado de geração a geração por meio da memória dos integrantes da Congada, é que “nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida” (HALBWACHS, 2006, p. 78), pois a memória materializada na linguagem ganha existência por meio dela e é plena de significados de vida. Além do mais, segundo Le Goff (1990) “a memória se alimenta da história e vice-versa”.

Diante disso, ao propormos um estudo linguístico e ao mesmo tempo cultural, buscamos nos recortes de memórias orais de pessoas que têm um forte envolvimento nas Congadas de Catalão-GO uma investigação da relação tempo e história de vida dos indivíduos que as evocam, uma vez que é a memória que nos permite reconhecer a identidade sociocultural dessas pessoas.

Assumimos que, como mito, a origem da Congada teve seu início no achamento da santa no deserto. O mito, sendo ele o de origem, segundo Le Goff (1990), em geral é o

primeiro domínio no qual se fundamenta a memória coletiva dos povos sem escrita. No entanto, trataremos neste estudo das memórias aprendidas e ensinadas oralmente e que se organizam na escrita, por meio das narrativas. São as memórias que estão inscritas nos dizeres dos mais experientes no âmbito da Congada que acarretam saberes que se repassa(ram) por gerações, pois, “antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória” (ATLAN, 1972 *apud* LE GOFF, 1990, p. 389).

A memória é parte da identificação de um grupo, assim, nós recorreremos aos mais velhos para entendermos a fundo o real sentido dessa manifestação da cultura popular, uma vez que “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 387).

Assim, os rituais da Congada, tomada como parte inerente da manifestação de cultura popular recorrente em Catalão, materializam-se todos os anos pelas impressões, informações e conhecimento do passado que foi vivenciado pelos mais experientes dentro da Congada e são passados para os mais novos até hoje, pois a memória é parte fundamental da vida social dos indivíduos e, sobretudo, destes enquanto grupo que partilha uma prática cultural e religiosa.

A historicidade do surgimento dessa manifestação da cultura popular ou até mesmo do achamento da Senhora do Rosário é recontada por pessoas que buscam propagar para os demais participantes e adeptos da Congada, no intuito de fazê-los parte do mesmo grupo, porque

[...] no primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiverem mais frequentemente em contato com ele (HALBWACHS, 2006, p. 51).

Assim sendo, compreendemos que a rememoração da Festa do Rosário faz parte das experiências dos dançadores que se propagam para os mais novos por meio de histórias e lembranças que são revividas no instante de refazer o ritual durante o festejo, tornando esse ritual parte fundamental e tradicional das festividades.

Desta feita, cada manifestação na vida do ser humano traz memórias, elaboradas e vivenciadas, no convívio das famílias, ao longo de gerações. Deste modo, embora coletiva, a memória tem acesso limitado e seu registro a partir da escrita torna-se uma rememoração do

passado, pois “a memória coletiva retrocede no passado até certo limite, mais ou menos longínquo conforme pertença a esse ou aquele grupo” (HALBWACHS, 2006, p. 133).

Consoante a esse pensamento, a fim de fortalecê-lo, temos nas palavras de Le Goff (1990, p. 414), os seguintes dizeres: “a memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas”. Seguindo as palavras do autor, durante o festejo da Senhora do Rosário, cada terno reevoca o ritual feito no passado, fazendo-o no presente e buscando a perpetuação para o futuro, fixando-o na memória coletiva do grupo.

Outrossim, segundo Halbwachs (2006),

Não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço – o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça (HALBWACHS, 2006, p. 170).

Então, o espaço no qual acontecem as festividades da Senhora do Rosário e os espaços que as circundam são essenciais para revivermos as memórias do passado, já que os rituais estão conservados nas casas dos capitães, nas ruas, na igreja e em seus arredores, fazendo com que nossa imaginação se fixe nas lembranças e estas busquem, a cada instante, vivenciar o verdadeiro sentido da Festa. Assim, os narradores perpetuam, por meios das histórias contadas e pelos rituais feitos, a memória dos integrantes da Congada.

Dessa forma, a memória é plena de significados de vida que se confirmam e usualmente se renovam, sendo ela uma forma de conhecimento e experiência. A memória é o caminho pelo qual o indivíduo percorre a temporalidade de sua vida e, conforme Delgado (2010, p. 63), “a memória humana, apesar de na maior parte das vezes se expressar individualmente, é inesgotável e múltipla. Inscreve-se na dinâmica multicultural da vida, é dilacerada, plural, coletiva”.

Assim sendo,

a memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas – evolui segundo suas leis e, se às vezes determinadas lembranças individuais também a invadem, estas mudam de aparência a partir do momento em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal (HALBWACHS, 2006, p.72).

É por meio das memórias individuais que as lembranças são passadas para o grupo. Nesse estudo, a Congada busca nas memórias dos indivíduos que dela participam o sentido para torná-las em uma memória coletiva, que é propagada para os demais participantes, fazendo-os conhecer a história do achamento da Santa do Rosário.

A história, por sua vez, é parte inerente da memória, visto que ela faz da memória uma de suas principais fontes de conhecimento e cada geração tem o dever de carregar a anterior através da memória. Assim, “concluimos que a história enriquece as representações possíveis da memória; fertiliza a memória, reativando as lembranças” (DELGADO, 2010, p. 66).

Seguindo o raciocínio de Delgado (2010) acerca da história, Halbwachs (2006, p.79), diz que, “por história, devemos entender não uma sucessão cronológica de eventos e datas, mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros”. Dessa forma, durante a Festa do Rosário, as pessoas vivenciam as histórias que advêm desde os primórdios dessa Festa, pois é o momento em que o devoto/dançador rompe com o cotidiano e sai da rotina, é o momento de festejar e de se comprometer com o sagrado. Como nos remete Brandão (1989), “uma Festa popular é a mistura, ao mesmo tempo espontânea e ordenada, de momentos de rezar, cantar, dançar, desfilar, ver, torcer, cantar. Enfim, de ‘Festar’, palavra brasileira que deliciosa e sabidamente resume tudo o que se deve fazer em uma *Festa popular*” (BRANDÃO, 1989, p. 13, grifo do autor).

Cabe então dizer que essas práticas de cultura vivenciadas por cada devoto/dançador sobrevivem até os dias de hoje, pois são memórias que se transmitem e são práticas presentes, reforçadas a cada ritual dos quais eles participam. Essas práticas são parte das lembranças e experiências que sobrevivem por décadas, mesmo os rituais tendo modificações, que são resultados da inserção do novo na Festa.

Assim, ao buscarmos subsídios para entender o verdadeiro sentido de se festejar a Senhora do Rosário, teremos como fator norteador as histórias de pessoas mais velhas da Congada que, por meio de suas memórias orais, levam-nos ao entendimento de que a Congada refaz o ritual do achamento da Santa todos os anos, durante a Festa, pois “é na memória histórica que temos que nos basear” (HALBWACHS, 2006, p. 80).

Diante disso, propusemos neste estudo apresentar parte do nosso *corpus* de pesquisa, tendo em vista que a Congada é um campo rico e amplo de estudos. O conjunto de material está constituído por duas partes: as entrevistas e as cantigas. Aqui, apresentamos as cantigas como forma de linguagem e identidade desse grupo de congadeiros. Dessa feita, visualizaremos em quais desses fatores há maior ocorrência da historicidade do mito.

Enfim, podemos concluir, por ora, que toda língua pertence ao passado, presente e futuro de um povo. Neste estudo, propusemos compreender o sentido da inter-relação língua e cultura, apresentando as manifestações da cultura popular recorrente na cidade de Catalão-GO, as Congadas, buscando conhecer por meio dos estudos de memória o sentido do mito que se torna o *fundatio* da Festa mencionada, compreendido por meio das memórias orais dos integrantes mais velhos da Congada.

1.5 Cantigas: linguagem e identidade de um povo

As cantigas são uma das importantes formas usadas pela Congada para demonstrar seus louvores à Nossa Senhora do Rosário. Por meio delas, entoam-se cânticos de alegria, lamentação, agradecimento, tristeza e dor, sentimentos expressos pelos dançadores que buscam trazer em suas memórias a luta do negro contra o branco.

Muitas dessas cantigas, geralmente, são improvisadas, contendo rimas e um refrão curto. Elas são cantadas pelos capitães que estão comandando o terno naquele momento. Como são entoadas durante a evolução da Congada na rua, existe uma repetição das cantigas para a sua fixação pelos dançadores e pelo público. De modo quase geral, falam sobre as identidades dos dançadores e relembram seus antepassados.

Compreendemos que as cantigas, além de terem o conteúdo da letra, contam com ritmos dos tambores, pandeiros, apitos, chocalhos, reco-reco, dentre outros instrumentos. Vale ressaltar que cada terno possui os seus instrumentos, não raro com especificidades exclusivas, o que torna o ritual ainda mais completo e nos ajuda a entender a identidade social e cultural do dançador. Dessa maneira, a cantiga torna-se um importante elemento de identidade, uma vez que conta com o ritmo dos tambores, chocalhos e outros, que aproximam os rituais africanos aos do catolicismo, reafirmando, mais uma vez, o que chamamos sincretismo religioso.

Deste modo, não só por intermédio das cantigas, mas também das histórias que nos são contadas acerca do mito do achamento da Santa do Rosário, é que compreendemos os sentidos pelos quais acontece o sincretismo religioso, sendo cultuado durante os cânticos, Iemanjá e Nossa Senhora do Rosário, fazendo invocação aos seus antepassados.

No entanto, “uma verdadeira mistura de religião e ritual africano, a fé que se junta à luta pela liberdade. É o espaço que promove a abolição das diferenças, negros, igreja, comércio e elite local, se juntam para transformar a cidade em palco de folclore e tradição” (RIBEIRO, 2014, p. 9). Sendo assim, mesmo com a influência de outras religiões (candomblé

e umbanda), a fé na Santa do Rosário é estampada no rosto de cada um, perceptível nas lágrimas, nos pedidos e agradecimentos feitos durante a festa, sendo visível a união e fazendo com que todos que dela participa, sem distinção de raça e credo, vivenciem a mesma tradição.

Ademias, não só por meio de cantigas, mas também das orações e benzeções, os dançadores cultuam as divindades africanas e os santos do catolicismo, como pedido de proteção para que nada de ruim aconteça durante o festejo. Nesse momento, também é possível ver o sincretismo religioso se configurando na Festa do Rosário.

As cantigas apresentadas no decorrer do nosso estudo foram coletadas por meio de um registro informal durante os festejos de Nossa Senhora do Rosário, na evolução dos ternos pelas ruas da cidade. Também, como integrante da Congada, buscamos a rememoração dessas cantigas na nossa memória musical.

Na cantiga que segue, entoada pelo Moçambique Mamãe do Rosário, terno sobre o qual nos debruçamos em nosso estudo, temos uma cantiga entoada para Ogum (cultuado nas religiões africanas – umbanda e candomblé) e que, na religião católica, é representado pela figura de São Jorge.

*Levante a bandeira Ogum,
Não deixe a demanda entrá,
É hora, é hora, é hora Ogum,
É hora de trabalhar.*

*Ogum olha sua bandeira,
Ela é branca, verde encarnada,
Ogum nos campos de batalha,
Ele venceu a guerra,
Para salva seus filhos.*

*Ora vamos no céu buscar,
Ora vamos no céu buscar,
As correntes da mãe do Rosário, oh Jesus
Ora vamos no céu buscar.*

Essa cantiga é entoada antes de o terno sair às ruas para começar os trabalhos, ou seja, enquanto o batalhão⁴, que vai cumprir suas obrigações durante a Festa do Rosário, se prepara. É importante dizer que esse é o terno que tem obrigação de conduzir a imagem de Nossa Senhora para os momentos principais do festejo. Outrossim, antes que o terno vá para a rua, uma oração é feita para pedir a proteção dos anjos e da Virgem Maria.

Se essa é a forma de pedir proteção aos santos do catolicismo, compreendemos que, além de tudo, a Festa de Nossa Senhora do Rosário pertence à igreja Católica e não a uma

⁴ Batalhão é outra forma de referenciar o terno, onde dançam homens, mulheres, crianças e jovens, com o mesmo intuito que é louvar à Senhora do Rosário.

outra religião, o que não impede de acontecer o que chamamos de sincretismo religioso; pelo contrário, entendemos que a Festa o permite.

Vale ressaltar que cada terno possui sua oração específica, para cada momento e cada lugar, como já fora identificado no estudo de Paula (2000). Na cantiga que segue, também do Moçambique Mamãe do Rosário, podemos contextualizar esta “hora e lugar”:

*Levanta-se Deus,
Intercedendo a sempre Imaculada,
Virgi Maria,
São Miguel arcanjo e toda milícia Celeste,
Que Seja disperso seus inimigos,
E fuja de sua face, todos o que odeiam (3x)*

Logo após essas orações e cânticos, o terno sai da casa do capitão e vai para a rua, entoando suas músicas para Nossa Senhora e outros santos que são cultuados durante o festejo, cumprindo a ritualística da Festa. Por meio das cantigas, é expressa a fé do dançador/devoto, o qual, dois meses antes dos dias principais da Festa, prepara-se na casa do capitão, ensaiando cantigas e coreografias para que saia tudo perfeito nos dias ápices do festejo.

Aqui, uma ressalva se faz necessária para que entendamos melhor a figura participativa do capitão nesse contexto. Para Brandão (1989), os capitães são

Senhores do gesto, entende-se entre esses negros devotos que um *capitão de terno* não deve apenas saber comandar seus guerreiros dançantes; não deve apenas dominar a dança e o canto que ele inicia e os outros em coro, entre instrumentos, devem completar. Entende-se, entre os da muito reduzida confraria de especialistas dos ritos de negros católicos, que ele deve saber fazer com graça, no momento certo, o gesto único e necessário (BRANDÃO, 1989, p. 176, grifos do autor).

Assim, seguindo as palavras do autor, os capitães são pessoas que possuem um “dom” para pegar o seu bastão, comandar o seu batalhão para que todos juntos possam cumprir a missão, que é propagar os louvores à Senhora do Rosário. Ainda para o autor, “o bastão levantado, símbolo conhecido na gramática da Festa como do poder de mestres e capitães; a mão espalmada para o alto, contraparte do gesto de mando: humilde, suplicante. O olhar semicerrado, como que pedindo num lugar longe, terra dos deuses” (BRANDÃO, 1989, p. 182).

Por isso, também, o bastão tem a função de ligar o céu com a terra, o sagrado com o dançador/ devoto. Sendo assim, é por meio do bastão que o terno é comandado, tendo ele uma

função significativa dentro do batalhão. Já dissemos que o capitão é quem tem a posse desse instrumento, o que está intimamente ligado ao fato de ele ser o inventor de cantigas, e também a pessoa que “puxa” os louvores. A cada ano, mesmo sendo entoadas cantigas de anos anteriores, sempre há a criação de novas cantigas durante a evolução do terno.

Nesse sentido, o capitão tem a função de inventar cantigas para que seja propagada a devoção por meio delas. É nesse momento de fé que os capitães sentem uma forte emoção e devoção, resultando nas cantigas das Congadas, que se juntam ao ritual, à dança, à vestimenta e, conseqüentemente, à identidade do terno que está entoando a cantiga. Assim, os capitães levam o dançador a cultivar as divindades, buscando para si o auxílio do sagrado.

Como propagadores da tradição, os capitães levam o dançador a rezar, cantar, pedir e agradecer, por meio das cantigas, as bênçãos da Senhora do Rosário. Assim, pode-se dizer que dentro dos festejos de Nossa Senhora do Rosário acontecem alguns milagres concedidos através das bênçãos da santa, como a cura de uma doença, o livramento de alguma família que estava passando por uma certa dificuldade, dentre outros milagres que são contados por pessoas que receberam tal graça. Esses milagres são vivenciados pelos devotos, dançadores e demais pessoas que participam da Festa, porque, conforme Brandão (1980, p. 140) afirma, “na verdade, muito mais do que o milagre, os sujeitos subalternos esperam da religião a proteção”. Portanto, no decorrer dessa manifestação religiosa e, por meio de suas cantigas e orações, torna-se visível o agradecimento do dançador à santa, quando ele percebe que ela é a proteção para os dançadores/devotos que nela acreditam.

Por meio das cantigas, o capitão, em conjunto com os dançadores, propaga não só a tradição da Festa como relembram a fundação do seu terno. Durante a evolução no Moçambique Mamãe do Rosário na Festa do ano de 2015, em Catalão-GO, foi criada uma cantiga que expressava para a população quanto tempo o terno tinha de existência dentro dos festejos da Senhora do Rosário, refazendo assim a forma ritualística de retirada da santa, assim como foi feito nos primórdios desta manifestação. Vale ressaltar que o Moçambique foi criado no ano de 1951, pelo tão saudoso general Gabriel Gustavo da Silva.

*Ô Sabiá, acordei cedo pra ouvir você canta,
Sou Moçambiqueiro abençoado,
Sessenta anos, este terno é coroado!
Ô Sabiá! (2x)*

As cantigas têm uma função histórica que se mistura com a magia, com a tradição e com a fé, determinantes quando entoadas pelos dançadores. São formas de expressar sua identidade, que se mostra de diversas maneiras dentro da Festa, tendo as cantigas a função de

dar destaque, um *status*⁵ social para a Congada, pois é por meio delas (e da memória musical que elas devem permitir) que a população pode acompanhar e conhecer o sentido dessa Festa, o de louvar a Senhora do Rosário. No entanto, as cantigas entoadas pela Congada, no geral, não são somente para louvar à Senhora do Rosário, pois, longe do espaço da Festa, em ruas mais afastadas, quando o terno vai fazer uma visita, ou almoçar na casa de um devoto, são entoadas canções como “Madalena do Jacu”, de composição de Martinho da Vila, ou canções de cunho sertanejo, como “O Menino da Porteira”, de Sérgio Reis, demonstrando, assim, a inserção de outras cantigas no seio da Congada. Assim, pode ser exemplificada a seguir.

*Madalena, Madalena
 Você é meu bem querê,
 Eu vô falá pra todo mundo,
 Vô falá pra todo mundo,
 Que eu só quero é você.(2x)*

Não é nosso intuito neste trabalho discutir sobre o cunho religioso ou não das cantigas; todavia, lembramos que algumas delas são compostas a partir de paráfrases de músicas sertanejas. Para isso, termos da música original são substituídos pelos nomes de santos, visando a louvar, por meio das cantigas, a Senhora do Rosário e os demais santos cultuados. Na cantiga a seguir entoada pelo terno Catupé Nossa Senhora das Mercês ou Catupé Amarelo, podemos observar uma paráfrase da canção “Voa Beija Flor” de autoria dos cantores sertanejos Jorge e Matheus, como se vê a seguir:

*Voa beija-flô,
 Vai dá seu amô,
 Pra Nossa Senhora,
 Virgem do Rosário,
 Que ti adora.*

Temos insistido, até então, que as Congadas são, originalmente, rituais, africanos sendo o universo musical revelador dessa representação cultural. A maioria das cantigas demonstra a luta do negro escravo pela liberdade, fazendo alusão àqueles que vinham para o Brasil em navios negreiros, os negros que são filhos da Virgem Maria e de São Benedito. Na cantiga entoada pelo Moçambique, podemos perceber essa rememoração do negro lutador.

*Que navio é esse que chegô agora,
 É Moçambiqueiro de Nossa Senhora!*

⁵ Referimo nos - ao *status* que a Congada ganha quando, por meio das cantigas, a memória desta Festa propaga os louvores que são feitos à Nossa Senhora do Rosário nos festejos. Deste modo, as cantigas são formas de identificar o dançador, dando-lhe *status*, pois ele é o responsável por demonstrar para a sociedade que a Festa do Rosário não é uma Festa pagã, como era chamada no início desta Festa na Cidade de Catalão, mas uma Festa que busca propagar suas devoções à Santa do Rosário.

*Que navio é esse que bate bonito,
É Moçambiqueiro de São Benedito!*

*Ô meu São Benetido,
Hoje eu vi a sereia no mar (2x).
Eu joguei o meu barco n'água,
Meus irmão me ajude a remá!*

Sendo assim, compreendemos que no seio dessa Festa secular há vários tipos de cantigas que dão sentido ao festejo. As cantigas demonstram o linguajar da comunidade congadeira que, por meio de rezas e orações, propaga para os demais participantes o seu real intuito: louvar à padroeira dos negros, a Senhora do Rosário. Vimos “em Catalão, que Nossa Senhora do Rosário é uma santa branca, de uma igreja sob o controle de brancos. No entanto, é padroeira dos negros que, em seu nome, produzem uma Festa”, como nos lembra Brandão (1985, p. 88).

Segundo Paula (2000, p. 36), em estudo referente às cantigas, “em função desse seu caráter ritualístico e em função de que quando interrogados sobre a razão de suas cantigas, brincadores⁶ repetem com insistência que elas se definem contextualmente”. Assim, concordamos que os diversos tipos de cantigas podem ser classificados em: “**cantigas de lamentação, cantigas de agradecimento** e as **cantigas de alegria e tristeza** e aquelas de **caráter ritualístico**” (PAULA, 2000, p. 36).

As **cantigas de lamentação** são aquelas entoadas em momentos ápicos do festejo, compostas pela interjeição ai, ai-ai, que faz com que o dançador propague para os “cantos” da cidade que ele é congadeiro e louva, por meio de sua dança, à Senhora do Rosário; lamentando despedidas, mortes, sua história de escravizado dentre outros temas. Nas cantigas seguintes, entoadas na Alvorada – abertura oficial da Festa do Rosário, logo após o apito dos gerais – podemos visualizar esse interesse do dançador em levantar de madrugada para louvar Nossa Senhora e dizer que ele faz parte dessa congregação.

*Levantei de madrugada ai, ai, ai, ai,
Caía garoa fina ai, ai,
Coloquei a minha farda ai, ai, ai, ai,
Pra sair com a Congada ai, ai, ai, ai (2x)*

*Salve esta Casa Santa ai, ai, ai, ai,
Casa santa de morada ai, ai,
De anjinhos Deus menino ai, ai, ai, ai,
Coroando a Mãe amada ai, ai, ai, ai (2x)*

*Adeus ó Virgem Maria ai, ai, ai, ai,
Até o ano que vem ai, ai,*

⁶Brincadores são designados nos dias de hoje como dançadores.

*Quem parte **soluça** e chora ai, ai, ai, ai,
Quem fica **chora** também ai, ai, ai, ai (2x)*

*Eu sô da Congregação, oi,
Da Virgem Maria,
Da Congregação nois somos, oi,
Da Virgem Maria (2x)*

Durante o festejo, há cantigas que a Congada entoa como forma de agradecimento, que é quando fazem visitas na casa de devotos ou aos integrantes do próprio terno, que oferecem um lanche ou almoço como pagamento de uma promessa. Outro momento que a Congada agradece é o café da manhã ou almoço que o festeiro⁷ oferece. Assim, essas cantigas denominadas como **cantigas de agradecimento** podem ser exemplificadas a seguir:

*O agrado que deu,
Não posso paga,
Mamãe do Rosário,
Paga em meu lugá. (2x)*

*Oi Deus deu a Santa graça,
Porque ele é nosso Senhô. (2x)
Oi Deus, deu a nós de cumê,
Deu a nós de bebê,
Oi sem nois merecê. (2x)*

*La no céu tem uma mesa,
A mesa que os anjos come,
Deus lhe pague o vosso agrado,
Que matou a nossa fome. (2x)*

*Panela de barro,
Cuié de madeira (2x)
Comida de São Benedito,
Eita comida qui chera.*

As **cantigas de alegria** são cantigas entoadas no espaço da rua, demonstram a alegria do dançador por estar fardado, louvando à Senhora do Rosário. Outro momento em que essas cantigas são cantadas é quando o terno chega à porta da igreja e avista a imagem da Senhora do Rosário no seu interior e os dançadores dançam com emoção, pois estão diante da Santa padroeira e revivem o momento vivenciado pelos “achadores” da santa do Rosário no deserto.

*Ceguei na Porta da Igreja
Eu fiz o Sinal da Cruz
Beije a image Sagrada
Do meu doce Jesus.*

⁷O festeiro é, na maioria das vezes, branco, tem renome ou uma boa condição financeira, mas, em cento e quarenta anos de Festa, apenas dois dos festeiros eram negros, por motivos de pagamento de promessas às graças recebidas por intermédio da Senhora do Rosário.

*Meu chapéu de painha
Vuou pelo ar,
Oi, caiu nos pé,
Da Mamãe do Rosário (2x)*

As **cantigas de tristeza** são entoadas quando se chega à casa de um devoto ou integrante do terno que já faleceu, fazendo por meio da cantiga memória dessa pessoa, sendo este momento uma forma de expressar à família os sentimentos trazidos pelos dançadores por meio da cantiga. Exemplificando, temos as seguintes cantigas:

*Adeus, camarada adeus,
Adeus, adeus, eu já vô embora, (2x)
Oi, no balanço da água eu vim,
Oi, no balanço da água eu vou embora.*

*Carrero, carrero
Como chamava seu boi,
Seu boi chama saudade
Saudade daquele que se foi. (2x)*

Há, ainda, cantigas que ensejam manter o **caráter ritualístico** das festividades, que desejam demonstrar os louvores feitos à Senhora do Rosário por meio da alegria, da lamentação do dançador, que estão presentes nos dias ápices da Festa. São cantigas entoadas para saudar a bandeira, a imagem de Nossa Senhora e a Coroa, símbolos importantíssimos para a Congada e que contribuem para o refazer do mito do achamento da Santa do Rosário. Vejamos as cantigas seguintes:

*Bandera, bandera
Bandera, bandera
Vou saudar bandera santa
Bandera. (2x)*

*Ó, Senhora do Rusário
Hoje eu canto em seu louvô,
Eu quero sua bença,
Oh mãe querida,
Pra ganhá o seu amô!*

*Oh nobre Coroa,
É hora de entregá
Quando for ano que vem
Nois aqui torna encontrá. (2x)*

*Vou levar nossa bandera,
Ê bandera, ê bandeira.
Puxá, puxá, puxá bandera,
Ô puxá, puxá, puxá bandera.*

Dessa maneira, compreendemos que a Congada ganha a grandiosidade de festejar porque se faz graças à dança, ao gingado e às cantigas dos dançadores à Senhora do Rosário, em um conjunto de práticas que lhe dão a(s) identidade(s) de complexa e popular manifestação de cultura e religiosidade popular. As cantigas são a linguagem do congadeiro que, a partir delas, instaura na sociedade sua identidade cultural e étnica. Elas são adaptadas com a finalidade de relembrar os valores africanos, dando ênfase à luta do negro pela liberdade, e são entoadas nos vários lugares por onde a Congada passa. Em cada espaço-tempo da Festa canta-se uma música para aquela ocasião. Pois “o acontecimento representado tem o caráter de ato cômico de Festa popular. É um jogo livre e alegre, mas dotado de um sentido profundo” (BAKHTIN, 1987, p. 180).

Assim, compreendemos que as cantigas são instrumentos linguísticos propagadores da memória do congadeiro, pois é por meio dela que (re) conhecemos os múltiplos sentidos dessa manifestação da cultura popular. Outro fator determinante é que esta memória não é outra coisa senão o conjunto das memórias particulares que se fazem e refazem na interação das muitas outras memórias, que se mesclam e se interpenetram, seja por ocasião dos rituais ou não, tais como a memória oral dos que a assistem (mas que a fazem também): a(s) memórias dos capitães, dos dançadores, das bandeirinhas, dos apenas devotos, dentre outros.

1.6 Os Moçambiques nas Congadas de Catalão

As Congadas de Catalão, que compõem parte da Festa de Nossa Senhora do Rosário de na cidade, atualmente têm 21 (vinte e um) ternos, distribuídos entre congos, marujeiros, catupecacundas, marinheiros, vilões e moçambiques. Cada terno se constitui de capitão (ou capitã, como é caso do Mariarte, formado exclusivamente por mulheres, além do terno Congo Zé do Gordo, que também tem uma capitã), caixeiros e bandeirinhas. Todos os ternos, geralmente, se apresentam na centenária Festa, conforme os rituais historicamente conhecidos e previamente informados pelo general da Congada, além de eventualmente se apresentarem em ruas da cidade e em residências particulares.

Os dois ternos de Moçambique têm responsabilidades distintas na festividade e ambos são de extrema importância para o acontecimento desta manifestação cultural e religiosa. O Moçambique Mamãe do Rosário, foi criado em 1951, por Gabriel Gustavo da Silva,

posteriormente general⁸ da Congada, e tem a responsabilidade de conduzir a imagem de Nossa Senhora do Rosário durante os cortejos que são recorrentes na Festa, pois ele retira a imagem do âmbito do sagrado, conduzindo-a pelas ruas que são demarcadas para a passagem do cortejo até o largo do Rosário. Vale ressaltar que este terno é o mais velho em relação ao outro terno, Moçambique Coração de Maria, pois tem 65 anos de existência junto à Congada de Catalão.

Já o Moçambique Coração de Maria, criado em 1999 por antigos integrantes do Moçambique Mamãe do Rosário, é responsável por conduzir a Família Real, tais como Rei, Rainha, Príncipes e Princesas, figuras importantes do festejo nos cortejos e cerimônias religiosas. Este Moçambique, juntamente com a Família Real, é responsável por conduzir a Coroa, com o casal festeiro e sua comissão.

Além das diferenças em relação à data de sua criação, os dois Moçambiques desempenham representações distintas nos dias ápices dos rituais. O andor com a imagem de Nossa Senhora do Rosário, um dos símbolos da festividade, é conduzido pelo Moçambique Mamãe do Rosário durante o domingo da Festa e na cerimônia de entrega da coroa. A coroa, outro símbolo do festejo, é conduzida pelo Moçambique Coração de Maria.

No primeiro dia ápice da Festa, o da levantação do mastro, momento quando a Congada leva os santos (Nossa Senhora do Rosário e São Benedito) para a Festa no Largo do Rosário, os ternos, incluindo Moçambique Mamãe do Rosário e Moçambique Coração de Maria, se irmanam na condução das bandeiras em direção ao mastro, centralizado no largo.

Quanto à sua composição visual, os dois ternos se diferem nas vestimentas, mas se igualam nas cores, pois o Moçambique Mamãe do Rosário tem como vestuário roupas brancas, saiotas, faixas cruzadas no peito nas cores rosa, azul e branco e turbantes. Já o Moçambique Coração de Maria usa roupas brancas, faixas cruzadas nas cores rosa e azul, chapéu e bastão. No repertório musical, os instrumentos⁹ e as cantigas de um modo geral são

⁸**General**, refere-se ao “grande capitão”, é ele tem comanda todos os ternos que compõem a Congada de Catalão. É dele o papel de organizar os cortejos durante as cerimônias culturais e religiosas, que adjunta a Festa de Nossa Senhora do Rosário.

⁹ **BASTÃO**-*s.m.* instrumento de uso do capitão; a parte superior é mais grossa ou maior e o pé mais afinado, representando a divindade no topo e os homens na terra; ou também, na Aruanda estão os orixás e nós na terra; o capitão é responsável por fazer a ligação da terra com céu, ou da terra com a Aruanda; objeto sagrado, pelo qual o capitão faz essa ligação mística dentro do terno.

CAIXEIRO - *s.m.* pessoas que toca as caixas, responsável por dar o ritmo dentro do terno; assim como os ganzás, afoxés e pandeiros formam um conjunto de sons.

FAIXAS CRUZADAS-*s.f.* representa o corpo fechado, contra qualquer energia negativa, inveja, mau olhar.

GUIA-*s.f.* são os rosários de Maria; representam os guias espirituais das seitas e religiões afro-brasileiras, sendo os orixás do candomblé ou umbanda; cada guia de cor diferente está relacionada a um orixá, todas elas como forma de proteção.

GUNGA - *s.f.* instrumento colocado nas pernas dos dançadores como forma de guizos, que, ao serem balançados, ecoam um som; simboliza os grilhões que os escravos usavam como tortura.

PATAGUNGA-*s.f.* instrumento tocado com as mãos, emite som de chocalho, parecido com uma bateia de garimpar, representado um instrumento do trabalho escravo.

iguais; apenas o gingado das danças é diferente, pois o Moçambique Mamãe do Rosário tem um gingado mais lento conforme o ritmo dos batuques, enquanto o Moçambique Coração de Maria, por ter um ritmo mais rápido, apresenta passos de dança igualmente mais rápidos.

Em face do exposto neste capítulo, das inter-relações língua-cultura, buscaremos apresentar, no capítulo seguinte, como a metodologia da pesquisa, ou seja, o estudo do método, das etapas e procedimentos permitiram o desenvolvimento deste estudo, apresentando um breve histórico acerca do *locus* da pesquisa, além dos procedimentos de composição e transcrição do *corpus*.

RECO-RECO - *s.m.* instrumento tocado com as mãos, parecido com um chocalho.

SAIOTE- *s.f.* vestimenta de proteção para as pernas; representação dos escravos que eram vendidos como mulheres a fim de valerem um preço maior.

TURBANTE-*s.m.* vestimenta da cabeça que é nossa guia; a cabeça é sagrada, pois pertence ao nosso anjo ou guia espiritual em crença afro-brasileira.

VESTE BRANCA-*s.f.* representa a pureza para carregar Nossa Senhora, seja coroa, bandeira ou reinado. (MANOEL; PAULA, 2013, p. 8-9)



Figura 2 - Coroa de Nossa Senhora do Rosário, símbolo venerado pela Congada, durante os festejos.
Fonte: arquivo pessoal.

II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

*Nego veio chorô,
Nego veio chorô (2x).
De saudade do neguinho,
Que o navio negrero levô*

*Salve Rainha,
Aonde a Senhora está (2x).
Tá no céu, tá na terra,
Tá na beira do mar.*

Consideramos que, no âmbito do saber científico, o conhecimento advém da junção de um método e de um objeto de estudo que seja passível de investigação. Assim, no nosso estudo, o conhecimento construído cientificamente não deve ser apenas um conhecimento empírico da memória dos dançadores, capitães e demais pessoas envolvidas na Congada, mas uma investigação do fenômeno da linguagem oral que, na comunidade em estudo, geralmente é associado ao sagrado. Para dar cabo desta proposição, este estudo tem como material textos orais (narrativas e cantigas) e toma por base a linguagem em incontestável relação com as práticas culturais por ela expressas e por elas constituída.

Antes de propormos um estudo acerca de uma manifestação da cultura popular, cursamos disciplinas que foram importantes para fundamentar esta pesquisa. Em um primeiro momento, cursamos a disciplina que abordou a metodologia da pesquisa e os fundamentos aos estudos da linguagem, nos abrindo um leque de indagações acerca desta temática dentro dos estudos da linguagem. Em um segundo momento, pudemos cursar disciplinas que nos aguçaram ainda mais o interesse por estudar a cultura, a história e a memória dos indivíduos participantes desta pesquisa. Assim, cumprimos disciplinas que tematizaram o estudo da língua e sua relação com a cultura e o discurso, a história e a memória, todas de grande valia para propormos uma discussão científica da memória dos participantes da Congada.

Ademais, para o desenvolvimento adequado da pesquisa científica é fundamental um método que assegure, de forma clara e objetiva, o caminho do conhecimento. Por método, do grego *methodos* (*metha* + *odon*), compreende-se “[...] um conjunto de etapas, ordenadamente dispostas, a serem vencidas na investigação da verdade, no estudo de uma ciência, ou para alcançar determinado fim” (RAMPAZZO, 2002, p. 13). Desta feita, a metodologia não é mais que o estudo do método.

A partir desse entendimento metodológico, esta seção trata dos caminhos da pesquisa, suas etapas e os procedimentos que foram usados para sua realização. Assim, partimos da

contextualização histórica, de modo a situar o *locus* da pesquisa em um contexto maior; por conseguinte, apresentaremos os sujeitos cujas falas gravamos e estudamos. Ao final da seção, descrevemos os procedimentos de transcrição e composição do *corpus*.

2.1 Do *locus* da pesquisa: Goiás e Catalão

A cidade de Catalão no Estado de Goiás é dotada de aspectos socioculturais que são pertinentes para este estudo, sendo um deles a Congada, pois nela há pessoas que buscam manter suas práticas culturais-religiosas condizentes ao nosso objetivo, como os capitães, dançadores, dentre outras pessoas que têm forte envolvimento com esta manifestação cultural e religiosa, que é a Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Para tratarmos em linhas gerais do Estado de Goiás, que se insere no processo de ocupação do território que já ocorria desde meados do século XVI, consideramos que o Estado sofreu o fluxo movido das capitanias litorâneas para o interior. Desta feita, o território goiano surge no cenário colonial mais precisamente em meados do século XVII, quando expedições exploratórias, a mando da Coroa, adentravam o sertão brasileiro em busca de suas riquezas, e de índios para escravização. Diante disso, desencadeou-se a descoberta e extração de ouro nas Minas (atual estado de Minas Gerais) e se esparramou para as regiões de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, não necessariamente nesta ordem (PALACÍN, 1972).

Diante disso, em 3 de julho de 1722, saiu de São Paulo Bartolomeu Bueno da Silva com destino à região onde estavam localizados os índios “Guayazes”, a fim de escravizá-los e extrair riquezas da sua terra. Desta feita, partiram em torno de cento e noventa homens, dentre eles homens de armas, cavaleiros e dois padres. Bartolomeu Bueno da Silva estava bem otimista em relação ao êxito da bandeira, pois já havia realizado esta viagem em companhia de seu pai, o “Anhanguera”, (apelido recebido dos índios, pois havia queimado aguardente frente aos ocupantes daquele lugar, dizendo-lhes ter o poder de queimar as águas dos rios, amedrontando-os para mostrar-lhes onde estava o ouro).

A bandeira caminhou sem dificuldades até as margens do rio Paranaíba, divisa de Minas Gerais com Goiás, atravessando suas imediações onde hoje está a cidade de Catalão. Para a bandeira que viera até o rio Paranaíba, ao adentrar em solo goiano, surgiram-lhes alguns empecilhos, chegando por vezes a perder os marcos deixados há quarenta anos por seu pai; assim, prosseguindo, o bandeirante teria deixado uma grande cruz como marco na Fazenda dos Casados, a qual foi levada à cidade de Goiás Velho, antiga capital do Estado.

Segundo dados do senhor Randolpho Campos, da comitiva da bandeira “fazia parte [...] um espanhol natural da Catalunha, apelidado ‘O Catalão’ que, logo [ao] atravessar o rio Paranaíba, abandonou a bandeira do Anhanguera” (CAMPOS, 1976, p. 35), ficando nesta região próxima ao Córrego do Almoço, criando ali um ponto de pouso, onde hoje é a cidade de Catalão, ao Sudeste do Estado de Goiás.

Deste modo, em meados de julho de 1728 é que deve ter sido fundado este povoado. As primeiras casas foram construídas na hoje conhecida como Rua da Grota, local assim chamado desde tempos remotos, que fica entre o Córrego do Almoço e o riacho que corre dentro de uma grota que vai desaguar na margem esquerda do Pirapitinga. O povoado, portanto, nasceu no Bairro da Grota e a igreja pequena e simples, hoje conhecida como Velha Matriz, foi construída de frente para o povoado, ficando hoje de costas para cidade.

Assim dizendo, entre 1736, quando se tinha notícia do povoado do espanhol o “Catalão”, e 1835, quando se elevou à condição de vila o arraial, pouca coisa se sabe deste município; apenas que existia um “pouso de bandeirantes” e a fazenda do espanhol o “Catalão”, que aos poucos foi sendo conhecida e povoada (CAMPOS, 1976).

A pequena e simples igreja, Velha Matriz, foi um dos locais que sediou a centenária Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário, sendo esta a primeira igreja de Catalão. A atual igreja do Rosário foi construída por volta de 1940 em função da expulsão da Festa da igreja Velha Matriz pelos padres franciscanos. Deste modo, a centenária Festa de Nossa Senhora do Rosário teve início por volta de 1820 quando a cidade de Catalão ainda era uma vila, tendo aquela, hoje, um valor grandioso para a cidade, pois em meio às dificuldades vividas pelos negros/ escravos que por aqui viveram e deixaram seus descendentes, a Festa cresceu e ganhou valor dentro da sociedade.

Diante desta exposição histórica sobre o surgimento desta cidade, buscaremos abranger um pouco da história da Festa de Nossa Senhora do Rosário que, com tamanha dificuldade, superou e supera desafios impostos pela sociedade. É por meio das memórias orais e do mito do achamento da Senhora do Rosário que compreendemos o verdadeiro sentido dessa festividade, movida pela “a fé na Santa do Rosário” (RIBEIRO, 2014).

A Festa de Nossa Senhora do Rosário, que acontece na cidade de Catalão-GO, resulta de uma tradição que reúne elementos africanos e europeus, é organizada por uma irmandade religiosa compostas por leigos devotos, com o intuito de louvar à santa padroeira. A Festa, tendo como parte essencial as Congadas, e como parte efetiva alguns traços de cerimônias reais portuguesas, que teriam vindo do antigo reino do Congo. Ela é, portanto, cheia de

símbolos e rituais e cada participante busca nela um sentido de fé e existência. Assim, a fé, a dança, a alegria, a celebração, o sagrado e o profano fazem a Festa da Senhora do Rosário.

Buscando relatos históricos da Festa aqui estudada, vimos que ela vem da África e é uma herança da luta do negro pela liberdade. Sendo assim, não é por acaso que toda a cerimônia e rituais festivos são realizados por irmandades, tendo em vista, ainda, que a tradição foi iniciada por Chico Rei, com as cerimônias de coroação dos reis negros. A história diz que Gangala (Chico Rei) nasceu na África Central, onde seitas sincréticas, muitas vezes, misturavam o cristianismo com crenças e rituais tradicionais. Mais tarde, ele foi transportado em um navio negreiro com sua família e, posteriormente, comprado pelo Major Augusto, dono da Mina da Encardideira, quando foi batizado e recebeu o nome de cristão – Francisco. Por isso, hoje, em Ouro Preto (MG) está situada a Mina de Chico Rei (ABRÃO, 2015).

Com relatos da trajetória de Chico Rei em Minas Gerais (sendo ele peça fundamental da libertação dos escravos no Estado supracitado e fundador do ciclo congadeiro em Minas Gerais), compreendemos o sentido dos festejos na cidade de Catalão-GO, que teve início com escravos semi-libertos, vindos de Minas Gerais, para manterem vivas suas tradições.

Dessa forma, a Congada catalana tem uma forte influência do Congado Mineiro, mais precisamente, da cidade de Araxá. O maior intuito era que o negro festejasse santos cultuados pelos seus senhores, como São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, considerados os padroeiros dos negros, aos quais eles recorriam nas horas difíceis. Vale ressaltar que, nessas cerimônias, os negros não cultuavam apenas aos santos do catolicismo, mas também adoravam seus orixás, o que deu sentido e origem à crença sincrética, que tem uma existência significativa dentro da Festa do Rosário.

Tempos depois ao início desses festejos em Araxá, Pedro Neto Carneiro Leão, um rico fazendeiro da cidade, casou-se com D. Enriqueta Cristina da Silveira e mudou-se para a região de Catalão-GO. Foi quando fez uma promessa à Senhora do Rosário de que se fosse bem-sucedido nestas terras faria uma Festa em sua homenagem. Anos mais tarde, ao descobrir que estava doente, passou a responsabilidade de cumprir essa promessa ao filho, de apenas nove anos de idade.

Finalmente, Augusto Neto Carneiro cresceu e casou-se, mas, quando iria realizar a promessa feita pelo pai, aconteceu algo inesperado: o vigário da cidade, Pe. Joaquim Manoel de Sousa, não concordou com a realização da Festa. Justificando ser uma Festa pagã, trancou o templo e levou consigo as chaves. Com o passar dos anos, o então coronel Augusto Neto Carneiro arrombou a porta do templo e, junto com ele, outras pessoas começaram uma das maiores Festas do país em louvor à Nossa Senhora do Rosário (MACEDO, 2007).

Ainda que em linhas gerais, após este breve panorama histórico, compreendemos que há a escassez de registros, documentos acerca do início desta cidade e dessa festividade, nos restando datas imprecisas, obstáculo para a contextualização histórica deste lugar e da centenária Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Diante das informações apresentadas acima, os sujeitos da pesquisa ingressam, como veremos adiante, nas condições de serem pessoas que participaram e participam assiduamente das Congadas e da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Assim, por conseguinte, apresentaremos estes sujeitos e uma síntese das visitas, a parte de campo da pesquisa.

2.2 Dos sujeitos da pesquisa

2.2.1 Investigando fontes orais: esboços metodológicos

Tendo como base neste estudo as fontes orais, nesta subseção delineamos os procedimentos metodológicos usados para a delimitação, a composição e a transcrição do *corpus*. A proposta de estudar esta modalidade da língua exige um percurso de verificação do material a ser coletado, pela formalização do estudo, garantindo ao trabalho uma integridade ética (no caso das pesquisas que ainda não disponham de material já construído), até o cotejo dos dados, o qual tem na transcrição da língua oral para a escrita, a chave para chegarmos ao propósito a ser investigado.

O pesquisador, quando se dispõe a estudar textos orais, deve atentar-se a alguns fatores que irão garantir o bom êxito da pesquisa, para ter um *corpus* pertinente aos aspectos linguísticos que se objetiva descrever e analisar. Diante disso, as nossas conversas com os sujeitos da pesquisa se orientaram por meio de um roteiro, sem a necessidade de ser pré-estabelecido, mas que teve como pontapé inicial os temas surgidos na a primeira conversa, que foi fator norteador para as demais. Desse modo, para evitar narrativas livres e desvios da temática proposta, as perguntas foram feitas com relação a experiências dentro da Festa, à santa de devoção, aos rituais que são refeitos durante a Festa, sua função dentro da Congada, dentre vários outros assuntos que fazem parte da Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Segundo Paula (2010, p. 32),

Cumprida a etapa de acesso às fontes e de posse do material, outra questão a ser observada pelo pesquisador é como organizá-las. Ante a vastidão de possibilidades de investigação, mesmo que amparado por um projeto, o estudioso da linguagem se lança à laboriosa tarefa de organizar suas fontes.

Assim, foi importante fazer uma pré-análise do *locus*, a partir do(s) qual(is) buscamos compor o material de pesquisa e verificar se os traços culturais dos sujeitos e o possível material a ser coletado estavam de acordo com o propósito do pesquisador. Isso realizamos em momentos anteriores, nas nossas vivências dentro da Festa de Nossa Senhora do Rosário, em especial na Congada e noutros trabalhos já realizados, tendo-a como campo de pesquisa.

Entendemos, inicialmente, que nos importou como pesquisador os seguintes procedimentos da pesquisa: i) delimitamos uma área de pesquisa – por exemplo, se o objetivo é obter textos orais sobre o linguajar da comunidade congadeira para conhecer a fundo o mito que rege esta Festa, devemos demarcar um espaço onde esses elementos são ocorrentes; ii) definimos o perfil dos narradores – deveria ser dançadores antigos e/ou atuais da Congada, porque supomos que em suas reproduções orais iriam trazer as informações relativas ao assunto proposto; iii) contactamos previamente os indivíduos alvo da pesquisa ou as pessoas que poderiam facilitar o acesso a elas para, depois, visitá-las e assim realizar a conversa.

Assim exposto, descrevemos adiante os procedimentos dos quais lançamos mão na pesquisa das fontes orais.

2.2.2 *Delimitação do corpus e formalização da pesquisa*

O convívio com parte dos indivíduos e o conhecimento de sua vivência na Congada foi fundamental para o nosso estudo. Assim, os textos orais foram obtidos por meio das gravações e compõem o material pelo qual acessamos suas vivências na Congada e suas experiências durante a parte religiosa e folclórica da Festa. Não poderíamos obtê-los por outras fontes, pois estas experiências não estão relatadas em documentos, livros ou revistas etc., mas no narrar dos indivíduos que ainda buscam manter vivas na memória, as histórias ocorridas e vividas por eles antes, durante e depois desta manifestação tão importante para aqueles que dela participam.

Ressaltamos, como nos explana Machado (2002, p. 341), que

[...] para a compreensão das representações mentais, da forma como o imaginário popular e a memória coletiva são construídas, não poderemos deixar de assinalar a importância das entrevistas orais e das histórias de vida, da nossa participação, quando possível, nas Festas populares e religiosas, do nosso envolvimento pessoal com as práticas culturais ainda existentes.

Desta feita, tendo em mãos o material gravado e transcrito, descrevemos e interpretamos os trechos transcritos, dando ênfase às histórias de vidas, de participação dos indivíduos e da nossa, pois vale lembrar aqui que também somos participantes desta

manifestação e que, por isso, parte do que apresentamos aqui não estará isento deste fato, porque não procuramos nos isolar do nosso objeto e porque, se o tentássemos, não conseguiríamos, uma vez que minha identidade se faz por esta condição de congadeiro ativo nas práticas e rituais destas festividades.

A etapa de formalização da pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa (CoEP¹⁰) da UFG consistiu em obter autorização para o registro das falas (gravações de áudio e fotografias), tendo a opção de perguntar aos sujeitos se eles permitiam ou não a divulgação de sua imagem e identificação nos resultados da pesquisa. Nesse processo elaboramos o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (TCLE), a partir do qual explicamos detalhadamente as informações da pesquisa, as suas etapas, os direitos dos sujeitos e solicitamos autorização para gravação e sua assinatura do termo.

Outrossim, segundo Paula (2010, p. 32),

Também há necessidade de autorização prévia para se utilizar fontes orais, exclusivas para a pesquisa, ou seja, construídas para o fim de cumprir uma etapa do projeto de investigação do pesquisador, como gravações de áudio ou filmagens, para sua análise e divulgação de resultados. Os comitês de ética entendem que se os textos orais dizem respeito à vida ou às experiências dos falantes podem significar risco à sua vida. Por isso, carecem de autorização daqueles cujas falas serão gravadas ou de seus responsáveis.

Já no caso de pesquisas que se valem de fontes públicas, isto é, disponibilizadas publicamente, tais como programas de rádio ou de televisão, jornal diário ou semanário, revistas em circulação, obras literárias, Paula (2010a) ressalta que o acesso, na maioria das vezes não carece de autorização. Portanto, esta informação se aplica tanto a fontes orais como às escritas.

Para essa pesquisa de natureza linguístico-antropológica, buscamos por pessoas que tivessem forte envolvimento com a Congada de Catalão-GO, pois possuem maior vivência e experiência com as práticas que propomos estudar. Basicamente, os quesitos norteadores para a escolha das pessoas e para a realização das gravações foram: a) ser participante das Congadas, em especial da Festa de Nossa Senhora do Rosário; b) ser pessoa que tem forte envolvimento nesta Festa, como capitães, dançadores ou bandeirinha de algum dos ternos que compõem a Congada e c) ter tido vivência e experiência durante a preparação que antecede a Festa ou nos dias ápices do festejo.

A intenção foi fazer uma gravação de fala por dia, mas com a boa desenvoltura dos sujeitos durante as gravações, foram feitas até duas gravações por dia. Também foram feitas

¹⁰ Projeto aprovado no CEP da UFG, com o parecer de nº 1.252.442, de 30/09/2015.

gravações com pessoas que já participaram assiduamente dentro da Congada, e que hoje só assistem “de fora” por motivos de saúde, mas trabalharam assiduamente por essa Festa estão fortemente envolvidas nesta manifestação cultural e religiosa.

Feitos os procedimentos supracitados, partimos para a realização das gravações de fala.

2.2.3 Procedimentos de composição do corpus

No momento inicial, observamos alguns cuidados básicos, a saber: 1) verificação e domínio do equipamento de gravação, a fim de evitar qualquer problema técnico que atrapalhasse a gravação das narrativas e 2) uso do gravador de boa qualidade, que tornou a gravação mais nítida e facilitou no processo de transcrição. Durante nossas visitas nos valemos de um aparelho gravador da marca Coby, modelo CXR190- 4G, de uso pessoal.

A gravação de fala propicia uma inventariação do universo sócio-linguístico-cultural permitindo reproduzir a perspectiva de mundo de quem fala. Ao propiciá-la, se o pesquisador pretende registrar uma fala espontânea, o necessário é estabelecer um diálogo descontraído e manter o interlocutor tranquilo e confortável, de maneira a interferir minimamente na conversa e orientá-la, levando-o a dizer os assuntos que interessam tratar.

Durante as visitas, não fizemos só as gravações de fala: também realizamos anotações com observações de algumas reações, gestos, expressões faciais, enfim, elementos não-verbais que não são registrados nas gravações, mas que podem contribuir para a análise e a interpretação dos dados.

Ao término de cada visita, resguardamos o material gravado, armazenando-o, fazendo cópias de segurança em locais restritos a nós, pois ali constam informações pessoais, bem como para não correr o risco de haver pane que corrompesse o arquivo e ocasionasse perda do mesmo.

Todas as visitas foram previamente agendadas via telefone. O contato com os sujeitos não foi difícil pelo fato de sermos também participantes de um dos ternos que compõem a Congada de Catalão e, por isso, sermos conhecidos neste meio. Ademais, observamos que o gravador de áudio pareceu não ser barreira durante os diálogos, sentindo-se os dez (10) sujeitos bem à vontade nas gravações.

É de grande importância ressaltar que vivemos dentro desta manifestação cultural e religiosa há 24 anos, criando e reafirmando com os sujeitos pesquisados um vínculo de amizade. Outro fator de grande valia foi a presença da orientadora da pesquisa durante a primeira visita. Sua experiência adquirida nos trabalhos com fontes orais, inclusive com

sujeitos da região de Catalão, tendo sido um dos seus estudos voltado para as cantigas das Congadas¹¹, permitiu-nos como pesquisador, “entrevistador de primeira viagem”, uma observação do modo como se dá direção a conversa, de modo a aprofundar e a “puxar” certos assuntos, entre outros aspectos fundamentais para o andamento dos diálogos.

Outro fator que devemos expor foi nossas emoções durante as transcrições dos diálogos, pois sendo participante desta Festa, sobretudo das Congadas, ouvindo novamente alguns diálogos, nos emocionamos, choramos e nos arrepiamos com alguns relatos de fé e de devoção dos sujeitos entrevistados para com a santa, bem como revivemos em nossa memória algo parecido ao que se passou conosco durante esses anos de vivência dentro da Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Para referenciar os sujeitos da pesquisa, o fizemos com os nomes reais, uma vez que que, por meio do TCLE, no qual tiveram a opção de aceitar ou não a divulgação de sua identificação, todos, sem exceção, aceitaram divulgar sua identificação, bem como sua imagem nos resultados desta pesquisa. Assim, seguem descrições, com o nome do sujeito, idade, dia e local das gravações:

Entrevista com Benedita Moreira, noventa anos de idade (90), realizada no dia 22 de dezembro de 2015, na cozinha de sua residência na cidade de Catalão-GO.

Após o almoço, numa terça-feira, partimos para a casa da Dona Benedita, onde estavam ela e sua filha, a qual foi mediadora da nossa conversa, tendo ambas nos recebido gentilmente. Depois dos cumprimentos e outras conversas, explicamos o motivo de estarmos ali e iniciamos a gravação. Na maior parte do tempo, a orientadora desta pesquisa foi norteadora do diálogo. Por ser a primeira visita, sem roteiro pré-estruturado, o papel e a companhia da professora orientadora foram de grande importância, uma vez que participar e assistir à prática de uma gravação de fala facilitou bastante para as conseguintes gravações como aluno pesquisador.

Notam-se nas transcrições dessa conversa algumas interferências de carros, por sua casa ser bem próxima à rua. Em certos momentos, houve interferência da filha durante as gravações, chegaram outros filhos que moram em casas no quintal da mãe, por isso, algumas vezes, tivemos que pausar o gravador e interromper o diálogo. Outros momentos em que tal

¹¹ Ver PAULA, Maria Helena de. **Cantigas das Congadas de Catalão** - aspectos linguísticos e identidade cultural. 2000. 120f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Goiânia-GO, 2000.

ocorreu foi quando a própria narradora queria andar pela casa para nos mostrar fotografias da sua vivência e trajetória de vida não só dentro da Festa do Rosário, como em momentos de sua vida pessoal. Todavia, vale ressaltar que isso não atrapalhou o desenrolar da fala da narradora, acerca do seu antigo e recente passado nesta cidade.

Dona Benedita nasceu em Catalão-GO, sempre foi moradora do Bairro Pio Gomes, nas proximidades hoje do supermercado Bretas. Mesmo com a memória um “pouco fraca”, como ela disse, ela nos relatou vários acontecimentos e, por ser uma senhora de noventa anos, expôs um acervo enorme de histórias sobre a sua vida e sobre a centenária Festa do Rosário, fazendo com que ela fugisse ou até mesmo se esquecesse de alguns acontecimentos sobre os quais começara a nos relatar.

Benedita foi a primeira bandeirinha da Congada de Catalão, iniciou-se nesta Festa desde menina, pois ia com a mãe nas novenas e missas. Nos primórdios desta Festa, dançavam somente homens e as mulheres ficam como coadjuvantes, pois eram responsáveis por arrumar as vestimentas dos dançadores. Ela nos conta que:

[...]quando foi pra mim jurá bande[i]ra, a Festa era aqui nessa igreja. Aí el[es] me avisaram, ... o padrim Otálio mandô me avisá[r] que ia tê ãa r[e]união aqui na nova, na velha matriz, nós falava aí era... igreja Nossa Senhora do Rosário, [...] o padrin[ho] Otálio foi, falô assim: *ó Ditinha, cê num vai embora agora não, viu, que eu quero falar co'cê, falei tá. Aí fiquei por ali esperan' né, pra passá a r[e]união del[es], [a]quel[a] coisa, quan[do] [a]cabô, el[e] falô assim: vem cá. Aí, eu vou apresentá ocê como bande[i]rinha, vamo[s] vê se os congo aceita, né... os congo aceita entrá mulhê no mei[o] dos home[m].*

Assim, Benedita nos relatou que foi um momento de grande emoção, pois ela se tornaria a primeira bandeirinha de toda a Congada, com a responsabilidade de carregar o estandarte de Nossa Senhora do Rosário. Ademais, durante toda conversa, ela nos contou várias histórias desta Festa, como a construção da atual Igreja do Rosário, o porquê o Moçambique seria o mais importante terno dentro da Festa, além de nos relatar a historicidade do achamento da santa do Rosário, dando, assim, ênfase às discussões propostas nessa pesquisa. Adiante, na análise, apresentaremos tal discussão.

Permanecemos na casa da narradora durante cinco horas, pois por ser bem idosa e com a memória um pouco lapsa, tinha que voltar em alguns pontos do diálogo para buscarmos subsídios para o objetivo desta pesquisa. Além do mais, conhecemos, no interior de sua casa, seu altar no qual está a imagem de Nossa Senhora do Rosário, da qual Dona Benedita é tão devota, fazendo a santa parte de sua trajetória de vida e para quem ela reza todos os dias um terço, como forma de louvor e agradecimento por sua vida.

Entrevista com Maria da Luz, cinquenta e quatro anos (54), realizada no dia 28 de dezembro de 2015, na sala de sua residência, na cidade de Catalão-GO.

Maria da Luz, mais conhecida como Roxinha, nos recebeu juntamente com sua filha numa tarde de segunda-feira: ela nos esperava na sala de sua casa. Ali, depois de explicado o motivo da visita e todos os trâmites da realização da narração, lido, esclarecido e assinado o TCLE, iniciamos a conversa.

Ao iniciarmos a conversa, tomamos o conhecimento de que a família dela advinha do estado de Minas Gerais, mais precisamente da cidade de Oliveira, mas o seu pai havia dançado quando muito jovem na cidade de Araxá, de onde provém a Festa do Rosário de Catalão. Roxinha nos relatou que nunca dançara Congo, pois “[...] na época meus pais nunca era muito ligado a Festa e num fazia tanta questão de me ajudá a fardá”. Relata que quando tomou uma certa idade, passou a acompanhar o Catupé Nossa Senhora das Mercês (Catupé Amarelo), na função de acompanhadora das bandeirinhas.

Anos mais tarde, começou a fazer parte do Moçambique Coração de Maria, terno que foi criado dentro de sua casa. Lembra que

[...] tava o cumpad[r]e Edson, o cumpad[r]e Antônio Carlos, o Luís meu marido ... o Adriano ... meu filho Vinícius, Leandro [a]inda era bem rapaizin[ho] ainda ... aí tinha ãa série de gente aqui, aí eles foram conversando e resolveram pegá essas caixas e ajuntá o pessoal, pegá as caixa, pegá os outro instrumento que tinha e já foi nomeando as pessoas, como prime[i]ro e segundo, que foi na época cumpad[r]e Antônio Carlos e cumpad[r]e Edson e o Adriano.

Vale ressaltar que o terno foi, na verdade, recriado dentro da sua casa, pois o então Moçambique Coração de Maria era do seu Nino, um grande capitão que fez parte desta Festa, comenta ela. No entanto, o terno havia “morrido” e o atual capitão Antônio Carlos, que dançara no terno do seu Gabriel, o então Moçambique dos Solteiros, que hoje é o Moçambique Mamãe do Rosário, deixou de dançar neste terno para então assumir a responsabilidade do Moçambique Coração de Maria.

Roxinha ainda nos contou sobre sua participação na Festa do Rosário, sendo ela responsável pelos adereços do terno, e hoje dançadora, sendo “gungueira¹²”, dando um

¹² **GUNGA** - *s.f.* instrumento colocado nas pernas dos dançadores como forma de guizos, que, ao serem balançados, ecoam um som; simboliza os grilhões que os escravos usavam como tortura. (MANOEL; PAULA, 2013, p. 238).

valioso exemplo aos seus filhos, que também são atuantes dentro desta Festa. Ademais, a narradora enfatizou também o surgimento desta Festa, dando realce ao mito do achamento da santa, nos apontando o Moçambique como o mais importante terno dentro do festejo, por ter obrigações inalienáveis, como a retirada da imagem de Nossa Senhora, da Coroa e do Reinado.

Ressaltamos que, dentro da Festa do Rosário de Catalão, há a presença de dois Moçambiques, o Moçambique Mamãe do Rosário, que tem como responsabilidade conduzir a imagem de Nossa Senhora do Rosário, e o Moçambique Coração de Maria, que ficou responsável por conduzir o Reinado e a Coroa de Nossa Senhora.

Entrevista com Eduardo Camilo, quarenta e cinco anos (45), realizada dia 29 de dezembro de 2015, na sala da sua residência, na cidade de Catalão-GO.

Foi ao anoitecer de uma terça-feira que Eduardo e sua esposa nos receberam em sua casa. No primeiro momento, explicamos o sentido da nossa visita, e recebendo a autorização, demos início à nossa conversa.

Eduardo começou a participar desta Festa desde o ventre de sua mãe, desde que ele abriu seus olhos para o mundo, pois

[...] isso vei[o] através dos meus antepassado, meus bisavôs, avôs e através da minha mãe e do meu pai. Então, é, minha mãe desde que a gente, nós todos, não só eu, mas todos os meus irmãos, colocô nós todos pra dançá, então desde d'eu pequeno que eu comecei a dançá até nos braços da minha mãe no terno hoje Congregação do Rosário, aonde só se falava o terno de Congo do Pedro Alcino, né.

Segundo ele mesmo nos narrou, Eduardo obteve uma grande trajetória dentro deste festejo, pois foi dançador por muitos anos do terno Congregação do Rosário, mais conhecido hoje na cidade como terno Caixa Preta, considerado um dos melhores ternos de Congo das Congadas de Catalão, vindo até nos dias atuais tentando conservar os ensinamentos do saudoso Pedro Alcino, como ressaltou o narrador.

Eduardo nasceu numa família de grande nome dentro da Congada de Catalão, tendo como tia a saudosa Rainha Carolina, a qual os dançadores tratavam como Dona Carola, pessoa bastante respeitada dentro desta Festa. Uma pessoa que deixou um legado bonito para aqueles que a seguiram, tendo deixado a saudade, por ser muito devota de Nossa Senhora do Rosário e ter sabido grandemente honrar o título que lhe foi confiado. Relembra ele que

[...] a Rainha Carola é irmã da minha mãe, ãa pessoa que nasceu também dentro da irmandade e, eu sô[u] suspeito de falá, que além del[a] sé[r] minha tia, eu tinha ãa afinidade muito grande com el[a] e, el[a] era ãa pessoa que parece que el[a] nasceu pra tal cargo, que el[a] tinha o respeito, el[a] conquistô, el[a] fez por onde, o respeito de todos os dançadores, capitães, respeito muito grande da diretoria e assim el[a] chegava e impunha a presença del[a] ali.

Ademais, após sua trajetória dentro do Congo Congregação do Rosário, Eduardo foi convidado a fazer parte do “time” de capitães do Moçambique Coração de Maria, ao qual se juntou para ajudar a conduzi-lo, permanecendo como capitão-dançador por dois anos. Logo após alguns acontecimentos dentro da família real desta Festa, como a morte do então Rei Eurípedes Rita, a sucessora da Rainha Carola, Eloene Rita, chamou o seu sobrinho Cleiton para assumir a Coroa do Rei e Eduardo foi convidado a ser segundo General no lugar de Cleiton.

Para assumir tal cargo, que tem uma grande importância dentro da Congada, Eduardo, sendo um grande devoto de Nossa Senhora, então pediu

[...] el[a] um tempo, como sempre eu [a]juelhei nos pé de Nossa Senhora do Rosário, pedi um direcionamento, falei olha, já venceu, tá vencen[d]o o meu tempo de dá resposta, eu vô[u] durmi e a Senhora me direciona, se a Senhora achá que isso é pra mim, que eu devo i[r], então amanhã vô[u] decidi, vô[u] amanhecê co' a minha decisão tomada. Eu tava um po[u]co pressionado, muitos capitão me precionan[d]o pra mim i[r]: *nós precisa de você, tal*, mais eu num achei que, num sei. Aí eu peguei o direcionamento, no outro dia eu [a]manhici, co' [a]quel[e] direcionamento, alí fui lá, falei com el[a], el[a] levô meu nome na reunião dos capitão, que é assim procedimento e fez a votação e aí, e assim eu me tornei.

Assim, Eduardo contou-nos várias histórias sobre sua relação com a Festa do Rosário, nos contou que a Senhora do Rosário é uma santa negra, deixando no ar um questionamento, como algo digno de ser pensado pelos congadeiros e pelos estudiosos das Congadas, pois a santa nos é apresentada como uma santa branca, que é padroeira dos negros. Ademais, ele nos relatou sobre o achamento da Santa do Rosário, fator norteador para nossa pesquisa, tendo ele uma grande convicção do mito narrado.

Entrevista com Elzon Arruda, setenta e quatro anos (74), realizada no dia 30 de dezembro de 2015, na mesa da cozinha de sua residência, na cidade de Catalão-GO.

Numa quarta-feira à tarde, o senhor Elzon Arruda nos recebeu na cozinha de sua residência. Após uma breve conversa, na qual foi explicado como ocorreria a entrevista, iniciamos a gravação.

Elzon Arruda tem uma história bonita diante desta Festa, pois seu pai foi um dos propagadores da devoção à Nossa Senhora do Rosário na cidade de Catalão-GO. Sua trajetória dentro da Festa vem de família, teve início com seu pai, pois ele nos disse que,

[...] antes deu nascê, meu pai já participava né, porque meu pai, el[e] teve duas etapa dent[r]o da Festa né, meu pai vei[o], entrô. Porque naquel[a] época todo mundo vinha participá dent[r]o da Festa, pela ãa, promessa, num tinha ninguém que num vinha cumpri a promessa, todo que [vo]cê vê tinha [ũa promessa]. Meu pai foi ãa pessoa que, por ca[u]sa em tempo da duença del[e], minha vó naquel[a] época falô: *olha eu dei [v]ocê pra Nossa Senhora do Rosário, dançá enquanto vida [vo]cê tivê*. [...] Meu pai com doze anos já tava dent[r]o do [congada] [...].

Mediante esta história do pai, em cumprir uma promessa feita por sua avó, Elzon Arruda, após seu nascimento, seguiu a trajetória e a devoção do seu pai, o senhor Geraldo Prego. Além disso, a família Arruda é muito conhecida na cidade pela paixão dedicada ao terno do Prego. Elzon Arruda carrega em seu sangue o peso da família Arruda, família de grande nome dentro da Festa do Rosário e que está à frente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário por muitos anos e que foi responsável por grandes aquisições para esta Festa, como o Salão do Folclore e do Trabalhador, situado no largo do Rosário e uma casa que também fica situada perto do largo.

Foram durante muitos anos responsáveis pela presidência dessa Irmandade, na qual teve uma função maior o seu irmão, o saudoso capitão Edson Arruda, o qual assumiu juntamente com sua irmã Edsônia, no ano de 2003, a Festa de Nossa Senhora do Rosário, tornando toda a família Arruda festeiros desta Festa. Relata seu Elzon que,

[..] Olha, foi ãa coisa a mais né, porque sê dançadô muitos ano, depois sê feste[i]ro e, foi como eu te falei, foi três família negra que fez essa Festa, Zé Hilário, Sabino e nós né! Então foi ãa, pra nós, foi ãa coisa muito marcante, pra nós. Porque sê um feste[i]ro tam[b]ém é um peso inorme né, um peso inorme e graças a Deus nós fizemo a Festa, foi ãa Festa muito boa [...].

Desta feita, com tamanha responsabilidade da família, seu Elzon nos relatou que a base do terno sempre foi a família, pois o terno do Prego é composto por vários membros da família e também por amigos.

Ademais, durante nossa conversa, Elzon nos fez importantes relatos sobre esta Festa, tais que a mudança por conta da inovação, da modernização de vários aspectos dentro da Festa, como os cortejos, missas e procissões. Outro fato que o narrador nos contou foi que o primeiro estandarte, ou melhor dizendo, a primeira bandeira com a estampa de Nossa Senhora do Rosário foi criada pelo seu pai, o saudoso Geraldo Prego, uma vez que, antigamente, antes de todos os ternos, havia à frente a bandeira brasileira. Daí por diante, surgiram todas as outras bandeiras que são usadas nos ternos da Congada de Catalão hoje.

Deste modo, após todas as histórias que nos foram contadas, Elzon Arruda também nos relatou seus conhecimentos acerca do achamento da Senhora Rosário, dizendo-nos que o Moçambique foi o que teve eficácia diante da santa, concebendo-o como o terno mais importante dentro da Congada, pois sem ele a Festa não existiria.

Entrevista com Daniane Moreira, trinta e cinco anos (35), realizada no dia 03 de janeiro de 2016, na sala de sua residência, na cidade de Catalão-GO.

Daniane nos recebeu numa tarde de domingo. Explicamos o motivo da nossa visita, dando-lhe o direcionamento de como iria ocorrer a entrevista e, logo após, iniciamos a gravação.

Notam-se nas transcrições dessa conversa vozes de outras pessoas que estavam em sua residência e também de uma cachorrinha que, às vezes, latia, incomodada com a nossa presença. Assim, em certos momentos, tivemos que pausar o gravador e interromper o diálogo. Outro momento que tivemos que interromper a gravação foi quando a narradora se emocionou bastante ao relatar acontecimentos marcantes de sua vivência dentro da Festa de Nossa Senhora do Rosário.

A narradora nos relatou que começou

[..] a participá dos dois anos de idade que meu pai né, que eu ia com meu pai, desde os dois anos que el[e] me vestia e el[e] que me olhava né, me intregava p[r]as bande[i]rinhas. Porque na época tinha as bande[i]rinhas mais velhas, olhava as mais novinhas né, então el[e] chegava no terno me intregava p[r]as bande[i]rinhas e ao fim do dia el[e] me pegava co' el[as].

Ao expor estas memórias, Daniane se emociona ao descobrir, por meio de nossa conversa, que quem a incentivou realmente a se ingressar nesta Festa foi seu pai, momento em que ela se pôs a pensar o real sentido dessa participação até hoje na Festa do Rosário, pois relembra que seu pai também foi dançador e hoje já é falecido.

Daniane começou a dançar no Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercês (Catupé Amarelo) e nele dançou por dois anos; saiu deste terno porque sua prima faleceu, então dançar naquele terno já não tinha mais graça, conforme nos relata. Após a sua saída, ela se ingressou no Catupé Cacunda Nossa Senhora do Rosário (Catupé Branco), dançando lá durante vinte anos, de onde saiu porque se casou. A narradora ficou sem dançar durante nove anos, ingressando no ano de 2012 no Moçambique Mamãe do Rosário, no qual está até hoje. Ela hoje dança com um instrumento nos pés, a chamada gunga.

Durante sua fala, ela nos diz muito sobre sua devoção à Nossa Senhora do Rosário, que vem de família, desde suas avós até suas filhas, que dão seguimento à sua tradição, mesmo ainda tão novas. Assim, a narradora nos disse que se sente meio confusa em fazer parte desta Festa, porque

[...] desde de criança eu sou católica, mais eu falo pra todo mundo assim que, às vezes eu tenho um pé na umbanda, porque as sensações, realmente tem [a]quel[as] sensações assim, de que quando eu estou no terno dançando, as vezes eu tenho ãa sensação, assim boa, as vezes eu tenho ãa sensação assim, quando alguém tá fazen[d]o algũa coisa ruim. Quando alguém realmente tá fazen[d]o algũa coisa ruim, eu sinto né, [a]quel[a] sensação ruim, então eu começo a ficá com o corpo assim meio pesado né, eu não consigo dançá direito, mais as vezes assim, a sensação tá tão boa que a gente se sente leve, dançan[d]o.

A narradora relata-nos que essa incerteza vem desde sua participação no Moçambique Mamãe do Rosário, pois dentro do terno há muitas influências da religião espírita umbanda, dando sentido ao sincretismo religioso presente na Festa.

Por estar há trinta e cinco anos dentro desta manifestação cultural e religiosa, por ter estudado durante seu magistério sobre as Congadas e por sua busca de aprendizado dentro do terno, a narradora nos relata grandes histórias sobre o surgimento desta Festa, como o mito do achamento e nos fala de uma nova visão que tem sobre a centenária Festa do Rosário em Catalão.

Entrevista com Leonardo Costa Bueno, trinta e oito anos (38), realizada no dia 04 de janeiro de 2016 no Museu da Congada, situado no Centro do Folclore e do Trabalhador, na cidade de Catalão-GO.

Leonardo Bueno nos recebeu no Museu da Congada, que fica no largo do Rosário, numa segunda-feira após o almoço, onde expusemos os passos da entrevista; logo após sua autorização, demos início à nossa conversa. Notam-se, nessa transcrição, alguns ruídos, pois o

Museu da Congada fica localizado no centro da cidade, lugar de grande movimentação de carros.

Leonardo começou sua trajetória dentro da Festa do Rosário desde pequeno, pois sua mãe havia feito uma promessa em que ela o levava nos braços para acompanhar o Catupé Nossa Senhora das Mercês (Catupé Amarelo), pois era um dos ternos mais próximos de sua casa. Mesmo não sendo de uma família que vem da Congada, pois o primeiro a ingressar-se na Congada foi ele, durante sua fala o narrador demonstra que se dedica ao máximo para a realização desta Festa, sendo, inclusive, o atual presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

Diante disso, ele dançou durante quatorze anos no Catupé Amarelo e, como disse, depois foi para o terno

[...] do saudoso seu Pedro Alcino, que é conhecido como Terno Congregação do Rosário, o terno ca[i]xa preta e, é o terno que eu tô até hoje. E comecei ali na file[i]ra, sendo quase que um dos últimos ali, antigamente ixtia ãa ca[i]xa quadrada feita de made[i]ra, que comecei dançan[d]o com ãa ca[i]xa daquel[a], aí depois a gente foi, vai crescen[d]o, vai mudan[d]o, a gente foi passan[d]o já, pulan[d]o de lugá e lugá, de file[i]ra. E um dia nũa visita surgiu ãa vaga pra guia e olhô chamô um, um num quis o outro num quis eu já tava esperan[d]o oportunidade, ora que um num quis eu já pulei lá na frente e dali já fiquei.

Tendo ele criado esse vínculo ainda maior com a Festa da Senhora do Rosário e com uma família do seu Pedro Alcino, ele cresceu e adquiriu experiência dentro do terno Congregação do Rosário e passou a ser capitão deste terno. Algo curioso que Leonardo nos contou foi que, ele sendo branco e o terno composto por noventa por cento de membros da família do Pedro Alcino, e todos eles negros, sua participação representou uma quebra de paradigmas, pois seria o início de uma unidade ainda maior entre o branco e o negro.

Leonardo, depois de criar um vínculo importante com a família do seu Pedro Alcino, recebeu deste saudoso capitão uma responsabilidade grande, pois quando já estava debilitado, seu Pedro Alcino passou-lhe a responsabilidade:

[...] um neto pra tomá conta do terno, e quando el[e] chamô o neto del[e], el[e] me convidô pra junto del[e], pra gente conduzi[r] o terno, porque desde então eu ajudava a fazê as ca[i]xa, a gente ajudava a fazê a torda, que antigamente era de made[i]ra co' lona que fazia a torda onde era os insaio dos terno, que era os barracão, que falava os barracão de insaio. E a gente se dedicava, a gente gostava muito e, com o convite del[e] eu fiquei um po[u]co mei[o] confuso pra sê[r] capitão, porque eu num era da família e fui pegá opinião prime[i]ro em casa; e tudo como na minha família eu num tinha muito quem era de congo, eu fui procurá a família do seu Pedro Alcino, quê

que achava e a dona Mariana foi ãa das pessoas que me aconselhô e a todo momento el[a] colocô de prontidão pra mim ajudá o filho del[a] [...].

Assim, Leonardo passou a ser capitão do terno Congregação do Rosário, função que exerce até hoje, fazendo com que os dançadores propaguem sua devoção à Nossa Senhora do Rosário, como ele nos narrou.

Dentro dessa trajetória como capitão, ele quis ser mais ousado para poder levar o nome da Festa Rosário de Catalão para outros lugares, como o estado de Minas Gerais e também para a cidade de Aparecida-SP. Leonardo assumiu a responsabilidade de ser presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, entidade que cuida de toda a parte folclórica da Festa, sendo a responsável pelos ternos que compõem a Congada.

Leonardo nos relatou essa conquista, e disse que está

[...] na presidência da Irmandade, a gente entrô na eleição de 2006 pra 2007, a gente venceu por trinta e um voto e, quando se fala venceu eu num vejo muito essa palavra, a gente foi agraciado por Nossa Senhora do Rosário pra tê, é, dois anos à frente da intidade pra gente tá tiran[d]o do papel o que a gente pensava que tinha que sê ãa irmandade [...]. Hoje tá fazen[d]o aí onze ano já, esse ano agora de 2016, que a gente tá na presidência da Irmandade, a gente já disputô cinco eleição aqui dent[r]o da Irmandade, tamo à frente aí, de dois em dois ano tem a eleição da diretoria e dos cargo da diretoria da Irmandade. Mais eu, graças a Deus quando entrei, tô até hoje, é porque eu dediquei, eu ten[ho] vontade, eu corro atrás, eu procuro levá pros dançadô, é, que todo mundo é importante pra Irmandade, des'ô mais pequeno até o mais antigo todo mundo é importante, basta cada um sabê conquistá o seu espaço e respeitá.

Leonardo busca propagar, na condição de presidente da Irmandade e capitão, os louvores à Nossa Senhora do Rosário durante todos os eventos feitos pela Irmandade. Há oito anos, ele criou o Encontro da Congada, vindo ternos do estado de Minas Gerais, fazendo junção aos ternos do estado de Goiás. Com esse evento, visualizamos a diferença entre as Congadas Mineiras das Congadas Goianas, mesmo a Congada de Catalão tendo vindo de Minas Gerais. Diante disso, ele expõe os seus conhecimentos sobre o achamento da Senhora do Rosário, remetendo-nos ao objetivo desta pesquisa.

Entrevista com Matheus Henrique Alves, vinte anos (20), realizada no dia 04 de janeiro de 2016, na cozinha de sua residência, na cidade de Catalão-GO.

Matheus Alves nos recebeu no finalzinho da tarde, início de noite na cozinha de sua residência; estando a par de todas as diretrizes da entrevista, deu-nos a autorização e iniciamos a gravação.

Ele é um rapaz novo nesta Festa centenária e dela participa há quase de vinte anos, tendo começado desde pequeno, vindo de uma família que é participante da Congada. Relatamos que começou “[...] com dois anos de idade, no terno de Congo Congregação do Rosário, conhecido como Caixa Preta ou terno do seu Pedro Alcino. E fui influenciado pelo meu pai que também é dançadô e também minha mãe que vem de família já do congado [...] Minha mãe participô no Catupé Amarelo. // El[a] foi bande[i]rinha? // Foi bande[i]rinha”.

Vale ressaltar que Matheus também fez parte do terno Congregação do Rosário durante dezesseis anos. Ele dançava na linha, mas deixou de dançar, pelo motivo de estarem ocorrendo naquela época algumas “relias” dentro do terno e, não concordando com certos acontecimentos, resolveu deixar de dançar, mas não de acompanhar, pois ele é muito devoto de Nossa Senhora do Rosário.

Ademais, Matheus nos relatou que, num determinado tempo de sua trajetória dentro dessa Festa, teve a curiosidade de buscar conhecer melhor esta festividade, e disse-nos que:

[...] Minha curiosidade foi a, foi a origem e a diferença, dos Estados, do Congo pra Moçambique, vilão pra Catupé, essas coisas assim [...] Encontrei várias divergências assim, as principais diferenças foi de Estado [Minas Gerais] pra Estado [Goiás], como os tipos de Moçambique, os tipos de congo, os tipos de vilões são bem diferenciados.

Outrossim, logo após sua “estadia” no terno Congregação do Rosário, Matheus foi convidado para participar do Moçambique São Jorge Guerreiro, que é da cidade de Ouvidor-GO. Ele foi convidado pelo Capitão Diogo, que assim como rege o terno de Ouvidor, também rege o Moçambique Mamãe do Rosário de Catalão. Diante disso, Matheus foi convidado para participar do Mamãe do Rosário, iniciando-se como dançador. Tempos depois, com sua garra, aprendizado e determinação foi convidado a fazer parte do time de Capitães deste terno, como nos relatou.

Segundo ele, seu papel “[...] mais é auxiliá, auxiliá o Diogo, auxiliá o Fabrício, auxiliã[d]o o Cleitão. Tá ali pra escutá as reclamações, o que que pode tá melhorando, é, tá ajudã[d]o na organização dos i[n]strumentos, tá olhando a file[i]ra, essas coisas assim”. Todo esse legado que Matheus vem adquirindo dentro desta Festa, é de se supor que decorra de sua devoção desde o ventre materno, tendo ele a função de propagar os louvores da Senhora do Rosário.

Desta feita, Matheus nos contou de sua trajetória de devoção e participação assídua nessa Festa, dizendo-nos algumas histórias acerca do achamento da santa, referindo-se ao Moçambique como um dos ternos importantes para a Congada e também relatando sua experiência com a religião espírita umbanda, uma vez que, como capitão, necessita também de pedir proteção aos orixás, como já consideramos anteriormente acerca da relação sincrética entre a religião católica e a umbanda na Festa do Rosário.

Entrevista com Aurora Moreira, cinquenta e quatro anos (54), realizada no dia 05 de janeiro de 2016, na sala de sua residência, na cidade de Catalão-GO.

A narradora nos recebeu na manhã de uma terça-feira, na sala de sua residência, sendo explicado a ela novamente como seria a gravação, uma vez que ela já havia acompanhado a entrevista da mãe, dona Benedita. Logo após a explicação e com a sua autorização, iniciamos nossa conversa.

Aurora nos conta que sua participação nessa Festa,

[...]cumeçô minina. Porque a minha vó era juíza dessa Festa, devota demais, participava de todas as novenas enquanto el[a] teve força. E a gente [a]costumava ir com el[a] escundida do meu pai. E o amor foi crescendo, sempre nas reuniões lá de casa a gente juntava, juntava no rabo do fogão pra tomá o cafezin[ho] doce, e aí sempre surgia o assunto de congada e ali el[a] ia passan[d]o as coisas do tempo del[a], a minha mãe passava as del[a], as minhas tia quando tava, passava as del[a] e ia. Depois a minha mãe quando levava a gente pra novena também a file[i]ra fi[lho] ia tudo, eu via os congo eu ficava lo[u]ca.

Observamos, neste relato, que a narradora tem uma participação intensa nesta Festa e busca espelhar-se em outras mulheres, como sua mãe Benedita Moreira, primeira bandeirinha da Congada de Catalão, uma mulher de reconhecido respeito entre os congadeiros.

A narradora tem uma trajetória de participação ativa em todas as partes da Festa: folclórica, religiosa e social. Ela nos contou suas obrigações diante desta Festa e o respeito que ela traz, principalmente por Nossa Senhora do Rosário, da qual é tão devota. A relação afetiva e de fé que foi estabelecida de Aurora com a Festa, ela repassou para os seus filhos, que dançaram enquanto vida tiveram.

Aurora nos contou um acontecimento triste de sua vida, o falecimento de sua filha, que também foi bandeirinha de Nossa Senhora. A filha dançou,

só um ano. // E el[a] faleceu de que? // El[a] foi atropelada. // E como foi esse momento na vida senhora? // Terrível. // Por quê? // Terrível, porque um pai e ãa mãe quando tem um filho, a gente cria os filhos assim, prepara eles pra ficá sem a gente, nunca pra gente ficá sem eles. E era os meus xodó né, meus únicos dois filhos que Deus me deu, e el[a] dançô cumprin[d]o voto, dançô um ano, cumpriu o voto, el[a] cunhicia todos os dançadô do terno del[a], muito pequena, ãa bande[i]rinha e tanto, não quis largá o terno pra nada, por nada, nem prá i[r] em casa descançá e tudo pra el[a] era: *meus irmão lá do Catupé, meus irmão lá do Catupé*.

No entanto, um fato curioso até agora visto é que a maioria das pessoas que inicia uma trajetória no meio da Congada o fez por conta de uma promessa e do seu cumprimento. Assim, antes de sua filha falecer, um mês antes da Festa do Rosário, sendo ela bandeirinha do Catupé Amarelo, pediu que sua mãe fardasse seu irmão no mesmo terno; Aurora atendeu o pedido da filha. Deste modo, quando o Catupé bateu suas caixas pela primeira vez depois daquele momento de dor, a narradora se derramou em lágrimas por lembrar de sua filha. Outro momento inesperado acontecido na vida da narradora foi o falecimento do seu filho, também com quase quatorze anos de idade, de meningite, como nos relatou.

À parte deste momento de dor, Aurora nos narrou a importância na sua vida quando foi convidada para fazer parte do Moçambique Mamãe do Rosário. Até então àquela época, por volta do ano de 2007/2008, mulheres não participavam na linha, dançando, batendo uma caixa, entre outros instrumentos, porque mulher era coadjuvante. No entanto, com a decadência do terno e ante a eminência de este se acabar, o atual General Laudimiro que, naquela época, era capitão junto com o senhor Geraldo Dias, pediu a ele que deixasse entrar mulheres no terno, uma vez que elas estavam com muita vontade de dançar. Diante deste pedido, seu Geraldo aceitou que participassem as três mulheres: Aurora, Dulce e Alda.

Aurora nos relata que essa inserção na Congada foi

[...] Um sonho realizado Cássio, com muito, muito sacrifício, muita luta, porque não tinha mulhé dançan[d]o até então, dançan[d]o na file[i]ra com os home[m], não tinha. [...] Mais assim, um sonho de dançá realizado, porque o terno de Moçambique Mamãe do Rosário estava passan[d]o por um momento muito difícil, quase não tinha dançadô, chegô num ponto que a gente achava que o terno morreria. Então todo mundo comentan[d]o: *o terno de Moçambique num sai, o terno de Moçambique num sai*. E a gente sempre assim inteceden[d]o, rezan[d]o, porque é muito triste quando a gente fica sabem[d]o que um dos nossos terno tá com problema, e todo mundo interceden[d]o”.

A narradora ainda nos contou da sua vivência de fé, da importância de participar das novenas, da emoção de carregar o andor de Nossa Senhora do Rosário e de poder “maia” sua

gunga ou até mesmo bater a caixa. Ela é umbandista, participa de uma religião que não se opõe à religião católica, principalmente dentro desta Festa porque, segundo ela,

[...] todo mundo que me conhece sabe, mais muita gente se engana a respeito da minha religião, porque eles pensa [a]inda que a umbanda é ãa religião que come criancinha no almoço. Mais é falta de conhecimento, assim como é das tradição do congade[i]ro. E dentro da umbanda, Nossa Senhora ocupa um lugá muito especial, é muito respeitada, muito amada, muito querida, tanto que não se faz nada dentro da umbanda, sem rezá pra el[a] prime[i]ro. E ocupa lugá de honra, é considerada ãa das Iemanjás [...].

Diante desse exposto, compreendemos ainda mais o respeito e a devoção de Aurora por Nossa Senhora do Rosário. Ademais, ela nos contou várias histórias de sua religião, seu orixá de devoção e também nos remeteu ao achamento da santa, exaltando o negro que foi vencedor, o que achou Nossa Senhora, considerando o Moçambique um dos ternos mais importante da Festa, pois foi este povo humilde que Nossa Senhora acompanhou, segundo Aurora.

Entrevista com Diogo Gonçalves, vinte e oito anos (28), realizada no dia 05 de janeiro de 2016, na sala de sua residência, na cidade de Catalão-GO.

Foi na tarde de uma terça-feira que Diogo tão bem nos recebeu na sala de sua residência. No primeiro momento, explicamos o motivo da nossa visita, relatando os pontos da entrevista; tendo a autorização, iniciamos a gravação.

Diogo iniciou sua trajetória de fé e devoção desde pequeno, pois nasceu em berço católico, ia às novenas durante a Festa do Rosário com sua avó materna, a qual é muito devota e tem participação assídua, ao longo do ano, na Capela de Nossa Senhora do Rosário, pois mora perto ao templo, nos relata ele. Vale ressaltar que além de atuante dentro da Congada, o narrador faz parte de um grupo de Folia de Reis.

Diante desse exposto, Diogo começou a dançar com oito anos de idade no Catupé Amarelo, terno que fica situado perto da casa de sua avó. Ele é o único da família a tomar iniciativa em dançar congo já que, até então, não havia nela outros praticantes da dança, mas apenas apoiadores desta manifestação. Ele dançou até o ano de 2007 neste terno e depois foi convidado a participar do Moçambique Mamãe do Rosário que, segundo ele,

Na época, é, Moçambique Mamãe do Rosário, da qual, sô[u] capitão né, hoje. O capitão daquel[a] época, no ano de 2008, seu Geraldo Dias já estava muito enfermo, já fraco, e como nós já éramos amigos das Foliás de Reis, das

rezas de terço, da Irmandade, então a gente já tinha um conhecimento, tanto eu com el[e], quanto el[e] comigo. El[e] me fez o convite, o pedido, se um dia eu não poderia ajudá-lo no Moçambique. [...] E houve também incentivo por parte do presidente da Irmandade, o Leonardo Bueno, né, o general Laudemiro, é, também dentro desse contexto, onde eles ficaram felizes e incentivaram sim, é, a i[r] ajudá o seu Geraldo, porque todos eles eram conscientes de que precisava de alguém dá um apoio. Então foi aonde, só após essa conversa que eu falei, não, então se vocês concorda e aprova, eu peço licença pra me retirá do Catupé Amarelo pra i[r] ajudá o seu Geraldo e assim eu fiz.

Contudo, com sua saída do Catupé Amarelo para o Moçambique não lhe fracassou a fé; ao contrário, reforçou ainda mais sua devoção pela Santa do Rosário. Diogo é um capitão diferenciado dentro da Congada, pois leva seus dançadores e demais pessoas que estão apreciando a apresentação do seu terno a propagarem seus louvores a Nossa Senhora do Rosário, santa cultuada pela população de Catalão.

Diogo narra que por meio de sua fé e devoção na Santa do Rosário, ele exerce com muita dedicação a missão que lhe foi confiada, quando se diz que,

Nunca tinha passado na minha cabeça, é, ser um capitão, que por incrível de pareça hoje sen[d]o capitão de Moçambique, quando vô[u] a um terno de Catupé, alguns capitães me chama, pede pra gente fazê a marcação, eu num ten[ho] tanta intimidade em marcar Catupé, em marcar Vilão, como eu tenho em marcar Moçambique e o Congo. Já o Congo num sei se é devido ser, é, ou é marcha ou é um rojão, num sei se tem ãa ligação maior com Moçambique, não sei porque, eu já tenho ãa facilidade maior. Já o Catupé marco, a gente canta e faiz a Festa, mais num é com tamanha sigurança.

Por ser uma pessoa de grande espiritualidade, o narrador exerce sua função de capitão com a mesma responsabilidade. Durante a Festa, quando seu terno está nas ruas, os dançadores percebem a liderança do seu comando, fazendo com que o respeitem e tenham tamanha responsabilidade e reverência pela parte religiosa da Festa. Como narrou Diogo, o único intuito de o terno estar nas ruas é louvar e bendizer o nome de Nossa Senhora do Rosário.

Ademais, no decorrer da conversa, ele nos diz que há a presença forte de um sincretismo religioso dentro da Festa, que a mistura das religiões é perceptível, pois

com certeza, esse sincretismo, fora muito negado pelos nossos antepassados, de forma pública ou explícita até mesmo porque a doutrina espírita de ãa certa forma foi um tanto que perseguida, né! Não só pelas instituições, como pela sociedade de um modo geral, mais os nossos antepassados não falavam, não divulgavam, mais as práticas nunca deixaram de existi[r].

No entanto, ele trabalha esse sincretismo com muito respeito dentro do terno que também é composto por adeptos desta religião, principalmente frequentadores de centros de umbandas e terreiros de candomblé.

Diante disso, o narrador nos expôs sobre a responsabilidade do terno dentro da Festa do Rosário, que nos dias de hoje tem a função de conduzir a imagem de Nossa Senhora do Rosário durante os cortejos, para as celebrações. Ainda nos narrou a história do achamento da santa, tendo o Moçambique a responsabilidade de cumprir a tradição que foi imposta em tempos remotos, refazendo, atualmente, a função de retirar a imagem dos lugares como a igreja para ser carregada pelas ruas da cidade, nos braços de congadeiros e devotos.

Entrevista com Maria do Rosário, sessenta e cinco anos (65), realizada no dia 06 de janeiro de 2016, na sala de sua residência, na cidade de Catalão-GO.

Maria do Rosário nos recebeu em sua casa na manhãzinha de uma quarta-feira, antes mesmo de ela sair para o trabalho. Com isso, expusemos o propósito da nossa visita, como ocorreria nossa conversa. Somente após o esclarecimento e a sua autorização, iniciamos a gravação.

A narradora está inserida dentro desta Festa há mais de cinquenta anos, pois sua participação começou quando ela era pequena “[...] porque meu pai foi um dos prime[i]ro fundador do terno do Vilão aqui, o Vilão I é do meu pai, aí daí pra lá a gente nasceu dentro da congada, [por]que eu sou filha de capitão”. Assim, por meio do relato da narradora, compreendemos que estas outras modalidades de terno, como o Vilão, advêm do estado de Minas Gerais, como toda a nossa Festa.

Durante nossa conversa, Maria do Rosário ressaltou o quanto ela admira a simplicidade que houve em algumas partes da Festa, pois a fé e a devoção eram grandes antigamente, não que hoje não seja, como ela faz questão de reforçar, mas hoje estaria de uma forma diferente. Mesmo assim, ela diz sentir uma alegria enorme em fazer parte desta manifestação, pois além de ter sido bandeirinha, hoje é acompanhadora e responsável por toda ornamentação do terno, como capacetes, chapéus, bandeira, dentre outros adereços e demandas que o terno tiver.

Em meio a um e outro assunto, a narradora se emocionava muito ao rememorar como é fazer parte desta Festa. Ainda, nos diz que chegar o mês de outubro é uma

[...] esperança linda porque a gente já tá naquel[e] clima de Festa, chegô outubro ali o mês, nossa, que bença, gente. Nós vamo fazê a nossa

apresentação, Nossa Senhora vai [a]judá que tudo vai dá certo e dá. E assim o pessoal tem aquel[a] confiança co'a gente, é um aqui pedin[d]o pra arrumá ùa coisa, é o[u]tro pra arrumá o[u]tro, é a ro[u]pa e a gente vai, [vo]cê nem vê passá.

Assim, percebemos que a narradora tem uma relação inquestionável de devoção com a santa padroeira. Durante a Festa, Maria do Rosário é uma das responsáveis pela novena das seis horas da manhã, ao que ela ressaltou que, para ela, a parte mais importante é a religiosa, sem desmerecer as demais.

Ademais, Maria do Rosário, conhecida dentro da Congada por Maria do Pavão, é uma mulher negra que honra a sua raça, pois a mesma diz que se sente “[...] muito gratificada, porque eu sou negra de coração, honro a minha cor e falo pra você, negro não tem que tê preconceito, o que vale é o coração”. Assim, Maria do Pavão exalta a sua cor diante da Congada, revivendo assim a fé do negro escravo.

Outrossim, Maria do Rosário nos conta sobre o achamento da santa, dando ênfase ao Moçambique porque, ao seu ver, é um dos ternos importantes, mas resalta que todos os ternos têm sua importância e valor dentro da Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Com o exposto, objetivamos descrever cada uma das visitas para as gravações de fala, com o fim de enfatizar o contexto da interação com os sujeitos e a nossa percepção deste momento de composição do material da pesquisa, tão denso e intenso de vivências e experiências de fé e reafirmação de uma identidade como congadeiro e como negros e negras. Na seção seguinte, abordaremos alguns aspectos da língua na sua modalidade oral e os procedimentos para sua transcrição, adotados nesta pesquisa.

2.3 A transcrição do *corpus*

Nesta seção, trataremos de uma etapa crucial do estudo de fontes orais, a transcrição do *corpus*. Pois,

a *linguagem* se apresenta, mesmo que potencialmente, com dois aspectos distintos, mas interligados e interdependentes: a *língua*, sistema social de signos existindo em disponibilidade, e a *fala* ou *discurso*, realização num ato individual, concreto e único, do sistema disponível, realizando dessa maneira a faculdade da linguagem (COELHO, 2006, p. 79, destaques do autor).

Assim, entendemos que a língua é um sistema de signos, de natureza social, psíquica, obrigatório para todos os membros de uma comunidade linguística, ou seja, é um código do qual devem se valer todos os indivíduos que fazem parte de um grupo ou de uma comunidade linguística, nas suas comunicações do dia-a-dia, sejam elas escritas ou faladas. No entanto,

não podemos deixar de ressaltar, fazendo alusão aos dizeres de Coelho (2006), a dicotomia saussureana língua/ fala (*langue/ parole*), pois a língua é o sistema de signos, sendo o produto social da linguagem e a fala a concretização da língua pelo indivíduo, a atividade do falante.

Retomamos novamente Coelho (2006, p. 89), que, acerca da competência linguística do falante, compreende que

a língua, em si mesma, existe sob forma de memória coletiva, o que não implica seja essa memória necessariamente apenas psíquica, isto é, o conjunto do que existe linguisticamente no cérebro das pessoas falantes de uma determinada língua. A memória linguística pode ser processos e meios técnicos, como os gráficos – livros, revistas, jornais, coleções de manuscritos –, ou os acústicos – discos, fitas, cassetes, CDs.

O que podemos compreender é que o indivíduo sozinho não registra a língua em sua totalidade, mas apenas parte do que aprende. Desta feita, as informações verbais registradas na nossa pesquisa são trechos de narrativas que demonstram a competência linguística de cada pessoa que participou ou participa da Congada de Catalão, dos aprendizados nas suas experiências, do uso da língua para expressar esses saberes guardados, sobretudo, na memória individual, que se interliga com a memória coletiva. Assim, percebemos uma tendência à “uniformidade”, nas narrativas das pessoas, que compartilham uma vivência, um espaço, uma cultura e uma língua em comum.

Ainda com os dizeres acerca da competência linguística, Coelho (2006) diz que a competência linguística de um indivíduo pode ser oral e/ou escrita, formando no início de uma convivência uma competência oral entre os falantes e só após o convívio dessa pessoa na escola é que se desenvolve a competência escrita. O autor faz algumas considerações sobre a fala e a escrita e, conseqüentemente, do texto oral e do texto escrito, por defender que ambas constituem duas modalidades de um sistema linguístico verbal.

Diante disso, para Paula (2010a, p. 30), ao apresentar parâmetros acerca das fontes de pesquisas linguísticas do português do Brasil, apoia essa ideia quando diz que as fontes de tais estudos “[...] estão na linguagem verbal, na modalidade escrita ou na oral, e que não há duas línguas, uma para cada modalidade: oral e escrito são modos como se manifesta uma determinada língua”.

Desta feita, como estamos tratando especificamente da linguagem verbal, ou seja, de um sistema de signos linguísticos, compreendemos que no plano da linguagem não-verbal, outros meios, como os gestos e as imagens, também podem participar do ato comunicativo. Isso é notório, durante a transcrição do *corpus*, quando fazemos comentários entre parênteses

para indicar alguns aspectos extralinguísticos que são importantes para a compreensão do texto transcrito.

Contudo, quando o estudioso das fontes orais se depara com o momento de transcrever seu material oral, ele deve ter consciência de que é a etapa em que se caracterizam os enfoques e os interesses da pesquisa, uma das razões pelas quais pode ocorrer a dificuldade de uniformizar as normas de transcrição de textos orais (PAULA, 2010a).

Ademais, seguindo essa discussão acerca das normas de transcrição, Paula (2010a, p. 36) reforça que “provavelmente foneticistas e fonólogos consigam normatizar uma chave de transcrição que atenda às suas demandas, mas que podem não ser relevantes para os estudos do léxico, da sintaxe, da morfologia, do discurso”. Assim, compreendemos que os procedimentos de transcrição empregados na pesquisa X ou Y podem ser diferentes, porque carece cada pesquisa de procedimentos específicos.

Outrossim, para obter uma chave de transcrição, com normas bem definidas, é preciso ter em conta, por essência, os anseios da pesquisa, ou seja, os seus interesses, os aspectos linguísticos e não linguísticos que a análise proposta requer que estejam na transcrição. Contudo, o guia do processo de transposição do meio oral para o escrito é o conjunto de normas proposto pelo pesquisador, com base no norte do estudo.

Para trabalhar com o nosso *corpus*, buscamos respaldo nas chaves de transcrição utilizadas por Paula (2007) e Bernardo (2015), quando da transcrição do material oral gravado em suas pesquisas, por admitirmos que estas são adequadas às necessidades de nossa pesquisa. A estas chaves, adicionamos outros três itens que julgamos ser penitente ao nosso material de estudo.

Assim, tendo como base e como fator facilitador do procedimento de transcrição, nos valem do *Express Scribe Transcription Software v 5.85*¹³, em sua versão gratuita. Este programa comporta as funções para controle da velocidade, do volume, de pausas e do retorno ou avanço do áudio; permite digitar o texto das transcrições no próprio espaço da *interface* do programa; salva automaticamente o texto transcrito; gerencia arquivos, dentre outras funções que são eficazes para o processo de transcrição de áudio.

Diante disso, segue abaixo a chave de transcrição com as normas específicas que orientaram essa transferência do material oral para o suporte escrito, a partir das normas propostas por Paula (2007) e Bernardo (2015), exceto as de número 6, 8 e 10, adicionadas por nós na presente pesquisa. Os exemplos foram extraídos do nosso *corpus*.

¹³ O *Express Scribe* é um produto da *NHC Software* projetado para ajudar na transcrição de gravações de áudio. Está disponível na *internet*, possuindo a versão gratuita e paga, pelo *link*: < <http://www.nhc.com.au/scribe/>>.

1. **(comentário)**: usamos texto em itálico entre parênteses para indicar comentários externos à fala do narrador ou para completar informações, de modo a compreender o ato comunicativo. Exemplo: “Depois a minha mãe quando levava a gente pra novena também a file[i]ra fi[lho] ia tudo, eu via os congo eu ficava lo[u]ca (*risos*)”. (Aurora – 54 anos).
2. **[palavra(s) completa (s)]**: indica supressão de palavra(s) completa(s) que pode(m) ser recuperadas (s) no contexto. Exemplo: “Custurá aquel[as] camisa, calça, e[la]s custuran' e nós na custura de mão, capacete, usava era uns capacete bonito mesmo, tudo bordado com conta [de lágrima], era muito bonito os capacete”. (Benedita – 90 anos).
3. **[parte da palavra]**: indica sílabas e/ou fonemas suprimidos na fala, mas que devem ser explicitados para permitir a compreensão e, do mesmo modo, evitar a confusão com outras formas transcritas. Exemplo: “Eu, é, antes deu nascê, meu pai já participava né, porque meu pai, el[e] teve duas etapa dent[r]o da Festa né, meu pai vei[o], entrô”. (Elzon – 74 anos).
4. utilizamos a inserção de **apóstrofo**, normalmente, no início ou no fim de palavras, para indicar supressão de parte da palavra que não compromete o entendimento. Exemplo: “Meu papel é muito importante, eu sô[u] aquel[a] pessoa que junto co' meu marido comando tudo, eu participo de tudo, participo dos terço na Festa do Rosário, inclusive eu ajudo os minino na parte da manhã”. (Maria do Rosário – 65 anos).
5. **Trechos de diálogos diretos**: apresentamos textos em itálico para indicar trechos de discursos diretos inseridos pelo sujeito no fluxo narrativo. Exemplo: “E como eu fui crescen[d]o aos sete, oito anos, minha mãe resolveu falô: *não, o jeito é deixá o Diogo dançá, porque gosta muito*”. (Diogo – 28 anos).
6. **<trechos cantados>**: apresentamos texto em itálico e entre colchetes angulares para indicar trechos de cantos. Exemplo: “<Oi sabiá, acordei cedo para ouvir você cantá, Moçambique[i]ro abençoado, sessenta anos este terno é coroado>”. (Matheus – 22 anos).
7. **...** indica pausas, características do fluxo narrativo. Exemplo: “É, assim eu chego até um po[u]co assim a me emocioná, porque na minha casa tem ãa Nossa Senhora (*choro*) ... e eu todos os dias, eu vejo, eu falo co' el[a] e a impressão que me dá, que el[a] sorri, quando el[a] tá alegre co' as coisa que eu falo, el[a] sorri ... e eu olho pra el[a] também e lembro muito do meu pai (*choro*) ...”. (Daniane – 35 anos).
8. **// //** indica trechos com interferência durante o fluxo de fala do narrador, do pesquisador ou de outras vozes simultâneas. Exemplo: “Da minha família, fui a prime[i]ra. Meu pai dançô ãa vez em Araxá, na época, muito jovem, depois nunca mais. // Seu pai era de Araxá? // Meu pai

era da região de Minas, Oliveira. // E lá tinha congada também, será? // Tinha”. (Maria da Luz – 54 anos).

9. /.../ indica trechos e palavras incompreensíveis, geralmente, em razão de interferências de sons externos à fala do narrador ou de outras vozes simultâneas. Exemplo: “[...]/ Era muita história que a senhora escutava? // A, eu escutei muita história ... da minha família, mais a gente que trabaiá sô, a gente num pode ficá até tarde, sem dormi né! Pricisa de trabaiá /.../ // Então quer dizê que Nossa Senhora pediu pros escravos cuidá da coroa? //”. (Benedita – 90 anos).

10. /// indica trechos de orações rezadas por integrantes da Congada. Exemplo: “/// O sol invém sain[d]o, os inimigos também, só que não pode conosco, quem pode conosco é Jesus e mais ninguém. Com dois eu vejo, com três eu incanto, com as três pessoa da Santíssima Trindade, São Jorge Guerre[i]ro, santa Joana D'arc eu quebro todo encanto. Levante-se Deus intercedendo a sempre bem aventura sempre virgi Maria, São Miguel Arcanjo e toda milícia celeste, que sejam dispersos os nossos inimigos e fuja de nossa face todos que nos odeiam. Onde Deus passa, nada imbarça, onde Deus passô nada imbaraçô. ///”. (Diogo – 28 anos).

Além dos recursos supracitados para marcar perdas e acréscimos em posição inicial, medial e final das palavras, há palavras cuja pronúncia mantivemos na transcrição gráfica, pois isso não prejudica o entendimento do leitor, como nos exemplos: *nóis, tá, tava, né, padrim, virgi*. Outrossim, preservamos a pronúncia de rotacismos, monotongações, alçamentos, despalatizações: *quarquê, contô, chegô, falá, inserido* (PAULA, 2007; BERNARDO 2015).

Diante disso, com o material transcrito e revisado, selecionamos as ocorrências do mito do achamento da Santa do Rosário, conforme as narrativas dos sujeitos desta pesquisa de campo, além de buscarmos conhecer onde houve a ocorrência deste mito e como ele foi narrado.

Por meio desta pesquisa, mesmo já sendo congadeiro, passamos a conhecer mais profundamente a vivência e a devoção destes homens e mulheres na Festa de Nossa Senhora do Rosário. Para dar sequência ao nosso estudo, apresentamos uma pré-seleção do *corpus*, assinalando as práticas culturais e religiosas, por meio de um “enredo mítico”, que será abordado mais adiante.

2.4 Composição do *corpus* e organização dos dados

No nosso *corpus*, contamos com diferentes ocorrências de composições orais com características peculiares. Durante as referências a estas composições ao longo do nosso estudo, principalmente após a pesquisa de campo e a transcrição do *corpus*, pudemos observar experiências importantes vivenciadas pelos narradores.

Ao iniciarmos nossa pesquisa de campo para compor o *corpus*, propusemo-nos a colher informações acerca do surgimento da Festa de Nossa Senhora do Rosário por meio das pessoas que tiveram e têm forte envolvimento nesta Festa, sobretudo os capitães, bandeirinhas, dançadores e seguidores das Congadas.

Em um segundo momento, após a primeira visita, sem um roteiro pré-estabelecido como esclarecemos anteriormente, buscamos compreender o sentimento/sensação do (a) congadeiro (a) em fazer parte desta Festa, a sua devoção, as suas experiências e vivências dentro desta manifestação cultural e religiosa, dentre outros assuntos que foram surgindo de acordo com o “andar” da conversa. Diante deste exposto, compreendemos, por meio das palavras de Benjamin (1936, p. 221, grifos do autor), que,

o narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la *inteira*. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. [...] O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo.

Disso, depreendemos que, em geral, todos os que nos narraram parte de suas vidas contaram-na por inteiro, proporcionando-nos vivenciar suas experiências não só dentro desta Festa, mas suas experiências de vida, levando-nos a compreender o seu verdadeiro sentido de viver, pois assim como nos coloca Benjamin (1936, p. 231) “o grande narrador tem sempre suas raízes no povo”. Todos os que nos contaram sobre suas experiências têm suas raízes fixadas nas histórias contadas pelos seus antepassados, fazendo-nos vivenciar suas raízes sociais e culturais.

Contudo, como todo material cuja natureza de composição se assemelha a este, há partes gravadas absolutamente descartáveis como os antecedentes da narrativa em si, interrupções de terceiros que, inesperadamente, adentram no local da pesquisa no momento da gravação e outros. Por isso, nosso *corpus* foi constituído a partir do que selecionamos das transcrições das narrativas, como: i) dizeres acerca de sua função dentro das Congadas, e/ou o seu papel dentro do terno do qual participa; ii) “dimensões” de sua devoção por Nossa Senhora do Rosário; iii) buscamos compreender por meio das narrativas o porquê da participação e os distintos papéis dos ternos que compõem a Congada de Catalão-GO, durante o festejo da Senhora do Rosário; iv) dados sobre o surgimento desta Festa, por meio das

histórias que foram repassadas a estes narradores; v) os lugares por onde passara esta Festa, para fazer uma comparação da Festa de Catalão com a que acontece nas cidades circunvizinhas.

Assim, com os dados previamente selecionados, expusemos, por meio de um “enredo mítico”, conceito que não criamos, mas adaptamos a partir de leituras pregressas de teoria da narrativa e do que Chauí (2007) chama de mito fundador, para facilitar a compreensão daquilo que é nosso objeto de estudo, o mito do achamento da santa do Rosário, tomando para o estudo as Congadas de Catalão, que todos os anos propaga o reforço do mito.

Não almejamos, nessa seção, expor os passos de organização dos dados, assim como descrever o real significado do “enredo mítico”, visto que o faremos mais adiante. Pretendemos esclarecer como compusemos o *corpus* e como este modo de compor o material de nosso estudo se deu embasado na busca por compreender o sentido da participação dos narradores, os sujeitos participantes, considerando o que nos foi contado, referindo-nos ao linguajar destes indivíduos tal como o enunciaram a nós e a seus aspectos culturais. Ademais, iremos expor um organograma para maior entendimento do “enredo mítico”.



Figura 3 - Moçambique Mamãe do Rosário, em evolução pelas ruas da cidade, durante a Festa do ano de 2016.
Fonte: arquivo pessoal

III CORPUS: DESCRIÇÃO DOS DADOS

*Lá no alto de São Binidito,
Onde o sol e a lua lumeiá,
Lá no céu tem um cruze[i]ro,
Onde Nossa Senhora passeiá.*

*Quando amanheci o dia, meu bataião
No céu, uma estrela brilha em meu coração,
Ó Senhora do Rosário e São Binidito
Abençoe a nossa Festa e nossos irmão.*

Para levar a cabo um estudo de linguagem, faculdade humana para a comunicação e de natureza abstrata, faz-se necessário um material que realize concretamente a língua. Por isto, são essenciais as gravações de fala (narrativas, cantigas) que, no nosso caso, foram transcritas por entendermos que a escrita facilitará o manuseio e análise de dados. Ou seja, do todo foram escolhidos passagens e segmentos que representem linguisticamente a história do mito do achamento, regedor da festividade, dentre outras experiências dos narradores.

No propósito de compreender o mito do achamento da Santa do Rosário, que rege a Festa de Nossa Senhora do Rosário, apresentaremos a seguir como os dados foram organizados e a sua descrição. A princípio, nossa proposta de análise é recortar nas narrativas passagens onde há maior evidência do mito, sobretudo nos dias principais da Festa, consistindo-se nos dias ápices: a Levantação da Bandeira, o Domingo da Festa e a Entrega da Coroa.

O material de nosso estudo constitui-se de cantigas e narrativas orais, investigadas para compreendermos o refazer do mito durante a Festa pelos ternos que compõem a Congada. Buscamos, por meio delas, entender como o linguajar da comunidade congadeira confirma (ou não) a inter-relação língua-cultura, pois reconhecemos que cada participante da Congada é construtor dessa prática cultural, por meio da sua vida e da convivência com os demais integrantes.

Dentre todos os meios, suportes e momentos de divulgar a centenária Festa do Rosário, certamente após a recolha dos dados e sua análise, pudemos compreender que é por meio das narrativas e das cantigas que o mito do achamento tem maior evidência e se faz linguisticamente mais reavivado. É por meio das narrativas que as pessoas manifestam o forte envolvimento que têm na Congada, narram e relatam várias histórias e momentos ritualísticos que lhes foram ensinados, além de buscarem repassá-los ainda às gerações que estão envolvidas nesta Festa. Vale ressaltar que os critérios para selecionar os narradores, dos quais

colhemos suas narrativas, foram que eles tivessem faixas etárias diferentes, entre jovens, adultos e idosos.

Já as cantigas, outro material norteador do nosso trabalho, não menos importante do que as narrativas, são cantadas somente nos momentos de alegria do terno na rua ou em meio aos cortejos que fazem parte do ritual da Festa, podendo ser entoadas nesses momentos específicos e depois não mais. Lembramos, também, que elas são entoadas pelo capitão e reafirmadas pelos dançadores que, em conjunto, por meio desse linguajar da Congada, propagam esta prática cultural. São eles que ajudam os demais participantes a entoar seus louvores à Senhora do Rosário.

Durante a pesquisa, buscamos subsídios nas histórias e experiências de vida das pessoas que são muito significativas à Festa, atentando-nos para o perfil de pessoas que têm ou tiveram importância para a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, a instituição responsável por toda parte religiosa e folclórica da Festa. No entanto, vale ressaltar que sem a exceção de qualquer participante, todos são importantes para a Irmandade e, juntos, fazem a Festa e propagam as tradicionais Congadas de Catalão.

Sob esta perspectiva e dando seguimento à descrição dos dados da pesquisa, apresentamos as etapas e procedimentos de como nossos dados foram organizados.

3.1 Modo de organização dos dados

Na proposta de organizar os dados do nosso estudo, buscamos subsídios na teoria da narrativa, sem nos ater à terminologia específica da literatura, mas de modo a pensar como se dá construção do enredo do mito do achamento, tendo em vista que todas as histórias dos sujeitos da pesquisa apontam para um acontecimento, o “achamento da Santa do Rosário”. É possível identificar claramente personagens, eus/ enunciadores, espaço e tempo e o porquê dos acontecimentos. É nesse sentido que, em falta de nome mais apropriado e sem ter como objetivo problematizar a teoria da narrativa comum aos estudos sobre o tema, estamos denominando aqui essa tessitura de fatos como *enredo mítico do achamento da Santa do Rosário* no contexto das Congadas de Catalão.

Para caracterizar o que estamos chamando de *enredo mítico*, tampouco recorreremos à teoria da narrativa, que toma o mito como um conjunto de elementos das epopeias e das tragédias. Ao contrário, recorreremos a Chauí, quando concebe o caráter fundador dos mitos nas vidas humanas. Assim, explicitamos que consideramos o enredo mítico por meio da abordagem das relações linguístico-históricas do mito do achamento da Santa do Rosário e

como ele é fundador na identidade que se constrói e constituiu sobre a Congada e os congadeiros, sobretudo sobre o Moçambique Mamãe do Rosário. Para tanto, vejam, de modo mais detalhado, o proposto, sobretudo no seu organograma logo adiante.

Na perspectiva sistêmica, tomemos o primeiro elemento do enredo mítico, no qual apresentam-se os seus *personagens*, sendo primordial a imagem de Nossa Senhora do Rosário, a qual é a personagem principal de toda essa Festa, pois, por meio do seu “achamento”, ternos, como o Congo, foram até o rochedo para tentar sua retirada, mas foi o Moçambique que teve a eficácia plena diante da Santa, retirando-a e colocando-a em uma igreja. Assim, a Nossa Senhora do Rosário e aqueles que cantaram para ela (hoje os ternos da Congada) constituem o *quem* desse enredo.

O segundo elemento apresenta o *modo* pelo qual é refeito o mito, em que os ternos vão até a igreja (sagrado), retiram os símbolos, o andor com a imagem de Nossa Senhora do Rosário e a coroa, os conduz pelas ruas (ambiente profano) em forma de cortejo (um terno seguindo o outro), fazendo, por meio dessa repetição, o reforço do mito, uma vez que representam o achamento da Santa do Rosário no rochedo e os movimentos feitos para sua retirada, veneração e, por fim, o consentimento da santa de acompanhar os dançadores. Vale ressaltar que todos os ternos conduzem os símbolos, como no passado fizeram, mas apenas um terno tem autoridade para conduzi-la, como também no passado, o Moçambique que ela acompanhou.

Já o terceiro elemento narrativo do enredo leva-nos a visualizar o espaço, os lugares dos movimentos desta representação, em que a África é lugar do início desta manifestação que, por meio de escravos vindos de países africanos aportados no Brasil, teve ressignificadas suas crenças e costumes. Desta feita, o mito se reconstrói em Goiás, vindo de Minas Gerais, quando, já dissemos anteriormente, o filho do fazendeiro vem para Catalão e precisa cumprir os votos do pai. Inicialmente, restrita à zona rural, a Congada ganha a rua e, por fim, a igreja. Ressaltamos que tanto as narrativas quanto as cantigas reforçam este cenário mítico, dinâmico e repetitivo, garantindo ao mito permanência ao longo do tempo.

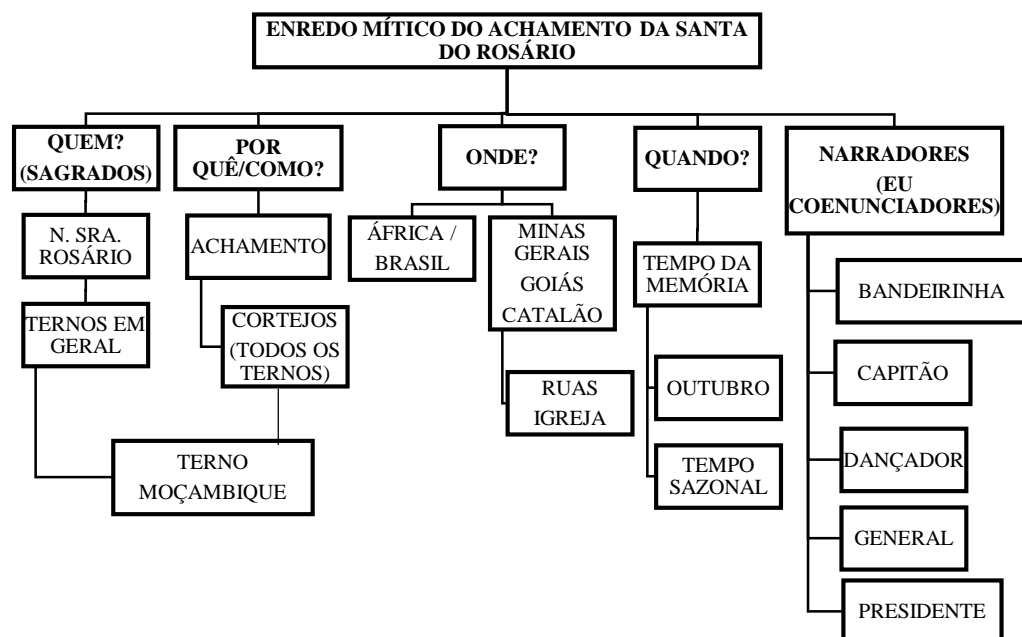
O quarto elemento deste enredo nos remete ao *tempo* “da memória”: a Festa aqui em Catalão acontece na primeira quinzena do mês de outubro, num tempo sazonal, adaptável as imposições colocadas pelas autoridades políticas e a necessidades e crenças dos seus sujeitos, em que os preparativos começam dois meses antes do início das festividades, vale ressaltar que a Festa é regida por brancos, como os festeiros e a própria igreja. Assim, por meio dos momentos ritualísticos, como os cortejos feitos na Alvorada, Levantação da Bandeira,

Domingo da Festa, Entrega da Coroa, ao rememorar o começo do mito, ele é reforçado e reavivado.

Por fim, o quinto elemento faz referência aos personagens que enunciam o mito, narrando de diferentes formas, nas entrevistas ou através das cantigas o achamento (os sujeitos desta pesquisa, os que fazem a Congada, mas aqueles fazedores que também falam sobre ela, diferentemente dos personagens sagrados, como a imagem da Senhora do Rosário e a Coroa). Nesta configuração, temos como primeiro “eu” enunciativo as bandeirinhas, que têm a função de carregar a bandeira (o estandarte) de Nossa Senhora do Rosário, e formam a comissão de frente do terno. Logo após, vem o capitão do terno, o que dá os comandos e conduz o batalhão durante a festividade. Após o capitão, aparecem os dançadores, que são homens e mulheres que têm o papel de dançar, de seguirem os comandos do capitão durante as apresentações. E, por fim, o general, que é o “grande capitão”, aquele que conduz todos os ternos. Assim, todos que cantam e narram esta história são co-enunciadores desse mito, reconstruindo os fios desta memória coletiva.

O mito, desta feita, é um conjunto das tramas do enredo e de sentidos para cada um dos sujeitos ou grupo de sujeitos que estão envolvidos nele ao longo do tempo, de modo que os sentidos se complementem porque garantem e são garantidos pelos elementos do enredo, interdependentemente. E nessa tarefa de se confirmar, com o eterno refazer, o ir e vir da cultura popular, (re) afirma-se o achamento da Senhora do Rosário como sustentáculo da Congada na Festa do Rosário em Catalão-GO.

Figura 4 – Organograma do *enredo mítico*



Diante do exposto, para organizarmos os dados extraídos das narrativas, propusemos chamar essa organização de “enredo mítico”, no qual buscamos nos subsidiar nos passos que são propostos na teoria da narrativa, extraindo em meio às narrativas orais dos participantes da Congada, os seguintes elementos: i) Quem; ii) Por quê; iii) Onde e iv) Quando, além de destacarmos iv) os Narradores como “eus coenunciadores”, fazendo referência aos sujeitos da narrativa. Nesta etapa da organização dos dados, valemo-nos dos dizeres destes narradores, durante nossas conversas, acerca da historicidade desta Festa, suas vivências e experiências.

Dessa forma, sintetizamos os elementos do “enredo mítico” em:

- 1) **Quem** – Faz-se referência aos elementos sagrados que dão sentido ao mito do achamento da Santa do Rosário, pois a imagem de Nossa Senhora do Rosário recebe todos os dezenove ternos, que a reverenciam e seguem em cortejo; logo após, os dois Moçambiques conduzem a imagem e a Coroa de Nossa Senhora para as cerimônias que ocorrem durante o festejo.
- 2) **Por quê/como** – Não distante do primeiro elemento, o segundo refere-se às motivações em torno dos cortejos, do mito e das dinâmicas dos Moçambiques para fundar e continuar o refazer do mito durante a Festa, tendo os Moçambique a responsabilidade de conduzir os símbolos sagrados.
- 3) **Onde** – Trata-se dos lugares por onde passam as Congadas, até chegar ao Estado de Goiás e em Catalão, visto que a rua e a Igreja são os locais em que acontece o reforço do mito na Festa de Nossa Senhora do Rosário.
- 4) **Quando** – Traz à baila o “tempo da memória”, dos momentos sazonais e ritualísticos de quando acontece a Festa do Rosário, com a participação das Congadas.
- 5) **Narradores (Eus coenunciadores)** – São os sujeitos participantes da pesquisa, os fazedores da Congada e da Festa de N. S. Rosário (capitães, dançadores e ex-dançadores, bandeirinhas e ex-bandeirinhas, presidente da Irmandade e generais).

De antemão, vale ressaltar que escolhemos organizar os dados desta forma, em vista de melhor entendimento pelo leitor, uma vez que as narrativas são extensas, podendo o leitor não encontrar em meio à exaustiva leitura os pontos que nos levaram a observar a identidade cultural e linguística do dançador, correlacionando com o mito do achamento da Santa do Rosário, escopo do nosso trabalho. Buscou-se, assim, relacionar a língua com os aspectos culturais existentes nessa manifestação da cultura popular.

Um dos dados primordiais do nosso estudo são as narrativas orais, não desmerecendo as cantigas que são de extrema importância para a valorização da Congada, sendo que é

também por meio destas que a Congada expressa sua devoção à santa, buscando refazer o ritual de achamento da Santa. Desta feita, as narrativas dos integrantes da Congada, ao rememorarem esta Festa, refazem o mito e fazem com que compreendamos, de fato, os sentidos que vivenciamos na Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Assim como nos elucida Benjamin (1936, p. 204), “A informação só tem valor no momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver”.

Diante do exposto de Benjamin e em meio à incansável escuta dos narradores durante as conversas e até mesmo as transcrições, sendo essas as etapas para a busca primordial dos dados, pudemos observar que os narradores, mesmo que jovens, adultos ou idosos, buscam de uma certa forma narrar acontecimentos de sua época que foram e são de extrema importância para essa Festa. Pois, “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas” (BENJAMIN, 1936, p. 205).

Assim, diante do objetivo deste trabalho que é verificar, mediante as narrativas e as cantigas, a relação entre linguagem e história e o reforço do mito do achamento, transformamo-nas em narrativas escritas, buscando apresentar as histórias vividas e vivenciadas por esses integrantes da Congada de Catalão-GO.

3.2 Dados

Após a exposição sobre o “enredo mítico”, buscaremos nesta seção exemplificar por meio de trechos das narrativas dos integrantes da Congada, o que colocamos no organograma e nas discussões que o precederam.

Para referenciar os sujeitos da pesquisa, juntamente com os passos do “enredo mítico”, usaremos a seguinte legenda: i) colocamos o nome do narrador e qual a função/papel dele na Congada, pois como bem expusemos na seção metodológica deste estudo, todos autorizaram expor sua imagem e seu nome; ii) logo após, apresentamos as partes do enredo da seguinte forma: Quem? Usamos a sigla (E1); Por quê? (E2); Onde? (E3); Quando? (E4) e Eus enunciadores (E5).

Desta feita, a seguir, iremos expor algumas passagens que buscam comprovar aquilo que exemplificamos no organograma e nas considerações sobre o *enredo mítico*. Vale ressaltar que, em algumas narrativas, nem todos os elementos do enredo apareceram.

3.2.1 Dona Benedita (Primeira Bandeirinha da Congada de Catalão)

E1: [...] Diz que quando cumeçô, os escravo começô lá, resolveram a rezá, fazê a novena, que e[le]s fala que Nossa Senhora apareceu pra eles né, e aí continuô a fé de Nossa Senhora e e[le]s continuô. Aí diz que Nossa Senhora pediu e[le]s pra tomá conta da coroa. // E porque que o Moçambique era o mais forte, que a senhora disse? // Uai, eles fala[m] isso né, diz que Deus e Nossa Senhora ... adorava muito eles, que e[le]s, pegava muito com el[a], né! Que e[le]s pegava muito com el[a], os escravo, sabe? Diz que pegava muito com el[a], era valido ... e é valido me[s]mo até hoje. Porque eu, pre[n]cipalmente, [a]quel[e], o [Hen]rique Júnio[r] quase morreu, pergunta Aurora com' é que el[e] ficô, ficô aí disinganado, ninguém achô que el[e] vinha vivo aqui mais não, né! Depois a Aldanice né, a Aldanice deu [a]neurisma, também chegô vi notícia que el[a] tinha morrido né! El[a] tava lá em Goiânia, chegô vim notícia que el[a] tinha morrido, Deus e Nossa Senhora [a]judô que el[a] tá aí, bem boa, comandan[d]o o ternin[ho] dela (*risos*). El[a] é braba, [a]guenta el[a] só [a]quel[as] muié mesmo, que tá co' el[a] a muito tempo, eita Aldanice.

E1: [...]via o povo falá né, esses mais vei né, que usava contá ca[u]so, contá história, porque num tinha nada, num tinha música, num tinha nada pra gente escutá né // hum //, ficava tudo mundo sentado oi[lh]an[d]o um pro o[u]tro (*risos*). // Era muita história que a senhora escutava? // A, eu escutei muita história ... da minha família, mais a gente que trabaiá sô, a gente num pode ficá até tarde, sem dormi né! Pricisa de trabaiá /.../ // Então quer dizê que Nossa Senhora pediu pros escravos cuidá da coroa? // É. // Naquela época? // Naquela época. // Aí por isso que o Moçambique cuida da cora? // Cuida da coroa. // A senhora falô que o Moçambique no começo e[le]s vinha da fazenda? Como é que era isso? // Que e[le]s dançava na fazenda? Não, é... // Os dançadó vinha da fazenda? Os terno de Moçambique, os primeiro. // A, os daqui de Catalão né, os Moçambique aqui de Catalão é, e[le]s morava, os home[m] que dançava Moçambique, era do povo do Gabrielin[ho] mesmo, é do ti[o] Gustavo que já morreu muito tempo, era o ti[o] Zé Bastião, e[le]s é que eu conheci já tava mesmo, mais acho que tinha o[u]tro de[le]s e e[le]s morava tudo lá nessa fazenda lá, eu esqueci de quem era o dono da fazenda lá, onde e[le]s morava. Então aquel[es] que trabaiava ali por perto e tudo né, dançava co' e[le]s e e[le]s é quem era os capitão do terno. // Seu Grabielin[ho] que era o capitão? // É, o Gabrielin[ho] passô a sê, ele[e] num era não, porque nós foi colega em sorte[i]ro né, nós dois. E[le]s me tratava era de irmãzinha, el[e] e o Locride. Já [ouviu] falá no Locride, irmão dele? // Não, nunca ouvi. // Morreu lá em Uberlândia de acidente, os dois

andava vistido igualzin[ho], e[le]s parecia demais, os dois irmão. Aí é ... o ti[o] Gustavo era o pai de[le]s. // Que era o Capitão? // Não, o pai do, como é que era o ti[o] Gustavo era o pai do Gabrielin[ho]! // El[e] tinha um irmão que chamava Gustavo também, né. // É. // É Gabriel Gustavo o nome dele! //... Era, pois é.

E1: [...]// E dona Dita, a ver senhora acha, a senhora acha que o Moçambique é importante na Festa? // Bom, el[e] é muito importante, porque e[le]s fala que ... que a Nossa Senhora, e[le]s encontrô Nossa Senhora ... e quem encontrô Nossa Senhora, diz que el[a] pediu né, que queria saí de lá mais era pra saí com a imagem dela, de Nossa Senhora e era, era negro // era negro! // é, diz era negro, e[le]s é quem tirô da onde achara[m] el[a] e levô. // Levô pra igreja? // Levô, pra onde e[le]s morava, porque a gente nem sabe, porque diz que e[le]s tinha vi[vi]do muito ruim né, morava p[r]as fazenda, pra [a]que[le]s lugá muito ruim, gente nem... eu nunca vi contá, porque também eu nunca estudei (*risos*) né.

E2: Era. // Então el[e] era o mais importante? // É. // Porque carregava a [coroa]? // Moçambique é que tirava, buscava a coroa, que intregava a coroa, tudo era o Moçambique. // E a image[m] de Nossa Senhora era eles que carregavam também? // Era, ia ali junto, junto atrais ali. // Da procissão né? // É ... era os Moçambique. Toda vida e[le]s fala comigo, Moçambique teve mais força né na Festa, porque, assim eles falava né.

E3: A lembro. // Quando a senhora carregava a bande[i]ra! // Quando eu pego a bande[i]ra eu lembro, de quando eu carregava né. E achô muito bão, ela vim na minha casa né, eu que ten[ho] essa famí[li]a grande, // uhum// graças a Deus, acho bom demais Nossa Senhora. Que e[le]s vem né, os terno, esse ano vei[o] o terno do ... e[le]s fala o terno de Goiandira, terno de Goiandira, como é que chama [a]quel[e] home[m] // Filhos do Rosário // eu sei tudo, minha cabeça é que num tá dan[d]o, tá ven[d]o, conheço el[e] demais, // seu Elias! // Seu Elias, é, seu Elias vei[o] com o terno del[e], ficô aí muito tempo. Vei[o] ... qualé o o[u]t[r]o ... o da Aldanice vem todo ano, // Mariarte // É, o mariarte vem. Agora o amarelo é que vinha todo ano né, porque toda vida quase todo dançadô ali era meu, meu povo né.

E4: Não foi encontrado.

E5: [...] // Isso a senhora estava com uns quize anos, senhora era mocinha? // É, é por aí, aí eu fui crescendo né, foi, quando foi, pra mim jurá bandeira, a Festa era aqui nessa igreja. Aí

el[es] me avisaram, ... o padrim Otálio mandou me avisa[r] que ia tê ãa r[e]união aqui na nova, na velha matriz, nós falava aí era... igreja Nossa Senhora do Rosário, aí nós, que era pra mim vim, porque era tal hora assim, assim, no domingo, né! E nós como era po[u]ca gente, que agora, né, é difícil pra mexer porque é muita gente, mais como era muito mais po[u]ca gente, então nois [a]juntô tudo lá na igreja e eu não sabia não, né, pra que que era, aí teve lá a r[e]união del[es] lá e o padrin[ho] Otálio foi falou assim: *ó Ditinha cê num vai embora agora não, viu, que eu quero falar co'cê, falei tá.* Aí fiquei por ali esperan' né pra passá a r[e]união del[es], [a]quel[a] coisa, quan[do] [a]cabô, el[e] falou assim: *vem cá. Aí, eu vou apresentar ocê como bandeirinha, vamo[s] ver se os congo aceita, né... os congo aceita entrá a mulher no mei[o] dos home[m]...* Aí né, todo mundo concordo[u], falou: *não, pode né, bão, aí e[le] foi e me chamô lá e anunciô que eu ia sê a primeira bandeirinha // só a senhora?// só eu, é, eu fui até um, num sei se era uns treis ano, quatro, foi que entrô mais ãa, sabe, ela fez voto de, de andar co'as bandera também e deitá assim lá na porta da igreja eu lembro direitin[ho], povo pulava por riba dela na hora da prucissão, a prucissão chegan' e o povo entran' pra igreja pulan' em cima dela, aí ela continuô né! Ela continuô e passô no o[u]tro ano e entrô mais o[u]tra e entrô essas duas irmã e ficô nós de quatro né, que [a]quel[a] foto que sai muito nos jornal, [a]quel[a] nós é quatro né, quan[do] eu sai nós, deixei as treis.*

3.2.2 Maria da Luz (Dançadora do Moçambique Coração de Maria)

E1: A tem a história lá, da história remota lá da época antiga que falava que Moçambique, que todos os ternos vieram para pegá a santa e nenhum levô e quem levô foi o Moçambique. A partir desse momento eu acredito que seja dessa forma // o mais importante? // o mais importante.

E1: É ãa benção sempre, é ãa maravilha sempre. Porque todas as vezes que [vo]cê pede, [vo]cê vai, nossa eu tô passan[d]o por um problema, [vo]cê chega ali conversa com el[a], conversa como se fosse ãa pessoa ... [Vo]cê num tá ven[d]o nada, de repente a solução cai na suas perna, cai no seu colo assim, igual ãa bomba. Vem ali, e [vo]cê consegui resolvê todos os seus problemas, que que eu posso esperá dũa santa igual, ãa coisa melhô, ãa fé que a gente tem.

E2: São os Moçambiques. // Porquê? // Porque os Moçambiques, tanto um quanto o outro, um leva o andor [Nossa Senhora] e outro leva o Reinado, a coroa, e eles que tinham que fazê, eles são a peça chave da Festa, eles que levam tudo, eles que abre a Festa, que fecha a Festa.

E3: Não. // Você foi a prime[i]ra? // Da minha família, fui a prime[i]ra. Meu pai dançô ãa vez em Araxá, na época, muito jovem, depois nunca mais. // Seu pai era de Araxá? // Meu pai era da região de Minas, Oliveira. // E lá tinha congada também, será? // Tinha. // Então, el[e] já conhece desde lá? // El[e] conhece de lá. // Mais e você nasceu aqui em Catalão? // Nasci aqui em Catalão. // E hoje você tá com que idade? // Cinquenta e treis. // E tem quantos anos que você participa dessa Festa, mais ou menos? Uns trinta? // Muito mais. // Uns quarenta por aí. // Eu achei que é quase a minha idade, cinquenta e tantos anos (*risos*). // Mais, é mais ou menos uns quarenta, porque você cumeçô quando [vo]cê era moça. // Isso, uns quarenta anos mais ou menos. // [vo]cê num dançava. //

E4: [...] Uns meses antes da Festa, em agosto, a gente já começa a mexe, hora que começa os ensaios já começa. O pessoal já começa procurá fardas, e começa procurá o que que tem que fazê, o que precisa pra dançá, então a gente tá sempre mexen[d]o, deu agosto já começa a correria da Festa.

E5: A eu olhava as bande[i]rinha, olhava farda, intregava farda, carregava água, a única pessoa que carregava água nesse terno pras pessoal todin[ho] do terno, era eu.

E5: É muita alegria, é muita fé, muito amor, quando a gente tá mexen[d]o com as coisas da Festa, tipo eu que faço bastões, eu que confecciono bande[i]ras, então é [vo]cê tá mexen[d]o ali, eu às vezes me distancio até do mundo, eu tô ali faço como se tô, eu tô ali no meu mundo. Enquanto eu tô crian[d]o algũa coisa, eu tô ali só no meu mundinho ali da criação, pensan[d]o será que vai ficá bom, será que vai ficá bonito, será que vai, a pessoa vai gostá, a é único, é um momento único. // E [vo]cê faiz essas coisas, você como criadora, adaptadora de fardas e tudo mais. Você faz isso tudo em prol de Nossa Senhora? // Em prol de Nossa Senhora, das bençás que a gente sempre, a gente colhi. // E você acha que mediante a esse trabalho seu, voluntário, porque na verdade você não ganha nada. Você é abençoada por Nossa Senhora? // Sempre, sempre, sempre, sempre. Todas as vezes que a gente chega aos pés dela e pedi, e [vo]cê tem que pedi e ao mesmo tempo agradecê, não adianta [vo]cê só ficá pedin[d]o, pedin[d]o, pedin[d]o, tem que chega num momento que [vo]cê tem que agradecê de tudo que passa na sua vida, seja bom ou seja ruim, por Nossa Senhora, eu tô sempre colhen[d]o bençãos del[a], então.

3.2.3 Eduardo Camilo (2º General da Congada de Catalão-GO)

E1: Já, já me contaram que el[a] foi achada em ãa gruta no deserto, eu nem sei especificá por quem e justamente esses, esses pretos como era tratado né, foram lá pra podê trazê el[a], acharam no deserto, foram pra trazê el[a] pra ãa gruta ou pra ãa igreja, certo! E chegaram baten[d]o nos ritmo de tambô, lá tal, que eles falam-se que era o reino de Congo, certo! Um ritmo mais acelerado, mais repicado. Segundo relatos é que, num é que el[a] não gostô, mais de lá não conseguiram aluí[r], a imagem do lugá de jeito nenhum. Aí chegaram um grupo menor, um grupo menor, um grupo bem mais humilde, com ritmo bem lento, bem mais compassado, que hoje é conhecido mais como os Moçambique, né! Aí com aquel[e] pessoal vestido de branco, talvez nem seja essas ro[u]pa tão branca, tão moderna igual a de hoje, mais vestido de branco, com o batido de[le]s bem lento, bem mestiçado, eles conseguiram trazê a imagem e os congo vei[o] acompanhando.

E1: Tudo, tudo, aí [vo]cê tocô num ponto que é tudo, eu num consigo, eu, independente de Festa do Rosário, eu tô trabalhan[d]o, el[a] tá comigo na minha gola da minha camisa, eu num consigo, eu durmo, tenho que rezá pra el[a], a minha vivência dent[r]o da igreja é pra el[a], sempre nos meus cumprimentos, é sempre fica com Deus e Nossa Senhora. Então assim, eu crisci dent[r]o da fé, pra mim el[a] é tudo, tudo, pra mim resumi, ãa palavra só, que el[a] representa pra mim, tudo.

E2: Os Moçambique. // Então podemos considerá Eduardo o Moçambique o mais importante dentro da Festa? // Olha, isso aí ó, é fato, não se faiz Festa do Rosário sem o Moçambique, [v]ocê não se conduz ãa coroa sem o Moçambique, não se tem o Reinado sem o Moçambique, [v]ocê não conduz ãa imagem sem o Moçambique. // Por quê? // Justamente vin[d]o, porque Festa do Rosário, a nossa Festa, o nosso congado é tradição. Tudo que acontece ali, mesmo que talvez um po[u]co quebrada, um pouco modificada, se você olhá é tradição, então a tradição vei[o] se dessa forma. Se a santa, o batido que agradô mais el[a], não que o outro não tenha agradado, mais o batido que a santa vei[o], aceitô a vim co' eles, foram os Moçambique, e de lá pra cá assim funciona. ãa Festa do Rosário pode num tê qualqué[r] ritmo, mais o Moçambique tem, tanto é verdade que aqui em Catalão hoje, [v]ocê sabe que tem Vilão, tem Catupé, tem num sei o ritmo do terno do seu Elias lá, mais tem um ritmo diferente, vários terno de congo, mais esses ternos que vieram pra cá, foi terno que vieram de Minas, certo! Até poucos, vários anos atrás, só se tinha Moçambique e Congo.

E2: Tem tudo a ver como [vo]cê pode vê, como [vo]cê pode observá, em qualqué Festa do Rosário que a gente viaja muito a gente vê as coisa, qualqué Festa do Rosário que [vo]cê vê os Congo, os Congo e os o[u]t[r]os ritmos né, tão sempre na frente ... baten[d]o, fazen[d]o a incenação que tá puxan[d]o, [vo]cê tá me intenden[d]o? Mais o Moçambique vem sempre atrás trazem[d]o a nossa imagem, de Nossa Senhora, São Binidito, a coroa santa, feste[i]ros, enfins. A parte da fé, a parte de Nossa Senhora tá sempre junto co' os Moçambique. Então é esse o motivo quando [vo]cê tá montan[d]o um cortejo, o Moçambique tá sempre atrás pra podê num saí[r] justamente dessa tradição, [vo]cê entendeu, ou seja, se você pará[r] e pensá [vo]cê pode vê, os Congo tão baten[d]o, tão dançan[d]o, os Catupé tão baten[d]o, dançan[d]o no chão, mais atrás deles se você olhá num tem nada, certo! Ou seja, eles foram lá prá buscá mais não trouxeram e tem os Moçambique, hoje se modernizô muito, mais os Moçambique de antigamente num tinha mais que trinta dançadô, trinta, quarenta dançadô, era as pessoa muito humilde. No entanto, a parte da Festa mais importante tava sempre co' eles, independente de tê terno de quinhentas, seiscentas pessoa.

E3: Olhá de[i]xa eu te falá, isso é ãa coisa que, um assunto, é, difícil, um assunto sempre que gera polêmica, mais infelizmente num dá pra sai[r] fora disso, infelizmente Festa do Rosário tem o sincretismo religioso, e isso aí num tem como você sai[r] fora del[e], certo! Por quê? A Festa de Nossa Senhora do Rosário, eu acho que, vou eu pra mim tentar te explicá mais amplamente, el[a] vei[o] lá, vei[o] lá das senzalas, eu acredito que você saiba o começo de tudo, como começô, [vo]cê tá me intenden[d]o. Era as forma que os negro tinha de aliviá o sofrimento deles tão grande, a forma que eles tinha era pegá longe dos feitô, era pegá as latas deles e i[r] batê lata e cantá e louvá. Sempre quando [vo]cê tá cantan[d]o e louvan[d]o, [vo]cê tá louvan[d]o algũa coisa, algũa coisa que você acredita, certo! E lá naquel[a] época lá, o que eles acreditavam tinha muito a ver com o candomblé, tinha os caboclo, tinha os orixás, tinha, né. Só que de acordo que a coisa foi se fluín[d]o, a Festa foi crescen[d]o, foi p[r]a roça, pra roças cumeçô chegá nas cidade, principalmente no âmbito de Minas Gerais onde el[a] é fortíssima, é muito raro [vo]cê vê um município em Minas Gerais que num tem o congado, então lá ... eu num, pra te falá a verdade eu num sei nem se eu deveria falá isso, mais eu tô te explican[d]o o que que eu sei. Os padres, [vo]cê entendeu, de ãa certa forma eu num vô[u] falá cresceu o olho, interessô, a igreja católica, el[a] interessô pela coisa, isso é um movimento forte, vem pra nós. Aí eu num sei se você sabe que a Nossa Senhora era toda negra, num sei se te falaram isso, mais Nossa Senhora era toda preta, era o santo dos escravos,

tá indo pra igreja católica, os padres, as pessoas, criaram-se uma imagem branca, p[r]a tê maió aceitação, [vo]cê tá me enten[d]o? Então esse sincretismo, el[e] de ãa certa forma, mesmo que escondido, mesmo que muita gente não gosta nem que comenta, mais não tem como a gente sai[r] fora disso, a Festa do Rosário, el[a] é a Festa de Nossa Senhora do Rosário, porém de ãa certa forma tem ... a Iemanjá no mei[o], tem outras coisa no mei[o]. Assim essas pessoa mais antiga, é, era até mais forte, até esse sincretismo muito mais forte, [por]que envolvia ... envolvia muito, o misticismo del[e] era muito forte, antigamente tinha coisa que eu já presenciei, é, dos capitão tinha muito conhecimento nesse negócio de [a]marrá terno, de, eu tô te falan[d]o porque eu já vivi isso, já fiquei parado sem sabê pra onde i[r] no terno do meu ti[o], onde nós tá, que que tá acontecen[d]o e del[e] saí lá [a]tráis, nós tudo piquinin[ho] disintindido e lá vê el[e] rezan[d]o, fazen[d]o as coisa del[e] dentro da fé del[e] e o terno seguiu, certo! É coisa que hoje se [vo]cê vai fazê um comentário desse, muitas pessoa nem num intendi, mais num tem como a gente saí disso.

E4: [...] O que me marcô foram duas coisas dentro da Festa do Rosário que eu não consigo esquecê, foi ãa entrega da coroa com a última vez que eu vi meu ti[o] fardado, isso não sai da minha memória. E ãa entrega da coroa que o seu José, que conhecia como Zé do Gordo, fez a entrega da coroa na cade[i]ra de roda, conduzida pelo seu filho, o Alvim, a Denise, o Careca, foi um fato que eu me emocionei tanto co' aquil[o], foi ãa das coisa que mais me marcô, sabe! Eu vê el[e] dessa forma.

E5: General da congada [...]. Igual, você sabe devido ao tamanho dos terno, devido a grandiosidade da Festa somos dois, eu e mais o Dimiro. O papel do general da congada, no meu entendê, coisa que eu vim acompanhan[d]o, eu sô[u] um cara muito observadô, talvez eu tá observan[d]o ãa coisa que iria sê pra mim futuramente, mais num pensava. Mais o papel do general é comandá os terno, comandá os capitão, pro bom êxito da Festa, comandá os cortejo, comandá horário, comandá tudo, desde de. Funciona da seguinte mane[i]ra, i[r] nos ensaio pra vê quê que tá suceden[d]o, é, infins, aí tem os ensaio. A partir do momento do último ensaio, que o verdade[i]ro motivo daquel[e] último ensaio é os ternos, a[s] vez até bom, foi até válido a sua pergunta, que a[s] vez tem muitos capitão que nem sabe disso, tanto é verdade que no último ensaio, el[e] chega ali na nossa frente, num sabe nem o porque que tá ali, mais é, inclusive nãa reunião, eu quero até explaná essa ideia, é o terno chegá ali se apresentá, fala:

olha a gente insaiô, [vo]cê foi nos meus insaio, participô, meu terno tá aqui, [vo]cê dá o aval pra vê se a gente tá pronto pra fazê a Festa de Nossa Senhora, a partir daí a Festa é conosco.

3.2.4 Elzon Arruda (1º Capitão do Terno Congo Preggo)

E1: Ah Nossa Senhora do Rosário é nossa mãe, é mãe de Jesus Cristo e nossa mãe né. E el[a] é tudo pra nós né, tem ãa música, Lá no céu tem três Maria, todas três é ãa só, Jesus Cristo curô o cego no caminho de Jericó (*risos*). Que todas as Maria, tem muitas Maria, mais todas el[a] é a mesma, né! Inclusive falan[d]o na Senhora da [A]paricida, el[a] tá representan[d]o lá negra, mais quem é que sabe se el[a] é negra, né! (*Risos*), São Binidito, Santa Efigênia, né! Então a gente cunheceu elas como negra né, mais se fô[r] vê mesmo, às vez el[a] num é nem negra, né (*risos*)!

E1/ E2: Olha o terno na história do congado é o Maçambique. // Por quê? // Porque o Maçambique é, o Maçambique a cantiga del[e] é de lamento e o Congo também [vo]cê pode vê que cantiga del[e] é de lamento, [vo]cê entendeu? Porque a história diz que o Congo foi, Nossa Senhora tava nãa gruta, o Congo foi, cantô, saiu, el[a] num acompanhô e o Moçambique vei[o] né, por isso que tem a música prime[i]ro o Moçambique depois vem o Congado, tirô Nossa Senhora do seu manto sagrado, né! Aí o Moçambique foi lá com [a]quel[e] batido né, de lamento, cantô e vei[o] sain[d]o e el[a] acumpanhô, [vo]cê entendeu? Então ficô essa história aí dent[r]o do [congado], por isso que, aqui hoje e[le]s tão passan[d]o na frente, mais todo lugá que chega, aqui na Goiandira [vo]cê [a]inda vê muito, tem um capitão de Goiandira aqui no Moçambique muito [rígido], e[le]s é quem faiz e os Congo acompanha, [vo]cê entendeu? E hoje perdeu, aqui no Catalão perdeu.

E3: Eu, é, antes deu nascê, meu pai já participava né, porque meu pai, el[e] teve duas etapa dent[r]o da Festa né, meu pai vei[o], entrô. Porque naquel[a] época todo mundo vinha participá dent[r]o da Festa, pela ãa promessa, num tinha ninguém que num vinha cumpri a promessa, todo que [vo]cê vê tinha [ãa promessa]. Meu pai, foi ãa pessoa que, por ca[u]sa em tempo da duença del[e], minha vó naquel[a] época falô: *olha eu dei [v]ocê pra Nossa Senhora do Rosário, dançá enquanto vida [vo]cê tivê*. Então meu pai entrô, é, com doze ano, meu pai tem o retrato na revista aqui, num sei se [vo]cê já viu essas revista que e[le]s soltaram. Meu pai com doze anos já tava dent[r]o do [congada]. E a Festa do Rosário bem antes deu nascê, el[a] era, cumeçô aqui na rua Saturnino de Castro, inclusive o terno esse aqui, tem a dona

Binidita novinha [vo]cê entendeu? Tem o seu ti[o], o João Cuei vistido lá do terno do Antunin [Adão] [terno Pio Gomes] né, que el[e] cumeçô lá no terno do Antunin [Adão] e, porque naquel[a] época a Festa era muito piquena e el[a] era rezada terço, né! Inclusive aqui onde é a casa do meu [pai], hoje é o[u]t[r]a casa, mais a casa velha foi feste[i]ro e, é rezado terço, era só três grupo, era o terno do que era. Porque minha família, el[a] foi toda vida imbutida dent[r]o dessa Festa, e essa Festa cumeçô ali, rua Saturnino de Castro, rua da banane[i]ra, rua da capue[i]ra, rua dos preto, né! Então depois que el[a] foi lá p[r]á Velha Matriz, inclusive esse pessoal, família da Dona Yayá vei[o] de fora e co' ãa promessa construiu a prime[i]ra igreja que foi [a]quel[a] ali né, a Velha Matriz. Mas como naquel[a] época, é dos coronéis que tinha aí, num sei se [vo]cê já viu a história dos coronéis daqui de Catalão e, esses coronéis era tudo imbutido dent[r]o dessa Festa, feste[i]ro, tudo, comandava. E o, por exemplo, seu Zé Hilário foi o prime[i]ro dono do terno lá do, [a]quel[e] terno de branco que é do Atunin Adão e que seu ti[o] [João Coelho] dançava [terno Pio Gomes] né, seu Zé Hilário, seu Gabriel e vei[o] vin[d]o. E tinha o o[u]t[r]o terno de congo, meu pai participava aqui, que era do Chico Arculano era terno de Congo e terno de Moçambique, então, era dois terno de Congo e dois terno de Moçambique, né! Até depois é que foi vindo essas modalidade nova, vei[o] tudo de Minas Gerais. Então a minha família foi toda vida imbutida dent[r]o da Festa do Rosário, depois meu pai por motivo de duença do meu ti[o] e tudo, houve uns probleminha e meu pai infezô e afastô, afastô ficô deiz ano fora, sem dançá. Mais como el[e] era, é, voto pra dançá enquanto vida el[e] tivesse, el[e] foi dançá de ca[i]xa lá no terno do Antunin, né! Então 1961, el[e] dançô parece que três ano lá com o terno do Antunin, el[e] era capitão mais dançô de ca[i]xa, Antunin queria dá o terno pra el[e], porque o pessoal era muito amigo né, os capitães daquel[a] época, ele falô: *não, vô[u] formá um pra mim*. Aí em [19]61 el[e] vei[o] formá aí esse que é o terno do Prego, certo! Aí que eu, o Edison vei[o] participá de dança, mais no o[u]t[r]o terno só o meu irmão mais velho que já morreu que participô, eu e o Edison num participamo[s] né! Então, é, aí nós fomo[s] participá desse terno, meu pai falô: *não, [vo]cêis vai me ajudá*, nós foi ajudá el[e] e [a]cabamo[s] toman[d]o gosto né, das coisa e ficamo[s]. Meu pai vei[o] a falecê, nós passamo[s] por vário[s] problema seríssimo, né! Aqui dent[r]o do decorrer, assassinato do meu irmão, depois vei[o] morte de um, de o[u]t[r]o, mais nós [a]guentô firme e tamos aí até hoje né. Num sabemo[s] mais até quando vai, porque o meu terno hoje, é, [a]pegô só em mim, né! Então o dia que, a gente tá fican[d]o mei[o] fraco p[r]á tocá né! Porque se eu pará[r] eu num tem pra quem eu passá el[e], porque os meu subrin[ho] tudo, num vai dá conta, acho que e[le]s tão aí enquanto eu tô na frente aí [do terno] sen[d]o o cabeça. Era eu e o Edison, o Edison vei[o] a falecê, nós teve quase, é, paran[d]o, mais tem a

minha irmã, a Edsônia, que é a família que cuida dos filho, então eu continuei, tô continuan[d]o mais num sei até quando (*risos*).

E3: [...]Agora, por exemplo, aqui em Catalão, o congado aqui, a Festa do Rosário, el[a] foi pra igreja Católica [A]postólica Romana. Em Minas Gerais, tem ãa parte aqui do triângulo mine[i]ro, que el[a] tá dent[r]o do candomblé, Araguari, Uberlândia, Ituituba, o que nós tivemo a oportunidade na nossa diretoria na época, tê contato co' e[le]s, i[r] visitá e[le]s. Lá é dent[r]o do candomblé, el[e] dança num espaço muito piqueno assim, o altá de[le]s tá ali, e[le]s baten[d]o, basta que os instrumento de[le]s é tudo sintético e é diferente né! Mais, e[le]s não saía aqui do triângulo mine[i]ro, e[le]s não saíram da origem do candomblé não, e[le]s trabaiá dent[r]o do candomblé.

E4: Olha o cortejo é o seguinte, por exemplo, a ... tinha ... que antigamente saía, a coroa saía da casa dos feste[i]ro, da residência, isso já mudô né, já num sai mais, num tem esse cortejo mais, já [a]cabô. O cortejo da bande[i]ra saía da casa do mordomo, né! Mais aquil[o] porque cortejo é sequência, os congo vai cantan[d]o aquil[o] que, naquel[e] sintido que e[le]s lá vão conduzin[d]o aquil[o] ali é sequência, num pará[r], né! Até chegá na porta da igreja e levantá a bande[i]ra e cada um bate lá no pé do mastro e vai embora, né! E a coroa no dia da missa é cortejo, levá a coroa, [a]sseste a missa e aí cada um vai pro local almoçá. A entrega da coroa [vo]cê vai levá a coroa [...].

E5: Aí é ãa responsabilidade muito grande né, [vo]cê tem que tê ãa responsabilidade docê podê conduzí o grupo, né! Naquel[a] época era, porque naquel[a] época era como um quartel, [vo]cê entendeu? [A]quil[o] que o capitão [falava], hoje tá muito difiço, muito difiço, se o capitão, olha tal, cada ãa, porque a Festa era muito pobre e cada um arrumava seus instrumento e seus uniforme. As veiz na Festa do Rosário o povo [a]custumava dançá de pé no chão, porque era pobre, mais a fé tava lá incima, isso que era o importante antigamente né! Então o pessoal dançava com a, era pela fé mesmo. P[r]á [vo]cê vê nessa época, que eu tô te falan[d]o que era três terno, e[le]s saía, é, os três terno saía com a bande[i]ra brasile[i]ra na Festa, quem inventô o istandarte foi meu pai, o dia que meu pai inventô istandarte de Nossa Senhora do Rosário, São Binidito, chegô lá o povo ficô tudo assustado, aí que vei[o] vin[d]o os istandarte dos santo, mais e[le]s saía, dançava com a bande[i]ra brasile[i]ra, né! Na frente era a bande[i]ra brasile[i]ra.

3.2.5 Daniane Moreira (Integrante do Moçambique Mamãe do Rosário)

E1: Pra mim é mãe, mãe, mãe minha, mãe de todos os dançadores. É, assim eu chego até um po[u]co assim a me emocioná, porque na minha casa tem ãa Nossa Senhora (*choro*) ... e eu todos os dias, eu vejo, eu falô co' el[a] e a impressão que me dá, que el[a] sorri. Quando el[a] tá alegre co' as coisa que eu falo, el[a] sorri ... E eu olho pra el[a] também e lembro muito do meu pai (*choro*) ... porque meu pai é ãa pessoa que, na minha vida como dançadora tava do meu lado ... foi o que mais me acompanhô dançan[d]o, mais do que minha mãe, mais do que minha irmã. Então eu olho pra el[a], eu lembro sempre del[e] e, assim, e pra mim é como se el[a] falasse assim: *minha filha, tem força, continua*. Então, assim, pra mim Nossa Senhora do Rosário é mãe. // E podemos se dizê diante dessa história, que el[a] é, que seu pai [a]judô né, te inspirô e el[a] continua sendo sua inspiração pra dançá? // Continua sendo minha inspiração pra dançá.

E1/ E2: É, realmente. // Por quê? // Porque o Moçambique no começo quando eu dançava no Catupé, eu achava o Moçambique um pouco assim apagadin[ho] né, a gente num levava muito a sério o terno do Moçambique. Mais porquê, porque a gente não entendia o valor del[e] dentro da Festa. Quando eu passei a dançá no Moçambique, a saber da história do mito, quê que é a história do mito. Bom, o povo do [país] do Congo, andan[d]o no deserto né, com seus batidos, acharam ãa caverna, encontraram ãa santa lá dentro. Retiraram a santa da caverna, levaram el[a] consigo, el[a] voltou pra trás, el[a] voltou pra caverna. O povo do [país] Moçambique, sendo um povo mais pobre ainda né, com seu outro batido né, mais lento, mais manhoso, conseguiu tirá el[a] da caverna, da rocha que el[a] estava e levou, e el[a] ficou. Então, assim, quando a gente fica sabendo dessa história, igual a santa só retira da igreja o Moçambique, só o Moçambique tira a santa da igreja, porque, só el[e] que tirô el[a] né, da gruta. Então, assim, essas coisas quando a gente vai sabendo, a gente vai passan[d]o pros nossos mais jovens. Agora assim, eu me sinto muito responsável quanto a isso, assim, de passá a história pros outros.

E3: Eu vivo a Festa do Rosário o ano inte[i]ro (*risos*), eu vivo a Festa o ano inte[i]ro, porque assim, não bastan[d]o só aqui em Catalão, eu cumecei a dançar em Ouvidor também né, na Festa de lá, porque eu achava que esperá um ano é muita coisa. Então, assim, a gente intercala com ãa Festa que vem um pouco antes né, mais a gente vive essa preparação, porque no terno do Moçambique, tem os terços né, que a gente também acompanha, aí as pessoas pedem pra

rezá o terço, aí a gente aproveita e leva os instrumentos, pra fazê um batido. Então, assim é o ano inteiro, a Festa.

E4: É muito esperado, o mês de outubro. Porque assim, apesar de dançá em Ouvidor, com outro terno né, pra Nossa Senhora do Rosário, não é a mesma coisa de dançá aqui em Catalão no mês de outubro. É assim, é tudo né, porque é o mês da Nossa Senhora do Rosário, que tem o dia del[a], a missa né, no dia del[a] é muito linda. Então, assim, é o coração a mil, até o ar fica diferente, a gente respira [a]quel[e] ar assim, o congo tá chegan[d]o né, então é muitas sensações.

E4: Da congada, outubro é o mês da congada. Não só outubro, assim a gente espera muito o mês de outubro, mais também a gente espera muito o mês de setembro, porque em setembro é que começa a maioria dos ensaios, então assim só de tá começan[d]o o ensaio pra Festa, a gente já fica né, com o coração a mil, tá chegan[d]o o dia, tá chegan[d]o o dia, e [a]quel[a] sensação de tá chegan[d]o, tá chegan[d]o, tá chegan[d]o, é muito boa de esperá.

E4: A melhor experiência, a gente, eu sinto ... nossa o prime[i]ro ano, o primeiro ano assim, sempre foi marcante, porque teve essa história de quatro dançadores né, na frente do mastro. E a primeira vez que a gente foi levantá a bande[i]ra, a primeira vez que eu dancei no Moçambique, caiu ãa chuva, Nossa Senhora, num tinha nem jeito nem de levantá a cabeça pra podê dança, né! E a gente dançava e maiava, e a chuva cain[d]o e a levantação, foi na levantação da bande[i]ra que a chuva caía e a gente maiava. E assim, eu não tinha experiência com a gunga e el[a] me machucan[d]o, porque el[a] tava me machucan[d]o muito, meu pé já tava inchado e eu dizia eu vô[u] dançá até o fim, e dancei até machucá mesmo os pés dibaixo de chuva, levantando a bande[i]ra. E aquilo, assim, a gente olha a experiência, não só essa, como outras também, sempre na levantação da bande[i]ra, na missa, na procissão, a gente olha pra Nossa Senhora é como se el[a] olhasse pra gente e sorrisse e falasse assim: *trabalho cumprido, trabalho feito*. Então, assim, é muito emocionante, é bom demais.

E5: Eu danço com as gungas, um instrumento de latinha né, arramado nos pés. E assim, tem uma história de que assim, quando o terno tá carregado, quando o terno tá empacado né, que não sai do lugar, aí que o capitão manda maiá gunga pra podê ... tirá o terno do lugar né, pra podê afastá todas [a]quelas coisas ruins, né! Daí a gente maiá gunga pra tirá essas coisas ruins.

3.2.6 Leonardo C. Bueno (Presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e Capitão do Terno Congo Congregação do Rosário).

E1: Nossa Senhora do Rosário muitos questiona é ùa santa, de barro, num tem boca, num tem ouvido, num tem mão, mais pra mim que sô[u] devoto el[a] tem isso tudo, porque el[a] é ùa pessoa que me iscuta, que eu cunverso, que eu falo, que eu posso disabafá. E é ùa santa de quando achô, foi no deserto, e, com a maió[r] simplicidade do mundo, do negro, el[a] saiu daquel[e] lugar e el[a] veio acumpanhan[d]o. Então acho que o mais importante é a gente tê [a]quel[a] humildade, tê [a]quel[e] amô que a gente tem em Jesus Cristo, de sabê que tam[b]ém Deus num tem mão, num tem ouvido, mais el[e] iscuta o nosso pidido, e el[e] agi na vida de qualqué[r] pessoa, que todo mundo no seu sofrimento, na sua angustia, o prime[i]ro nome que el[e] lembra, é de Deus. E a Nossa Senhora, é um message[i]ro, que leva a message[m] nossa até Deus. Então acho que respeito qualqué[r] religião, o evangélico, o espírita, todas a religião, o candomblé. Mais o nosso jeito de manifestá, de festejá é esse, eu acho que esse num vai mudá, porque muitos momentos bons que acontece na vida da gente, a gente num pode falá que é só o mérito da gente, tem alguém que a gente pediu. Quando [vo]cê vai fazê ùa prova do vestibulá, [vo]cê ajuelha, [vo]cê pedi a Deus, [vo]cê pedi a Nossa Senhora e, quando [vo]cê passa, [vo]cê falá, foi mérito meu e ninguém lembra de i[r] lá e agradecê [a]quel[e] pedido. E quando começa a tê ùa desgraça na vida, um problema, aí lembra de i[r] lá pedi[r] de novo. Então, acho que o mesmo jeito que a gente tem que pidi, a gente tem que agradecê e, muitas pessoa só lembra a hora de pidi, num lembra a hora de agradecê, aí depois fala que o santo num tem poder. Já pensô se todo católico, num tivê o santo, el[e] ia pidi, el[e] ia recorrê à quem? Então, acho que essa é a religiosidade católica, [vo]cê tá cunversan[d]o com o santo pra el[e] recebe a sua message[m], pra el[e] iscutá, porque o ser humano, el[e] tem [a]quela dificuldade de cunversá com o cumpanhe[i]ro, com amigo, até mesmo com o pai e a mãe. Então, com o santo, el[e] tá ali no seu oratório, el[e] cunversa, el[e] pedi, ó meu dia hoje foi bã, meu dia num foi bã, então eu acho que a gente tem que sabê reconhecê o motivo que Deus deu pra gente tá aqui na terra. Então eu sô[u] devoto de Nossa Senhora, porque eu acredito que el[a] iscuta e faiz acontecê pelas nossas ação.

E1/ E2: Pra mim todos os ternos são importante, cada um no seu ritmo, na sua música, na sua função, só porque pra conduzi a coroa a gente precisa do Moçambique. O Moçambique quando achô Nossa Senhora do Rosário, o Moçambique é que foi lá, que buscô e que tro[u]xe.

Então, a gente precisa do Moçambique, el[e] tem um ritmo diferenciado, é um ritmo lento de procissão, que todos os ternos acompanhá o terno Moçambique. Então, na religiosidade da congada, o Moçambique tem ãa importância de maior valor, porque só el[e] pode conduzi a coroa, só el[e] pode tirá a coroa. Agora quando não tem um terno de Moçambique, nãa Festa ou o Moçambique num chegô, por critério das irmandades, das diretoria, do Reinado, se o Moçambique num tivê e num chegá, o Rei pode escolhe um terno de congo que pode tá ali tiran[d]o a coroa de Nossa Senhora do Rosário e conduzin[d]o pra que a Festa aconteça nos mesmos modos. E quando fô[r] fazê a passage[m] de ãa coroa, se fô[r] de casa, igual aqui em Goiás que tem os feste[i]ro, os terno congo que conduzi, vira de costa na hora da passage[m] como se fosse os Moçambique. Então, é, me passaram assim, sigo o passado dos capitães antigo e algũas Festas que eu fui já aconteceu isso, vi como foi, então eu acho que o momento importante foi que eu tava na Festa e vi acontecê e, se um dia precisá a gente sabe o que fazê. Mais eu espero que nunca vai precisá, porque a gente tem dois ótimos Moçambiques aqui na cidade, Coração de Maria, o Moçambique Mamãe do Rosário, que faiz essa função e faiz com respeito. Então acho que por isso que tem a importância do Moçambique, porque além da coroa, é el[e] quem tem a omissão e a permissão de tá trazendo o Rei e a Rainha, os príncipe e conduzin[d]o os guarda coroa, com a coroa e casal de feste[i]ro.

E3: [...] Então a intidade movimenta durante todo ano e ãa grande inovação que a gente implantô na cidade, porque nossa congada vei[o] da cidade de Araxá, a coroa vei[o] de Araxá, a coroa que é da Festa preservada até hoje, foi de família tradicional de Araxá que vei[o] pra cá e lá cumeçô a congada de Catalão. Tanto é que, lá tem a congada, hoje aqui evoluiu mais do que a cidade de Araxá e, a gente inovô com o encontro da congada, com trinta grupos participan[d]o, entre Uberlândia, Araguari, Ibiá, Araxá, é, Monte Carmelo, Centralina, Cidade de Luz, Ituiutaba, Sacramento. Então, foi várias cidades que vieram à cidade de Catalão e o pessoal ficô encantado de vê o tamanho que é a nossa Festa, de sabê do tamanho do patrimônio que a irmandade tem, mais ao mesmo tempo de vê também, é, o lado pessoal que é grande dent[r]o da irmandade do Rosário, em sabê que as pessoas num tem [a]quel[a] iniciativa, [a]quel[a] vontade de tá participan[d]o das coisa quando é pra somá, as pessoas só que olhá o lado prá diminuí[r] a intidade, pra falá mal. A gente tem um terço que foi fundado pela diretoria também, toda terça-feira às sete horas da noite na igreja do Rosário e, alí [vo]cê pode contá no dedo a maioria da participação das pessoas. Então, como diz, o legado que eu ten[ho] dent[r]o da irmandade é fazê o bem sem olhá a quem, porque se [vo]cê fazê, [vo]cê vai sê criticado, se [vo]cê num fazê, todo jeito [vo]cê é criticado. Então, acho que eu quero

recebê crítica saben[d]o que eu tô fazen[d]o a coisa certa, porque muitos lugá aonde eu vô[u] que eu falo que é da cidade de Catalão, muitos pergunta: *por quê que [v]ocês num é daqui, pro [vo]cês fazê as coisa aqui* e, muitos lugá num tem o que nós tem e nós num sabe dá valor na maior riqueza que nós tem que, se soubesse num pricisava de ficá passan[d]o pinico em porta de prefeitura, em porta de câmara, eles que iam tê que vim aqui e falá: *ou, o que que [vo]cês tá pricisan[d]o hoje?* Então, acho que essa é a diferença de um nego sê aceitado, del[e] valorizá o que el[e] é, o que el[e] faiz, porque num ixisti congada no Brasil que é a reverência que é a congada na cidade de Catalão, com a participação de dançadô e da participação de devotos de Nossa Senhora do Rosário que, quando batê a congada na rua, a pessoa tá ali. [Vo]cê pode marcá ãa congada aí qualque[r] dia de semana, se juntá menos de cinquenta pessoa, eu paro de dança congo.

E3: É acho que ãa das forma foi essa, mais a forma principal foi quando eu fui na cidade de [A]paricida do Norte participá do encontro de congada e, lá eu pude vê o que que a congada poderia fazê em prol de levá conhecimento. Lá na cidade de Ouro Preto, são mais de duzentos e trinta grupo de congada, entre Catupé, Congo, Vilão, Moçambique, terno de Candomblé. Então, são vários ritmos de congada que entra dentro do maior santuário do Brasil, que é a Basílica de Aparecida do Norte. Então, vendo [a]quilo alí, eu cheguei aqui fiz ãa reunião com a diretoria, falei, ó vô[u] fazê o encontro da congada aqui na cidade, uns ficaram à favô, o[u]tros foram contra, falei, não mais eu vô[u] fazê pra mim tirá da cabeça, tirá do papel, se dé[r] certo continua, se num dé[r] a gente para. E a gente feiz, graças a Deus o prime[i]ro foi com dizoito grupo de congada e, des' o prime[i]ro encontro eu me procupei qual ia sê o sentido do encontro da congada, só pra falá por encontro ou se levá ãa intenção [a]quelas pessoa que fosse vê, ãa intenção maió[r] foi de vê que a congada de Goiás, el[a] tem ritmo, el[a] tem ãa vestimenta, el[a] tem os seus instrumentos artesanal. E o lado de Minas, [a]inda tem o seu jeito de manifestá, só que a oração, a reza, a crença são a mesma devoção à Nossa Senhora do Rosário e, dent[r]o disso aí, na oportunidade eu precupei de trazê o terno de Moçambique da cidade de Araxá, pra dá um simbolismo na Festa porque, foi da onde a nossa congada vei[o] e dá um direcionamento [a]quelas pessoas que forma vim vê. Então, a gente procurô, teve vários voluntários da cidade que vei[o] nos ajudá no café da manhã, no almoço, tudo uniformizado, trabaian[d]o com alegria, reciben[d]o as pessoa que vei[o] de fora e a todo momento, todo terno que passô, cantô p[r]as cuzinhe[i]ra, cantô agradecen[d]o. Então, acho que esse é o importante, as pessoa que se doaram num foi pra mim, num foi pra diretoria, e[le]s vieram fazê ãa doação de sirviço pra Nossa Senhora do Rosário e, graças a

Deus o encontro tá acontecen[d]o ainda na cidade de Catalão, esse ano a gente já vai fazê em 2016, o oitavo encontro de congada. Então, é sinal que foi positivo, o encontro, que várias pessoas que vieram, os que vei[o] a prime[i]ra vez até hoje, tá voltan[d]o na cidade e quem num tinha participado tá vin[d]o pela prime[i]ra veiz e se a gente tivesse a condição melhor ainda de recurso, [vo]cê pode tê certeza que a gente colocava aí cinquenta grupo de congada, até mesmo de terno que num vei[o] aqui na cidade de Catalão, ainda.

E4: A gente tem um terno, eu num quero sê mais bonito do que nenhum terno, eu quero fazê a minha apresentação, que eu insaiei durante o ano, eu acho que aquel[a] ali foi a melhor, pra mim chegá aqui na porta da igreja, cantá pra Nossa Senhora, cantá pra intrega a coroa pro feste[i]ro e cada um vai procurá se dá o melhor de si. [...]. O casal de feste[i]ro atual sai co' el[a] no domingo de manhã e depois retorna pra sua casa onde el[e] guarda com bastante cuidado e responsabilidade, porque el[e] assina um termo de responsabilidade também. E na segunda-feira, el[e] tráis el[a] aqui pra igreja às três horas pra fazê a entrega da coroa.

E5: Depois do terno do Catupé, eu fui pro terno do saudoso seu Pedro Alcino, que é conhecido como Terno Congregação do Rosário, o terno ca[i]xa preta e é o terno que eu tô até hoje. E cumecei ali na file[i]ra, sendo quase que um dos últimos ali. Antigamente iexistia ãa ca[i]xa quadrada feita de made[i]ra, que cumecei dançan[d]o com ãa ca[i]xa daquel[a], aí depois a gente foi, vai crescen[d]o, vai mudan[d]o, a gente foi passan[d]o já, pulan[d]o de lugá e lugá, de file[i]ra. E um dia nũa visita surgiu ãa vaga pra guia e, olhô, chamô um, um num quis o outro num quis, eu já tava esperan[d]o oportunidade, ora que um num quis eu já pulei lá na frente e dalí já fiquei. Aí passei a dançá na guia, que el[a], no Congo é aquel[a] fila de frente que fica seis do lado direito e seis do lado esquerdo e a divisão do mei[o] é o capitão. O capitão cantava o verso prum lado e pro outro e, dan[d]o aquel[e] ritmo da música, tinha o ritmo a sé[r] repicá, e com o passá do tempo a gente já foi gostan[d]o ali do terno, é, é um terno de família, é difícil de entrá no terno do seu Pedro Alcino antigamente, que a guia era só irmão, primo, ti[o], neto e, eu era um dos únicos brancos ali na frente daquel[e] terno, dançan[d]o e, pra mim era um motivo de orgulho, de tá ali dançan[d]o. E depois surgiu um convite do seu Pedro Alcino já de idade, bastante cançado, já não dava conta mais de conduzi[r] o terno, é, seu filho tomô contá que foi o Zé Mauro, tinha o[u]tros capitães que ajudava, o João Preto. E depois el[e] chamô um neto pra tomá conta do terno, e quando el[e] chamô o neto del[e], el[e] me convidô pra junto del[e], pra gente conduzi o terno, porque des' de então eu ajudava a fazê as ca[i]xa, a gente ajudava a fazê a torda, que antigamente era de

made[i]ra co' lona que fazia a torda onde era os insaio dos terno, que era os barracão, que falava os barracão de insaio. E a gente se dedicava, a gente gostava muito e, com o convite del[e] eu fiquei um po[u]co mei[o] confuso pra sê[r] capitão, porque eu num era da família e fui pegá opinião prime[i]ro em casa e, tudo como na minha família eu num tinha muito quem era de congo, eu fui procurá a família do seu Pedro Alcino, quê que achava e a dona Mariana foi ãa das pessoas que me aconselhô e a todo momento el[a] colocô de prontidão pra mim ajudá o filho del[a] junto com os irmãos do atual capitão que é o Roberto e, eu passei a exercê o cargo de segundo capitão, tô até hoje no terno. O terno cada ano, graças a Deus, vem crescen[d]o, vem modifican[d]o, é lógico que algũas mudanças teve, mais as mudança pra melhô, porque se a gente ficá só no passado a gente num vai evolui[r], a gente vei[o] fazen[d]o as mudança e, graças a Deus tá dan[d]o certo e, tô aí nessa função de segundo capitão do terno Congregação do Rosário.

E5: O papel do presidente, é de tá junto com a diretoria organizan[d]o a Festa, tá escolhen[d]o o feste[i]ro que vai fazê a Festa do ano seguinte, que [é] pessoa da comunidade, da cidade, aí a gente faiz aqui através de ofício recebido, faiz a votação, o ganhado a gente vai na casa del[e] e, notifica né, que el[e] tá apto a fazê a Festa, seguin[d]o o estatuto da irmandade. E tem também o, além da escolha do feste[i]ro, a gente tem a igreja que tem os zeladô da igreja que a gente tem, que a gente paga pra zelá da igreja, da manutenção. Tem o zeladô aqui que toma conta do museu e a gente tem também um trabalho que junto com a igreja, elaborá junto com a igreja a Festa de Nossa Senhora do Rosário, a fazê o cronograma da Festa e tá [a]judan[d]o aí os terno, procuran[d]o sempre auxílio finance[i]ro pra ajudá os terno comprá seus instrumentos, a fazê sua ornamentação, as suas ro[u]pas. Tem também a parte religiosa, que tem os terço, então, tem essa preocupação de visitá os terno, de sabê de ãa pessoa já, de um dançadô já de idade, ãa pessoa que tá disimpregada, que tá pricisan[d]o de ãa cesta, é um auxílio médico, algũa coisa assim, ãa ajuda num plano funeral. Quando a gente perde um membro da irmandade de Nossa Senhora do Rosário, por mais que as condição num é lá aquelas coisa que a gente esperava, que a gente depende do repasse do feste[i]ro. A gente tem feito esse trabalho de procupá com os dançadô, de sabê como que tá, sempre fazen[d]o reunião com os capitães, decidin[d]o em conjunto com os capitães, como que vai sê o critério da Festa do ano atual, as ruas que vamos passá, se vai tê mudança, se num vai, qual são os métodos que a gente vai implantá na Festa. Então, acho que essa é a função do presidente e sempre tá levan[d]o harmonia pros terno de congo, tá levan[d]o [a]quel[e] respeito e levá sempre o nome da irmandade à frente aí da congada, porque é ãa intidade de cento e quarenta

ano, a maió[r] tradição cultural que tem na cidade de Catalão e até mesmo no Estado de Goiás.

3.2.7 Matheus Henrique (2º Capitão do Moçambique Mamãe do Rosário)

E1: Pra mim Nossa Senhora do Rosário é a mãe de Jesus, né! É a protetora, a que roga por nós aqui na terra.

E1/ E2: É o Moçambique. // Porquê? // Pelo fato del[e] carregá a coroa, o rei, reinado, comissão, tê essa obrigação né, porque sem o Moçambique a coroa num sai, o rei num sai. // E porque que el[e] tem essa obrigação? // Vem assim, num sei se é verdade ou se não é, praticamente ùa lenda né, que quando Nossa Senhora apareceu foi o moçambiqueiro quem foi lá, cantô, outros ternos foram com suas belezas, fardamentos, i[n]strumentos tudo, cantaram, cantaram e Nossa Senhora não veio. O Moçambique com a sua simplicidade foi lá, cantô, fez as ladainhas e tirô a Nossa Senhora // e colocô dentro da igreja? // colocô na igreja. // Então, por isso dessa responsabilidade! // Isso.

E1/ E2: Tem sim, é ùa ladainha que se fala assim: < Ei mais a Senhora do Rosário, foi achada no deserto, Moçambique quem [en]contrô mais o congo estava perto.> Que é a hora do encontro de Nossa Senhora né! O Moçambique quem tirô, mais os out[r]os congado estava perto.

E3: Isso. Minha curiosidade foi a, foi a origem e a diferença, dos Estados, do Congo pra Moçambique, Vilão pra Catupé, essas coisas assim. // E no seu estudo, o que que você encontrô assim? // Encontrei várias divergências assim, as principais diferenças foi de Estado [Minas Gerais] pra Estado [Goiás], como os tipos de Moçambique, os tipos de Congo, os tipos de Vilões são bem diferenciados. // E hoje você tá com que idade? // Hoje eu tenho 22. // E, então você tá aí dentro da congada há vinte anos? // Isso.

E4: A num tem nem explicação do que que a gente senti, é muita emoção ali assim, do mês de agosto pra frente já toma conta, [vo]cê entra em casa cantan[d]o, saí cantan[d]o, entra pro chuve[i]ro cantan[d]o, saí cantan[d]o.

E5: Isso. Minha função é segundo capitão. // E como foi se torná segundo capitão do Moçambique Mamãe do Rosário? // Pra mim foi ãa surpresa, porque tudo cumeçô com um, na Festa de Ouvidor. O Diogo pediu, [eu] num lembro, se el[e] ia fazê ãa cirurgia da garganta ou se el[e] já tinha feito que num podia esforçá, antes da Festa el[e] pediu que eu dançasse co' el[e] pra mim ajudá. Eu pensei assim, não, vai sê pra ajudá a organizá, batê ãa ca[i]xa, algũa coisa assim né! E no mais num foi, nãa certa hora el[e] me pediu pra marcá, falô: *Matheus tamá, assume aí, vê se [vo]cê consegue, pro [vo]cê me ajudá*. Eu fiquei surpreso, né! Assim, ingasguei de prime[i]ra hora, mais até que saiu mais ou meno, num foi bem o que el[e] esperava não, mais foi o cumeço.

E5: O meu papel mais é auxiliá, auxiliá o Diogo, auxiliá o Fabrício, auxiliand[o] o Cleitão. Tá alí pra escutá as reclamações, o quê que pode tá melhorando, é, tá ajudand[o] na organização dos i[n]strumentos, tá olhando a file[i]ra, essas coisas assim.

3.2.8 Aurora Moreira (Integrante do Moçambique Mamãe do Rosário)

E1: Minha mãe, minha advogada, minha rainha, tudo na minha vida. Eu não levanto um dia, um dia da minha cama que não chame prime[i]ro pelo nome del[a].

E1/ E2: É obvio, o Moçambique (*risos*). // Por quê que el[e] é o mais importante? // Não porque eu danço, isso eu sô[u] suspeita pra falá (*risos*). Mais porque, reza a tradição que sem um terno, sem a presença de um terno de Moçambique a coroa de Nossa Senhora não anda ... Se fô[r] realizá nossa Festa aqui, Cássio, hoje, e não tivé[r] um terno de Moçambique na frente, e a coroa não sai. // E essa questão da coroa não sair, vem de tempos remotos? // De tempos, vem da antiguidade. // Por quê? // Porque, conta a lenda, porque ninguém sabe quando cumeçô essa tradição, ninguém sabe ao certo quando el[a] veio, como el[e] foi trazida para o Brasil, porque el[a] foi trazida de fora, el[a] foi trazida com nosso povo da África, lógico que dentro dos rituais deles. Reza a tradição assim, uns falam que Nossa Senhora foi achada na pedre[i]ra, o[u]tra num ispinhe[i]ro, o[u]tra dentro d'água, é, depende da nação africana que tá o culto, mais que todo mundo tentava tirá porque ergueu-se uma capelinha pra el[a], e queria levá a imagem pra dentro capelinha, e chega lá, acaba num ficando que as lenda mesmo da onde el[a] saiu, acaba sempre no mesmo lugá. Então alí foi padre, foi banda de música, foi, pelevava tirá, el[a] não saía, e que os negros vestiram de branco, [a]marraram a latinha e foram e cantaram pra el[a] maió[r] simplicidade, pezinho no chão e el[a] acompanhô

eles e foi pra dentro da igreja. Então, é assim que é formado um cortejo de Nossa Senhora, o Moçambique é quem carrega Nossa Senhora.

E3: Acompanhan[d]o os devoto, os devoto acompanhando a rainha. É como se a gente fosse a guarda de ãa rainha, o Moçambique é isso, a guarda da rainha. // E qual que é a função do Moçambique Mamãe do Rosário dentro da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão? // Aqui em Catalão a gente tem graças a Deus dois terno de Moçambique. Onde existe só um terno, a função do Moçambique é essa, guardar a coroa, guardar a imagem de Nossa Senhora, cuidá do Reinado, carregá o Reinado e tá sempre ali presente na cerimônia, nos rito que tivê envolven[d]o a imagem de Nossa Senhora e a coroa. // E em Catalão, qual que é a função do Mamãe do Rosário? // A melhô, carregá Nossa Senhora (*risos*).

E4: A sensação de chegá o mês de Outubro! Ah, é tudo de bom meu filho, a gente passa o ano isperan[d]o, o ano a gente passa isperan[d]o, pro capitão ligá e falá assim: *prime[i]ro ensaio tal dia assim, assim*. Isso eu danço fora, eu danço em Ouvidor, eu dancei muito tempo em Três Rancho, tô parada agora por causa da duença da minha mãe, viajei muito dançan[d]o, não tem Festa como a nossa em lugá nenhum, não tem. E mais aquilo não satisfaz, não satisfaz, porque pra mim a Festa cumeça quando a prime[i]ra ca[i]xa bate, ali cumeça a Festa. Porque é nos ensaio que eu encontro meus irmão, eu procuro i[r] o máximo de ensaio que eu consigo i[r]. Ah, vou ali pro Saulo [Catupé Santa Efigênia], nós reza o terço, abre o ensaio del[e], vai pro Prego, a mesma coisa. Ultimamente, esse ano que passô agora, por causa da duença da minha mãe, eu quase não participei, mais de lá da casa del[a] a gente escuta quando as ca[i]xa do terno do Prego cumeça a batê. Não tem esse ano que as lágrima num cai (*risos*), [vo]cê entendeu, então [a]quel[a] coisa assim duída, chegô Nossa Senhora, é a hora deu te agradecê.

E4: Que hoje também tá diferente do que era. // Como que era antes? // Na minha época de minina, quando a gente ia com minha vó, a procissão da bande[i]ra por exemplo, era chamada de procissão dos balão, ninguém fala prucissão da bande[i]ra, era prucissão dos balãozin[ho], porque todo mundo carregava seu balãozin[ho]. A congada reunia pra rezá a novena, a última novena, mais a congada já ia buscá a bande[i]ra, e a bande[i]ra discia e não tinha [a]quel[a] missa ... a bande[i]ra discia e entrava pra igreja, e ali, a bande[i]ra presenciava o último mistério do terço. De lá de dentro a congada saia cantan[d]o pra levantá a bande[i]ra e levantá a bande[i]ra. // E como que é para um dançador ao ver da sinhora, levantá a bande[i]ra de

Nossa Senhora do Rosário? // Mostrá pra todo mundo, eis aqui a minha mãe, aqui minha mãe, tô aqui, el[a] tá no alto, el[a] comanda.

E5: Graças à Deus e à el[a] (*risos*). // E como foi essa inserção na congada? // Um sonho realizado Cássio, com muito, muito sacrifício, muita luta, porque não tinha mulhé dançan[d]o até então, dançan[d]o na file[i]ra com os home[m], não tinha. A gente sabia só de ãa no Catupé Amarelo, que era voto, e o João Ranhão aceitô porque era um voto, el[e] nunca contô pra ninguém o quê que era, tanto que eu acho que el[a] dança até hoje. Mais assim, um sonho de dançá realizado, porque o terno de Moçambique Mamãe do Rosário estava passan[d]o por um momento muito difícil, quase não tinha dançadô, chegô num ponto que a gente achava que o terno morreria. Então, todo mundo comentan[d]o: *o terno de Moçambique num sai, o terno de Moçambique num sai*. E a gente, sempre assim, inteceden[d]o, rezan[d]o, porque é muito triste quando a gente fica sabem[d]o que um dos nossos terno tá com problema, e todo mundo interceden[d]o. O Dimiro que era capitão nessa época junto com seu Geraldo, el[e] ainda não era general... sempre falan[d]o co' a gente, eu tô conversan[d]o com seu Geraldo, vê se o seu Geraldo leva [vo]cêis pra lá pro terno, pra [a]judá, porque tá assim, isso uns dois anos antes ... Aí veio o convite, a gente [a]té assustô, o Dimiro: *ó o seu Geraldo disse que pro [vo]cêis i[r] nos ensaios, [vo]cêis vai, eu cunversei muito co' el[e], el[e] aceitô*. Nesse ano a irmandade reuniu, teve ãa reunião da irmandade, e os homens não aceitava a gente dançan[d]o, tanto que foi colocado até em reunião, que eles foram num ensaio um dia, chegaram lá, viram a gente ensaian[d]o, todo mundo achava que a gente sairia só acompanhan[d]o, cantan[d]o, vestido de branco, e foi ãa das coisa que a gente pediu pro seu Geraldo: “seu Geraldo, a gente vem, mais assim, nós queremos ser moçambique[i]ras”; que a gente era três, eu, minha irmã e a ti[a] Dulce, que já é falecida. E el[e] concordô, não com muita boa vontade (*risos*), porque o seu Geraldo, el[e] era assim muito, como é que eu vô[u] te falá, el[e] era muito tradicional naquilo. Então, el[e] achava congo é só pra homem, mulhé participa só por trás da cortina.

3.2.9 Diogo Gonçalves (1º Capitão Moçambique Mamãe do Rosário)

E1: Nossa Senhora do Rosário é minha mãe né, tem minha mãe da terra e tem Nossa Senhora do Rosário como minha mãe, como aquel[a] que tudo que eu vô[u] fazê prime[i]ro eu peço que el[a] passe na frente, eu peço que el[a] tome conta, eu peço que el[a] encaminhe, eu peço que el[a] seja de fato a minha guia, nas minha[s] decisões, nas minha atitudes, em tudo que

vô[u] fazê. Então, Nossa Senhora representa o papel que a mãe da terra tem com seu filho, Nossa Senhora também representa pra mim no plano espiritual.

E1/ E2: A gente tem várias versões, na nossa região a gente tem a versão que, Nossa Senhora apareceu nãa gruta de pedra, foi achada no deserto, nãa gruta de pedra, o pessoal via Nossa Senhora nessa gruta, ia lá tentá trazê el[a] prá igreja e Nossa Senhora não ia, né! Aí eles chamaram banda de música, chamaram ternos da congada, até então pra i[r] batê e, chamá o padre e Nossa Senhora não acompanhava, quando o Moçambique canta e saúda, Nossa Senhora acompanhô, né! Até porque, deve sê o porquê dessa questão aonde o Moçambique que tira a coroa, o Moçambique tira Nossa Senhora, fala que o Moçambique, tem o verso mesmo que diz que a Senhora do Rosário foi achada no deserto, Moçambique quem tirô mais o Congo estava perto. Mostrando, não diminuindo também os demais ternos, ou seja, os demais também estavam por ali, mais quem tirô foi Moçambique, não que o Moçambique é mais ou precisa estar num patamar de ãa escala maior, diferentes dos demais, não. Moçambique é um terno como os demais, só que o Moçambique, é, precisa sê respeitado dentro desses quisitos que não somos nós que criamos hoje, é algo que também vem na história, coisa essa que serve até pra nossa reflexão, que em tempos passados os Moçambiques tinham mais respeito, os Moçambiques eram mais respeitados. E hoje me parece que não sei se é pelas vaidades, das vaidades não se tem esse respeito com o Moçambique de ãa certa forma. // E ao seu ver Diogo, o ritual que é refeito todos os anos durante a Festa do Rosário. O ritual de retirada da bande[i]ra, de retirada da coroa, remete a essa lenda, a esse mito que é contado? // Com certeza, porque os ternos, é, passam, vão adiante, os dois Moçambiques ficam por último justamente p[r]a cumpri com essa tradição de quem tira Nossa Senhora, de quem tira a coroa são os Moçambique[i]ros.

E1/ E2: Tem sim, tem ãa, alguns versos que são cantados por alguns capitães de Minas Gerais que a gente gosta de lembrá que retrata um pouquinho isso aí, que fala ...< A Senhora do Rosário, foi achada no deserto, Moçambique é quem tirô mais o Congo estava perto>, <A Senhora do Rosário foi achada no deserto ... Oi seu vigário, buscá nossa mãe, nossa mãe num vêi éh, ói banda de música canta pra nossa mãe, nossa mãe num aluiu éh, ói cumpania com Moçambique[i]ro nossa mãe saiu éh. Oi vilãoze[i]ro buscá nossa mãe, nossa mãe num veio éh, oi catupeze[i]ro cantá nossa mãe, nossa mãe num veio éh, oi congue[i]ro viram a nossa mãe, nossa mãe num aluiu éh, oi cumpania com Moçambique[i]ro nossa mãe saiu éh, oiê, oiê com Moçambique[i]ro nossa mãe saiu éh>.

E2/ E3: O Moçambique Mamãe do Rosário dentro da Festa de Catalão, alguns anos atrás até então, não tinha é, ãa obrigação firmada, vamos assim dizê, devido o Moçambique Coração de Maria já fazê as obrigações de carregar o Reinado, retirar a coroa por último, então acaba que o Moçambique Mamãe do Rosário até então não tinha. Depois de alguns anos, é, foi feito ãa divisão, aonde o andor de Nossa Senhora do Rosário, a imagem de Nossa Senhora do Rosário, el[a] é retirada pelo Moçambique Mamãe do Rosário. // E isso tem algum sincretismo aos primórdios dessa Festa? Uma relação? // Com certeza, porque o Moçambique de modo geral, não o A ou B ou C, o Moçambique de modo geral tem toda ãa responsabilidade, como você me perguntava anteriormente, ãa importância diferente dos demais ternos, porque sem um terno de Moçambique que seja, a coroa de Nossa Senhora não pode saí da sua morada, a coroa não saí. Portanto, nós temos exemplo na região, temos aqui ãa cidade próxima, Nova Aurora, é ãa cidade circunvizinha de Catalão, em que tem a Festa do Rosário e a coroa não sai da sua sede, porque alguns anos não tem mais o Moçambique, a Festa acontece, os demais ternos dançam, vão lá visitá a coroa, saúda a coroa, mais el[a] não pode saí, porque não tem um terno de Moçambique. Então, dá-se toda essa importância ao Moçambique devido o carregar a imagem de Nossa Senhora, devido carregar o Reinado, devido carregar a Coroa, porque é, nos faiz, é, remeter a um processo histórico que foi passado de pai pra filho, de capitão a capitão, de rei a rei, da congada e nós temos em nosso meio nos dias de hoje nada que fosse um registro, a tem um documento que prova, que constata tal exigências, nós num temos, se tem, eu não conheço. Então, é algo que foi passado, aonde, qualquer cidade que você fô[r], que tem a Festa do Rosário você vai ouvir mais ou menos essa mesma história aonde o Moçambique é o responsável por essa [re]tirada da coroa, por essa retirada da bande[i]ra, por essa retirada do andor de Nossa Senhora do Rosário. Justamente embasados em contos, e até mesmo em músicas que foram registradas dentro do processo da achada ou do aparecimento, do surgimento de Nossa Senhora do Rosário.

E4: Ah, eu não espero o carnaval, eu não espero o ano novo, o reveion; eu não espero o natal da forma e intensidade que eu espero, vou nem dizê o mês de outubro, vamo dizê o mês de agosto, onde propriamente dito nós iniciamos os nosso ensaios. Então, como se diz o agosto, setembro, outubro de fato que é a Festa, é aguardado ansiosamente e contado, como se diz, dia após dia na folhinha do calendário.

E4: A [alvorada] é um momento de muita emoção, aonde hora que dá o apito dos generais, os sinos da igreja, os fogos são soltos ali na porta da igreja, é um momento de muita emoção aonde eu todos os anos, ao chegá na porta da igreja, louvo e agradeço a Nossa Senhora por mais um ano está participando de mais ã Festa, com saúde, com força e com o batalhão todo ali reunido e preparado pra mais um ano.

E5: Não. Nunca tinha passado na minha cabeça, é, ser um capitão, quê por incrível que pareça hoje, sen[d]o capitão de Moçambique, quando vô[u] a um terno de Catupé, alguns capitães me chama, pede pra gente fazê a marcação, eu num ten[ho] tanta intimidade em marcar Catupé, em marcar Vilão, como eu tenho em marcar Moçambique e o Congo; já o Congo, num sei se é devido ser, é, ou é marcha ou é um rojão, num sei se tem ã ligação maior com Moçambique, não sei porque, eu já tenho ã facilidade maior. Já o Catupé marco, a gente canta e faiz a Festa, mais num é com tamanha sigurança.

E5: O papel do capitão dentro de um terno é, precisa sê prime[i]ramente de tamanha responsabilidade. O capitão sigurá um bastão aonde alí, a cabeça do bastão é maior, onde são colocadas algũas ou variadas fitas de cores também variadas, alí mesmo já está, já é um símbolo de total reverência ou respeito e responsabilidade, mostrando pro capitão, pra quem carrega aquel[e] bastão que el[e] é o responsável em fazê a ligação entre o céu, aliás entre a terra e o céu dentro de ã visão católica, ou terra e aruanda dentro de ã visão, é, espírita umbandista, que não deixa de perpassá pela congada, logo pela Festa de Nossa Senhora do Rosário.

E5: Como eu disse, desde criança sempre realizei as novenas durante todos os dias da Festa, desde criança. E já de alguns anos pra cá, eu assumi a responsabilidade da novena das seis horas da manhã. Então, todos os dias as seis horas da manhã eu estou como, é, de responsabilidade minha, o conduzir da celebração da novena da Festa durante todos os dias.

3.2.10 Maria do Rosário (Acompanhadora do Vilão II – Nossa Senhora de Fátima)

E1: Tudo. // Porquê? // É a fé que canta, é a fé que dança, é a devoção em Nossa Senhora, porque assim [vo]cê dança é pela fé, pela Nossa Senhora. [Vo]cê fala eu num vô[u] dançá esse ano, mais [vo]cê vem com mais garra, parece que el[a] te dá mais força, el[a] é tudo.

E1/ E2: Olha, todos são de grande importância como você acabou de dizer, mais o Moçambique tem um papel muito importante. // Porquê? // Porque foi el[e] que, segundo a lenda né, na época dos escravos, que os escravo sentia muito oprimido com aquel[a] tristeza, el[es] acharam a santa. Então, quando o Moçambique é aquel[e] terno que, el[e] tem que chegar prime[i]ro, el[e] que carrega a santa, el[e] tira, el[e] que [põe], os terno não sai sem o Moçambique, el[e] é importante em tudo.

E3: A gente viaja muito, o terno é convidado pra viajá, foi pra [A]parecida três vezes, [A]parecida do Norte, nós já fomos pra ... Brasília, Goiânia. A faculdade de Goiânia agora po[u]co chamô nós pra fazê ãa apresentação muito bonito, nós foi, demais, vários lugares que nós viajamos.

E4: Aí lindo. Esperança linda, porque a gente já tá naquel[e] clima de Festa, chegô outubro ali, o mês, nossa que bença gente. Nós vamo fazê a nossa apresentação, Nossa Senhora vai [a]judá que tudo vai dá certo e, dá. E assim o pessoal tem aquel[a] confiança co' a gente, é um aqui pedin[d]o pra arrumá ãa coisa, é o[u]tro pra arrumá o[u]tro, é a ro[u]pa e a gente vai, [vo]cê nem vê passá.

E5: Já, dancei no terno do meu pai, quando eu era jovem, dancei no Catupé Amarelo quando eu era jovem.

E5: Meu papel é muito importante, eu sô[u] aquel[a] pessoa que junto co' meu marido comando tudo, eu participo de tudo, participo dos terço na Festa do Rosário, inclusive eu ajudo os minino na parte da manhã. Na minha casa eu que faço a ornamentação dos capacete, tudo sou eu aqui na minha casa junto com el[e].

Assim, diante do exposto, no qual propusemos apresentar parte dos dados encontrados durante nossas conversas com os integrantes dessa manifestação cultural e ao mesmo tempo religiosa, que são de extrema importância para corroborar o que foi proposto no objetivo deste estudo, que é verificar mediante as análises destas narrativas, a relação entre a língua e a cultura que configura o reforço/ refazer do mito do achamento da Santa do Rosário, vivenciado durante as festividades.

Desta feita, após expormos fragmentos das narrativas orais dos integrantes da Congada, fazendo alusão ao organograma que propusemos, buscaremos na seção seguinte

analisar as ocorrências do mito do achamento da Santa do Rosário, na perspectiva da relação língua-cultura. Deste modo, abordaremos assuntos acerca da memória, fazendo referência às narrativas orais deste estudo, que são memórias orais dos dançadores, capitães, bandeirinhas, general e presidente da Irmandade.



Figura 5 - Imagem de Nossa Senhora do Rosário sendo retirada da Igreja e levada para rua, nos festejos de 2015. Fonte: Maysa Abrão.

IV. ANÁLISE DOS DADOS

*Moçambique chegô,
Chegô pra festeja,
Quem é de casa mi ajuda,
Quem não é, eu vô convidá.*

*A história desse Moçambique,
Será pra sempre assim,
Tem começo e meio,
Mais nunca terá um fim (2x).*

O nosso estudo busca discutir o mito do achamento da Santa do Rosário, a partir de narrativas expostas por sujeitos que fazem parte da Congada e das cantigas por eles entoadas, considerando nelas a relação linguístico-histórica-antropológica. Buscamos entender, ainda, se essa relação comporta o refazer do mito durante a festividade. Desse modo, por meio das narrativas, intentamos compreender os sentidos social, histórico e religioso da vivência e da participação de cada sujeito na Congada de Catalão e, sobretudo, neste mito.

Para melhor compreendermos as “falas” dos sujeitos, o *enredo mítico* disposto no organograma e os passos da narrativa mítica como anteriormente discutidos nos permitem visualizar os integrantes, os lugares e as entidades que são participantes do festejo. Assim, teremos o fio condutor de nossas análises, pois é por meio da memória narrada pelos falantes e das cantigas entoadas, que as histórias vividas são compreendidas no decorrer da Festa do Rosário. Em um primeiro momento, apresentaremos os elementos do *enredo mítico* em excertos narrativos dos sujeitos participantes da pesquisa e, depois, em cantigas de variados ternos.

Nosso intuito é demonstrar, através do *corpus*, como na linguagem oral destes sujeitos o mito do achamento da Santa do Rosário se reafirma a cada ano. Por isso, a perspectiva de análise linguística adotada é antropológica, em respeito ao que enunciam os sujeitos e como enunciam para se especificar minúcias da linguagem, atendo-nos ao todo dos fragmentos narrativos ou das cantigas.

Por meio destas narrativas, estamos certos de que compreenderemos a relação língua-cultura como indissociáveis, porque a língua é por nós entendida como um produto cultural e social, conforme ensinam vários estudiosos da Linguística em perspectiva antropológica, a exemplo de Sapir (1969), como discutido anteriormente. Acreditamos que essa relação da Congada como manifestação da cultura popular da cidade com a memória do seu mito

fundador pode ser estudada, porque se mantém no da Festa é a comemoração da luta do negro pela liberdade, pois “[..] referimo-nos aos tempos da escravidão moderna, quando milhões de africanos foram transplantados para o Brasil para linguajar dos participantes dessa festividade.

Outrossim, é sabido que o sentido serem submetidos à mais radical e cruel forma de imposição de desigualdade social” (BARROS, 2014, p. 7). Dessa forma, eles trouxeram consigo suas crenças, costumes e tradições.

Como nos remete a história, ao chegarem ao Brasil, os negros foram submetidos à catequização imposta pela Igreja Católica e protagonizaram grandes dinâmicas no catolicismo popular. De tal modo, “o catolicismo popular não é senão a dominação interiorizada, ela provoca na alma do pobre a adesão passiva e submissa ao sistema” (HOORNAERT, 1974, p. 103). Diante do exposto, compreendemos que a Igreja impõe e o “pobre” acata. Este excerto nos leva a pensar os congadeiros na Festa do Rosário, pois ela é regida por brancos, enquanto o negro tem como papel dançar e festejar, como citado anteriormente. A Festa reúne elementos africanos e europeus e é organizada por uma Irmandade, a qual busca a valorização do negro que participa desta Festa pela sociedade.

Vale ressaltar que o Reinado, diante da Festa de Nossa Senhora do Rosário, mais precisamente a partir do ano de 1975 se tornou figurante dentro da festividade. Pois como nos elucidava Brandão (1985, p. 43, destaque do autor) que “o rei é um *figurante*, como temos visto. Ele atua como o personagem do seu próprio ritual”. Assim, seguindo o enalço das palavras do autor, é notório que o Reinado (principalmente o Rei), não tem “voz” dentro da sua manifestação cultural, pois quem tem autoridade sobre a irmandade é o seu presidente.



Figura 6 – Reinado de Nossa Senhora do Rosário, em cortejo pelas ruas da cidade. **Fonte:** Maysa Abrão (2015).

Portanto, a compreensão de todos os elementos que compõem o *enredo mítico*, nos leva a entender o sentido que a Congada tem em refazer o mito a cada ano na primeira quinzena do mês de outubro. Para tanto, foram buscados nas narrativas fragmentos de textos, mas um todo discursivo, que nos permitissem visualizar a historicidade desta Festa, bem como o reforço do mito e as histórias de vida de cada sujeito partícipe da festividade.

A seguir, nesta seção, apresentaremos fragmentos das narrativas, bem como a interpretação das mesmas, elucidando os elementos do *enredo mítico*, mostrando por meio dele as histórias desta manifestação da cultura popular como expressão de vida dos sujeitos, caracterizando a identidade dos adeptos desta Festa.

A partir dos cinco elementos do *enredo mítico* (Quem, Por quê, Onde, Quando e os Eus Coenunciadores), apresentamos, nas histórias vividas pelos narradores, a Congada como uma devoção divina, uma prática cultural que é do povo e que se difunde em meio a todos aqueles que são adeptos desta prática. Assim, entenderemos os rituais da Congada por meio das suas memórias, em busca de compreender o refazer do mito.

Como apresentamos anteriormente um breve histórico da Festa de Nossa Senhora do Rosário, teremos como norte o início desta manifestação, de onde sistematicamente compreenderemos o sentido de festejar a Senhora do Rosário, visualizando o refazer do ritual do achamento da Santa do Rosário, que nos foi narrado por antigos participantes deste festejo.

A Festa do Rosário é, como temos dito, uma Festa centenária em Catalão-GO, que busca, por meio dos seus rituais, propagar a devoção em Nossa Senhora do Rosário. A Festa é um dos principais momentos de elevar os louvores à Senhora do Rosário, em que os participantes revivem suas histórias de vida ou até mesmo as histórias dos seus antepassados. Sabemos que “[...] num momento ‘sagrado’, o escravo poderia nivelar-se ao amo, com ele se alimentar na mesma mesa, beber e participar das atividades sociais [...] era frequente observar, nestas semanas, os senhores servindo os escravos e alimentando-se depois deles” (SEBE, 1986, p. 16). Portanto, era comum, durante a Festa do Rosário que acontecia na zona rural, os fazendeiros servirem seus escravos, como elucidada o autor supracitado.

Como já mencionado, antes de chegar a Catalão, os rituais da Congada fizeram outros caminhos: eles vêm da África e, como era de se esperar, os costumes que aqui chegaram sofreram modificações/adaptações condizentes ao povo que aqui reside, “Porque, conta a lenda, porque ninguém sabe quando cumeçô essa tradição, ninguém sabe ao certo quando el[a] veio, como el[e] foi trazida para o Brasil, porque el[a] foi trazida de fora, el[a] foi trazida com nosso povo da África, lógico que dentro dos rituais deles” (Aurora Moreira, 54 anos).

É sabido que na África ocorria a luta do negro pela liberdade, como já mencionado, as danças, os gingados da capoeira, que por sinal foi outra manifestação cultural inserida na cultura popular brasileira, meio pelo qual o negro rompia com o cotidiano e encontrava, no momento do festejo da Senhora do Rosário, suas raízes.

Criou-se o bailado da Congada, quando uma santa foi encontrada num rochedo no continente africano e vários foram os esforços para retirá-la de lá, como já foi dito anteriormente e apresentado por meio da obra de Brandão (1985). Várias pessoas e grupos (como banda musical e o Congo¹⁴) foram até a santa para tentar levá-la a um local sagrado (igreja), mas foram os negros mais simples (hoje representados pelo Moçambique) que obtiveram uma eficácia diante da Santa e conseguiram levá-la para um templo.



Figura 7 – Terno Congo Zé do Gordo, em evolução pelas ruas da cidade. **Fonte:** Maysa Abrão (2015).

Assim, elucidando o achamento da Santa do Rosário, em uma das narrativas, o ator/participante desta Festa conta que:

[...]já me contaram que el[a] foi achada em ãa gruta no deserto, eu nem sei especificá por quem e justamente esses, esses pretos como era tratado né, foram lá pra podê trazê el[a], acharam no deserto, foram pra trazê el[a] pra ãa gruta ou pra ãa igreja, certo! E chegaram baten[d]o nos ritmo de tambô, lá tal, que eles falam-se que era o reino de Congo, certo! Um ritmo mais acelerado, mais repicado. Segundo relatos é que, num é que el[a] não gostô, mais de lá não conseguiram aluí[r], a imagem do lugá de jeito nenhum. Aí chegaram um grupo menor, um grupo menor, um grupo bem mais humilde, com ritmo bem lento, bem mais compassado, que hoje é conhecido mais como os Moçambique, né! Aí com aquel[e] pessoal vestido de branco, talvez nem seja essas ro[u]pa tão branca, tão moderna igual a de hoje, mais vestido de branco, com o batido de[le]s bem lento, bem mestiçado, eles conseguiram trazê a imagem e os congo vei[o] acompanhando” (Eduardo Camilo, 45 anos).

¹⁴ Congo, terno que faz parte de uma das numenclaturas da Congada de Catalão-GO. Neste terno dançam homens e mulheres, elas ficam a cargo de carregar a bandeira, sendo crianças e adolescentes; já os homens carregam suas caixas de couro, instrumento utilizado por esta nomenclatura, o qual, faz um forte barulho.

Outro ator/ participante nos relata ainda que:

Olha o terno na história do congado é o Moçambique. // Por quê? // Porque o Moçambique é, o Moçambique a cantiga del[e] é de lamento e o Congo também [vo]cê pode vê que cantiga del[e] é de lamento, [vo]cê entendeu? Porque a história diz que, o Congo foi Nossa Senhora tava nãa gruta, o Congo foi cantô, saiu el[a] num acompanhô e o Moçambique vei[o] né, por isso que tem a música prime[i]ro o Moçambique depois vem o Congado, tirô Nossa Senhora do seu manto sagrado, né. Aí o Moçambique foi lá com [a]quel[e] batido né, de lamento, cantô e vei[o] sain[d]o e el[a] acompanhô, [vo]cê entendeu? Então ficô essa história aí dent[r]o do [congado]” (Elzon Arruda, 74 anos).

Desta feita, tomando como referência os dizeres destes atores/participantes do festejo, observamos que a Festa segue o regimento apresentado no começo da sua historiografia, quando lhes foi repassada a historicidade do mito. Vimos que o primeiro elemento do *enredo mítico* pode ser observado nos excertos das narrativas supracitados, nos quais os narradores apresentam Nossa Senhora do Rosário como a figura principal do festejo e, por conseguinte, o Moçambique sendo como o terno mais importante, não deixando de mencionar outros ternos como o Congo, mas remetendo a lenda ao Moçambique, que obteve eficácia diante da santa.

Assim, mediante esses dois excertos dos narradores, compreendemos que o primeiro elemento do *enredo mítico* se junta ao segundo, sendo que um não está independente do outro, uma vez que o segundo elemento nos leva a visualizar o porquê e por quem é feito o mito. Consideramos que o refazer do mito é por todos os ternos durante os cortejos, bem como é reforçado pelo Moçambique, o ritual de achamento da Santa do Rosário.

Diante da historicidade do referido mito e do conhecimento dos participantes desta Festa, ressaltamos que o conhecimento dos rituais da festividade é (re) conhecido somente por aqueles que vivenciam verdadeiramente a Festa de Nossa Senhora do Rosário, já que este é o momento de reavivar a devoção pela santa, pois várias são as pessoas que dançam somente por dançar, como mencionado anteriormente, e não buscam compreender o verdadeiro sentido que tem a Festa, os sentidos das práticas de cultura popular.

Vejamos outro excerto em que esse reconhecimento por parte da narradora se faz evidente:

[...]o Moçambique no começo quando eu dançava no Catupé, eu achava o Moçambique um pouco assim apagadin[ho] né, a gente num levava muito a sério o terno do Moçambique. Mais porque, porque a gente não entendia o valor del[e] dentro da Festa. Quando eu passei a dançá no Moçambique, a saber da história do mito, que que é a história do mito. Bom, o povo do

[país] do Congo, andan[d]o no deserto né, com seus batidos, acharam ãa caverna, encontraram ãa santa lá dentro. Retiraram a santa da caverna, levaram el[a] consigo, el[a] voltou pra trás, el[a] voltou pra caverna. O povo do [país] Moçambique, sendo um povo mais pobre ainda né, com seu outro batido né, mais lento, mais manhoso, conseguiu tirá el[a] da caverna, da rocha que el[a] estava e levou, e el[a] ficou. Então assim, quando a gente fica sabendo dessa história, igual a santa só retira da igreja o Moçambique, só o Moçambique tira a santa da igreja, porque, só el[e] que tirô el[a] né, da gruta. Então assim, essas coisas quando a gente vai sabendo, a gente vai passan[d]o pros nossos mais jovens. Agora assim, eu me sinto muito responsável quanto a isso assim, de passá a história pros outros” (Daniane Moreira, 35 anos).

Deste modo, o que nos parece até então é que a maioria dos participantes não dava o verdadeiro valor ao Moçambique, e à própria Nossa Senhora do Rosário, pois, ressaltamos que o Moçambique (vide figura 6) é o principal diante da Festa, pois como se vê, outra narradora, a mais velha dos sujeitos desta pesquisa, confirma a importância do Moçambique dentro do festejo e o reforço do mito. Mas, mais do que a relevância do terno, o relato evidencia o papel da memória oral para que compreendamos o sentido do mito:

[...] Moçambique é que tirava, buscava a coroa, que intregava a coroa, tudo era o Moçambique. // E a image[m] de Nossa Senhora era eles que carregavam também? // Era, ia ali junto, junto atrais ali. // Da procissão né? // É ... era os Moçambique. Toda vida e[le]s fala comigo, Moçambique teve mais força né na Festa, porque, assim eles falava né (Benedita Moreira, 90 anos).

Outro elemento linguístico importante na visualização do refazer do mito do achamento da Santa do Rosário são as cantigas. É por meio delas que podemos observar a alegria dos participantes em festejar não só Nossa Senhora do Rosário, mas os demais santos padroeiros (São Benedito, Santa Efigênia, dentre outros).



Figura 8 – Terno Moçambique Mamãe do Rosário, em evolução na Igreja. **Fonte:** arquivo pessoal (2016)

Tomando, mais uma vez, a Festa do Rosário como uma Festa de cunho religioso, não podemos deixar de lado o sentido cômico popular e público, levando em consideração a tradição, nos dizeres de Bakhtin (1987), nas quais as narrativas e as cantigas são formas linguísticas (linguagem verbal, como discutimos no primeiro capítulo) de propagar essa tradição centenária, essa encenação pública e popular. Na cantiga “Bati Moçambique, na levada eu vou, eu vou; Oi, lá na mata, cachoeira balançô; Oi, lá invém Nossa Senhora Padroeira; Carregando nus braço um buquê de flô!”, é notório nela o refazer do mito, sendo o Moçambique que faz o seu batido simples na mata e Nossa Senhora o acompanha, carregando nos seus braços um buquê de flor, que se refere ao menino Jesus. Diante disso, compreendemos que as cantigas, como mencionamos, não distante das narrativas, são as formas pelas quais os sujeitos reavivam a historicidade do achamento da Santa do Rosário.

Outra cantiga menciona ainda mais a fundo o achamento da santa, que diz “A Senhora do Rosário, foi achada no deserto, Moçambique foi quem tirou, mais o congo estava perto”. Aqui visualizamos melhor o porquê da importância do Moçambique diante desta Festa, como pudemos observar as narrativas mencionadas anteriormente, nas quais os narradores frisaram o valor do Moçambique para o festejo, sendo ele o mais importante, o que teve a força de retirar e conduzir a Senhora do Rosário.

Assim, ao relacionarmos as narrativas com as cantigas, estamos mostrando a sistematicidade dos elementos propostos no *enredo mítico*, a qual, no decorrer das análises,

entenderemos ainda mais persistentemente como um depende do outro para dar sequência ao ciclo do achamento da Senhora do Rosário.

Ao considerarmos essa interdependência, em que o primeiro e o segundo elementos se complementam, devemos entender que o mito é refeito, sendo retirados do âmbito do sagrado os símbolos da Festa e levados para o profano em forma de cortejo, em um claro e incontestável sincretismo, pois a devoção não se restringe aos católicos.

Observamos, na cantiga a seguir, as peripécias que o negro passou quando chegou no Brasil, quando se diz “Eu sou um Africano, Eu vim para o Brasil contra vontade, Trabalhá na escravidão, De dia e de noite, sem podê ter liberdade”, cantada por todos os ternos há anos, como se fosse um hino, como forma de festejar, lamentando-se, a almejada libertação.

Vários são os fatores pelos quais os dançadores louvam a Senhora do Rosário, seja pela devoção, pelo amor em dançar, pelo pagamento de promessas ou até mesmo dançam para fazer bonito para a população ali presente. Ainda na consonância de visualizar os elementos do *enredo mítico*, além do reconhecimento do Moçambique como o principal terno diante da Festa, vislumbramos a importância de Nossa Senhora do Rosário na vida destes narradores, uma vez que, como já dissemos, a maioria dos dançadores dançam em louvor a ela.

Outrossim, não só no momento de festejar a Santa Padroeira, mas no dia-a-dia de suas vidas, os sujeitos buscam o auxílio da Santa, pois,

[...]independente de Festa do Rosário eu tô trabalhan[d]o el[a] tá comigo na minha gola da minha camisa, eu num consigo, eu durmo tenho que rezá pra el[a], a minha vivência dent[r]o da igreja é pra el[a], sempre nos meus cumprimentos, é sempre fica com Deus e Nossa Senhora. Então assim, eu crisci dent[r]o da fé, pra mim el[a] é tudo, tudo, pra mim resumi, ãa palavra só, que el[a] representa pra mim, tudo (Eduardo Camilo, 45 anos).

A devoção em Nossa Senhora do Rosário é tão grande para os sujeitos que são atuantes na festividade que muitos se emocionam e, após narrarem suas experiências com ela, percebem o sentido pelo qual participam da Festa, sendo pelo incentivo de familiares, tomando o gosto pela festividade ou por incentivo próprio, ou até mesmo por devoções passadas por gerações no seio da família. Assim, esclarecendo a importância de Nossa Senhora do Rosário em sua vida, a narradora diz que:

Pra mim é mãe, mãe, mãe minha, mãe de todos os dançadores. É, assim eu chego até um po[u]co assim a me emocioná, porque na minha casa tem ãa Nossa Senhora (*choro*) ... e eu todos os dias, eu vejo, eu falô co' el[a] e a impressão que me dá, que el[a] sorri, quando el[a] tá alegre co' as coisa que eu falo, el[a] sorri ... e eu olho pra el[a] também e lembro muito do meu pai

(*choro*) ... porque meu pai é ãa pessoa que, na minha vida como dançadora tava do meu lado ... foi o que mais me acompanhô dançan[d]o, mais do que minha mãe, mais do que minha irmã. Então eu olho pra el[a], eu lembro sempre del[e] e assim, e pra mim é como se el[a] falasse assim: *minha filha, tem força, continua*. Então assim, pra mim Nossa Senhora do Rosário é mãe. // E podemos se dizê diante dessa história, que el[a] é, que seu pai [al]judô né, te inspirô e el[a] continua sendo sua inspiração pra dançá? // Continua sendo minha inspiração pra dançá (Daniane Moreira, 35 anos).

Outro narrador relata que muitos questionam-se que “Nossa Senhora do Rosário é ãa santa, de barro, num tem boca, num tem ouvido, num tem mão, mais pra mim que sô[u] devoto el[a] tem isso tudo, porque el[a] é ãa pessoa que me iscuta, que eu cunverso, que eu falo, que eu posso disabafá” (Leonardo Bueno, 38 anos).

Assim como as narrativas evidenciam essa importância de Nossa Senhora na vida dos narradores, a cantiga “Virgem do Rosário, Santa poderosa, Abre os meus caminho, que eu estou chegando agora, Olé ré ré ré ré ré, sou Moçambiqueiro e serei até morrer” também diz o quão poderosa a Senhora do Rosário é na vida e na história dessas pessoas.

Desta feita, ao elucidarmos os dois primeiros elementos que constituem o que temos denominado como *enredo mítico*, confirmamos que Nossa Senhora do Rosário (representada na imagem santa) é um dos símbolos principais desta Festa, tendo em sua companhia a coroa, outro símbolo que representa a própria Nossa Senhora, sua realeza, ela é o ponto máximo, é o símbolo do poder, da hierarquia entre Nossa Senhora e os seus dançadores e devotos. Desta feita, sem esses símbolos e o Moçambique não há Festa do Rosário. E, mais uma vez, confirma-se o reforço do mito por meio das narrativas e das cantigas.

Os lugares por onde passou esta manifestação de cultura popular e religiosa e fez sua estadia são muitos. Como já discutido, esta manifestação é oriunda da África, foi trazida pelos negros, que foram transportados em navios negreiros de diversos países africanos para os portos brasileiros. Isso nos leva a compreender o terceiro elemento que compõe o *enredo mítico*, expondo-nos os lugares dos movimentos desta representação.

Ao chegarem ao Brasil, os negros foram espalhados, negociados para várias partes do país, como Minas Gerais. Como já dito, essa manifestação, que está presente no Estado de Goiás, mais precisamente na cidade de Catalão-GO, é oriunda da cidade de Araxá-MG, como observamos neste relato, em que a narradora conta um pouco da trajetória do pai, dizendo que, “[...] Meu pai dançô ãa vez em Araxá, na época, muito jovem, depois nunca mais. // Seu pai era de Araxá? // Meu pai era da região de Minas, Oliveira. // E lá tinha congada também, será? // Tinha. // Então, el[e] já conhece desde lá? // El[e] conhece de lá” (Maria da Luz, 54 anos).

Quando chegou a Catalão, a Festa ocorreu nas fazendas por vários anos, pois os negros escravos que foram comprados por fazendeiros desta região, faziam suas homenagens a Nossa Senhora do Rosário nas suas senzalas. Deste modo, “na constituição desta nova cultura de confraternização, o papel da religião foi decisiva: ‘A religião tornou-se o ponto de encontro e de confraternização entre as duas culturas, a do senhor e a do escravo’” (HOORNAERT, 1974, p. 99, destaque no original). A respeito, vejamos o excerto seguinte:

[...] A Festa de Nossa Senhora do Rosário, eu acho que, vou eu pra mim tentar te explicá mais amplamente, el[a] vei[o] lá, vei[o] lá das senzalas, eu acredito que você saiba o começo de tudo, como começô, [vo]cê tá me intenden[d]o. [...] a Festa foi crescen[d]o, foi p[r]a roça, pra roças cumeçô chegá nas cidade, principalmente no âmbito de Minas Gerais onde el[a] é fortíssima, é muito raro [vo]cê vê um município em Minas Gerais que num tem o congado (Eduardo Camilo, 45 anos).

Com o passar dos anos, a Festa foi levada para a cidade, que até então era uma vila, como já mencionado. Deste modo, os dançadores, que eram trabalhadores das fazendas, precisavam ir para a cidade realizar a Festa. Para que o festejo acontecesse, os fazendeiros davam folga do trabalho para os dançadores, sendo os fazendeiros na maioria das vezes os festeiros. Se a “Festa popular é um tempo de alegria” (BAKHTIN, 1987, p. 219), durante a Festa da Senhora do Rosário, a principal motivação da alegria deve se explicar porque todos os dançadores vivenciam sua devoção a Nossa Senhora do Rosário.

Deste modo, para compor os ternos de Congo, os dançadores faziam o maior empenho em deixar seus afazeres para dançar, momento de agradecer pelas bênçãos recebidas por intermédio da Santa. Assim sendo,

[...] os Moçambique aqui de Catalão é, e[le]s morava, os home[m] que dançava Moçambique, era do povo do Gabrielin[ho] mesmo, é do ti[o] Gustavo que já morreu muito tempo, era o ti[o] Zé Bastião, e[le]s é que eu conheci já tava mesmo, mais acho que tinha o[u]tro de[le]s e e[le]s morava tudo lá nessa fazenda lá, eu esqueci de quem era o dono da fazenda lá, onde e[le]s morava. Então aquel[es] que trabaiava ali por perto e tudo né, dançava co' e[le]s e e[le]s é quem era os capitão do terno (Benedita Moreira, 90 anos).

Como já mencionado, vários são os lugares por onde esta manifestação passou. Em Catalão, diversas pessoas tiveram papéis importantes na constituição desta Festa, sendo que para muitos, alguns espaços urbanos da Festa do Rosário são como o seu local de origem. Neste relato, o narrador diz que “[...] Meu pai com doze anos já tava dent[r]o do [congada] e a Festa do Rosário bem antes deu nascê, el[a] era, cumeçô aqui na rua Saturnino de Castro, inclusive o terno esse aqui, tem a dona Binidita novinha [vo]cê entendeu?” (Elzon Arruda, 74

anos). Deste modo, antes de a Festa do Rosário ter um local fixo, com um templo (igreja), assim como ela teve suas origens nas fazendas da região, a mesma passou também por casas de devotos, que se tornaram pessoas de grande importância para o festejo.

Hoje, a Festa do Rosário acontece numa igreja que levou anos para ser construída e que precisou de esmolas recolhidas por integrantes da Congada para ser edificada. Este foi um momento de grande importância para os partícipes desta Festa, pois mais que dançar, eles tinham o dever de conseguir donativos para que a igreja fosse construída e a Festa acontecesse em lugar fixo. A Igreja foi, para muitos, uma forma de legitimar os festejos de devoção, sobretudo frente àqueles que não a reconheciam como tal.



Figura 9 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário, situada no centro da Cidade de Catalão-GO. **Fonte:** google imagens (2009)

Compreendemos que, como já citado, a Festa do Rosário de Catalão-GO é parte das cerimônias festivas da Igreja Católica, não se abstendo da relação com as religiões de matrizes africanas, como os terreiros de Candomblé e a Umbanda, considerados lugares frequentados por vários integrantes da Congada.

Assim, no relato a seguir, o sujeito menciona que a Festa do Rosário de algumas cidades que compõem o Triângulo Mineiro acontece dentro do candomblé, como se vê:

[...] Agora, por exemplo, aqui em Catalão, o congado aqui, a Festa do Rosário, el[a] foi pra igreja Católica [A]postólica Romana. Em Minas Gerais, tem ùa parte aqui do Triângulo Mine[i]ro, que el[a] tá dent[r]o do candomblé, Araguari, Uberlândia, Ituitaba, o que nós tivemo a oportunidade na nossa diretoria na época, tê contato co' e[le]s, i[r] visitá e[le]s lá é dent[r]o do candomblé, el[e] dança num espaço muito piqueno assim, o altá de[le]s tá ali, e[le]s baten[d]o, basta que os instrumento de[le]s é tudo sintético e é diferente né! Mais e[le]s não saía aqui do Triângulo Mine[i]ro, e[le]s não

saíram da origem do candomblé não, e[le]s trabaia dent[r]o do candomblé (Elzon Arruda, 74 anos).

Desta feita, compreendemos que há a ocorrência desta mistura das religiões dentro da Festa, confirmando suas origens nos países africanos, de onde os escravos vieram com suas crenças e devoções. De uma forma ou de outra, a Igreja Católica acabou aceitando a inserção da cultura negra no seio de suas manifestações religiosas.

Vindo a Festa para o Estado de Goiás, mais precisamente para Catalão, várias cidades circunvizinhas receberam a proliferação desta manifestação cultural e religiosa, pois muitos participantes desta Festa foram morar nestas cidades, levando consigo suas crenças e devoções. Deste modo, várias pessoas que residem em Catalão ajudam as outras irmandades das cidades circunvizinhas, fazendo com que, sistematicamente, esta Festa se expanda, estreitando os laços entre as irmandades, que têm um único intuito, cuidar da devoção à Nossa Senhora do Rosário. Vejamos outra passagem narrativa que corrobora o exposto acima:

[...]. Então a entidade [irmandade] movimenta durante todo ano e ùa grande inovação que a gente implantô na cidade, porque nossa congada vei[o] da cidade de Araxá, a coroa vei[o] de Araxá, a coroa que é da Festa preservada até hoje, foi de família tradicional de Araxá que vei[o] pra cá e lá cumeçô a congada de Catalão, tanto é que lá tem a congada, hoje aqui evoluiu mais do que a cidade de Araxá (Leonardo Bueno, 38 anos).

Ademais, as irmandades têm papel importante para os negros no Brasil, seja no amparo aos seus membros ou na legitimação de identidades (DUARTE-SILVA, 2013). No caso da Festa do Rosário, a irmandade também tem uma grande importância, pois é por meio dela que é organizada a parte folclórica da Festa.

Outra forma de mostrar a inovação da Congada de Catalão, segundo seu presidente que também é capitão de terno de Congo, foi a criação do encontro da Congada pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, com a participação de trinta ternos de Congo nos dias atuais, sendo comparado por meio deste encontro, a Festa do Rosário de Catalão com os festejos em diversas cidades de Minas Gerais, como se observa nos dizeres abaixo:

[...]o sentido do encontro da congada, só pra falá por encontro ou se levá ùa intenção [a]quelas pessoa que fosse vê, ùa intenção maió[r] foi de vê que a congada de Goiás, el[a] tem ritmo, el[a] tem ùa vestimenta, el[a] tem os seus instrumentos artesanal e, o lado de Minas [a]inda tem o seu jeito de manifestá, só que a oração, a reza, a crença são a mesma devoção à Nossa Senhora do Rosário e, dent[r]o disso aí, na oportunidade eu preucupeí de trazê o terno de Moçambique da cidade de Araxá, pra dá um simbolismo na Festa porque, foi da onde a nossa congada vei[o] e dá um direcionamento [a]quelas pessoas que foram vim vê (Leonardo Bueno, 38 anos).

Diante disso, a criação do encontro da Congada estaria relacionada com a origem da Festa aqui em Catalão, sendo uma forma que a irmandade encontrou de vincular os ternos de Goiás com de Minas Gerais, com o intuito de festejar suas igualdades e diferenças, propagando seus louvores à santa padroeira e, em certa medida, reforçando o enredo mítico de que temos falado.

Ademais, a Congada de Catalão é convidada a viajar por diversos lugares, seja para dançar em Festas religiosas ou até mesmo para fazer apresentação dentro das universidades. Assim sendo, a narradora abaixo nos apresenta a importância da Congada, dizendo que

A gente viaja muito, o terno é convidado pra viajá, foi pra [A]parecida três vezes, [A]parecida do Norte, nós já fomos pra ... Brasília, Goiânia. A faculdade de Goiânia agora po[u]ço chamô nós pra fazê ãa apresentação muito bonito, nós foi, demais, vários lugares que nós viajamos (Maria do Rosário, 65 anos).

Outro fator importante para considerar como elemento reforçador do mito são os espaços por onde a Congada passa, a saber, as casas dos devotos onde são feitas visitas para as pessoas que convidam determinado terno para ir até as suas casas fazerem uma oração e levarem a presença da Senhora do Rosário por meio dos estandartes. No relato seguinte, a narradora lembra bem quando o terno chega à sua casa, fazendo a rememoração de quando ela era bandeirinha e assiduamente participava da Festa do Rosário:

[...] Quando eu pego a bande[i]ra eu lembro, de quando eu carregava né. E achô muito bõo, ela vim na minha casa né, eu que ten[ho] essa famí[li]a grande, // uhum// graças a Deus, acho bom demais Nossa Senhora. Que e[le]s vem né, os terno, esse ano vei[o] o terno do ... e[le]s fala o terno de Goiandira, terno de Goiandira, como é que chama [a]quel[e] home[m] // Filhos do Rosário // eu sei tudo, minha cabeça é que num tá dan[d]o, tá ven[d]o, conheço el[e] demais, // seu Elias! // Seu Elias, é, seu Elias vei[o] com o terno del[e], ficô aí muito tempo. Vei[o] ... qualé o o[u]t[r]o ... o da Aldanice vem todo ano, // Mariarte // É, o Mariarte vem. Agora o amarelo é que vinha todo ano né, porque toda vida quase todo dançadô ali era meu, meu povo né (Benedita Moreira, 90 anos).

Assim, não nos esquecendo do nosso foco principal, qual seja, o refazer do mito do achamento pelos sujeitos que fazem parte desta Festa, o relato a seguir nos mostra a importância da imagem de Nossa Senhora do Rosário e do Moçambique para a cidade de Catalão, lugar que propaga com responsabilidade a devoção à Senhora do Rosário, e onde o Moçambique tem uma função importante, que é:

Acompanhan[d]o, os devoto, os devoto acompanhando a rainha. É como se a gente fosse a guarda de ãa rainha, o Moçambique é isso, a guarda da rainha. // E qual que é a função do Moçambique Mamãe do Rosário dentro da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão? // Aqui em Catalão a gente tem graças a Deus dois terno de Moçambique. Onde existe só um terno a função do Moçambique é essa, guardar a coroa, guardar a imagem de Nossa Senhora, cuidá do Reinado, carregá o Reinado e tá sempre ali presente na cerimônia, nos rito que tivé envolven[d]o a imagem de Nossa Senhora e a coroa. // E em Catalão, qual que é a função do Mamãe do Rosário? // A melhó, carregá Nossa Senhora (*risos*) (Aurora Moreira, 54 anos).

No relato acima, a narradora mostra com convicção a função dos dois ternos de Moçambiques e ressalta como melhor a do Mamãe do Rosário dentro da Festa do Rosário de Catalão, que é conduzir os símbolos da Festa para as cerimônias religiosas, que são momentos de extrema importância para ocorrer o reforço do mito.

Como temos propositadamente recorrido às cantigas como prática linguística de reforço do mito, apresentamos algumas considerações sobre como algumas delas buscam mostrar os lugares por onde esta Festa passa, levando-nos a compreender a sistematicidade dos elementos míticos. Vejamos: “Cheguei na Porta da Igreja, Eu fiz o Sinal da Cruz, Beijeí a image Sagrada, Do meu doce Jesus”. Deste modo, compreende-se que a Congada chega na porta da igreja e refaz o mito do achamento diante da Santa e do menino Jesus, assim como foi feito no dia do achamento, nos países africanos, como Moçambique, Congo, dentre outros que não são apresentados nos estudos de Brandão (1985).

Outra cantiga que tematiza os lugares por onde a Congada passa, com forte referência às ruas da cidade, hoje um dos lugares por excelência do sincretismo religioso desta prática cultural, é: “É na rua debaixo, É no fundo da horta, A polícia me prende, olê... Bandeirinha me solta”.

Não estanque dos demais, o terceiro elemento do *enredo mítico* trata dos lugares onde acontece o bailado da Congada, sendo nas cidades, nas ruas, nas casas dos devotos e na igreja, fazendo com que o mito seja reforçado, uma vez mais, por séculos.

Dentre vários momentos que ocorrem antes e durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, o chamado “tempo da memória” abarca desde os meses de preparação, os dias ápices do festejo, bem como a primeira quinzena do mês de outubro, formando assim o tempo da Festa, o quarto elemento do *enredo mítico*. A Festa, como já citado, acontece num tempo sazonal, não tendo uma data imutável para ocorrer, com a única imposição de que termine no segundo final de semana do mês de outubro.

É assim que a preparação para a Festa do Rosário acontece com dois meses de antecedência. As pessoas que têm envolvimento direto e indireto com os ternos que compõem

a Congada começam a preparar os instrumentos, as vestimentas, tomando providência na compra dos tecidos, com uma gratificação que os ternos recebem do governo do Estado para a compra de materiais (tecidos, calçados) para os dançadores que querem dançar, mas não têm condições de adquirir sua vestimenta. A gratificação também ajuda na preparação (pinturas, consertos) dos instrumentos que serão usados durante a Festa.

Outro momento de preparação para a grande Festa são os ensaios, que têm início no segundo final de semana de agosto, mais precisamente no Dia dos Pais. Os ensaios são os momentos em que os dançadores se encontram na casa do capitão, especialmente no terreiro onde o terno ensaia, com referência aos terreiros de candomblé ou umbanda, pois, ressaltamos mais uma vez, não se pode negar a relação da Congada com as religiões de matrizes africanas. Deste modo, esse momento de encontro durante os ensaios leva o dançador a reviver novamente a luta do negro pela liberdade, sendo o capitão o senhor dos gestos, o que rege, o que leva os seus dançadores a elevar seus louvores à Senhora do Rosário.

No relato seguinte, são notórias a emoção e a alegria de chegar o mês de agosto, momento em que o narrador começa a vivenciar a preparação para a grande Festa, quando se diz que: “Ah num tem nem explicação do que que a gente sente, é muita emoção ali assim, do mês de agosto pra frente já toma conta, [vo]cê entra em casa cantan[d]o, saí cantan[d]o, entra pro chuve[i]ro cantan[d]o saí cantan[d]o” (Matheus Henrique, 20 anos).

Outrossim, é por meio dos ensaios que os dançadores aprendem novas cantigas e buscam lembrar cantigas já aprendidas em anos anteriores, fazendo por meio delas a rememoração da vivência que tiveram durante os festejos de anos passados (PAULA, 2010b). Como nos elucidava Halbwachs (2006, p. 29), “se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente”. Deste modo, é durante o momento de ensaiar que a memória destes dançadores se faz reavivada, despertada para o presente como forma de conhecer e rememorar a identidade cultural do grupo, preparando-os para a Festa futura, da qual serão atores/participantes.

Ao findarem-se os dois meses de preparação para a Festa, chegando ao final do mês de setembro, a expectativa dos dançadores aumenta, pois está chegando o momento de reviver o “tempo da memória”, por meio da sua fé e da sua devoção em Nossa Senhora do Rosário. Este tempo irá reviver os dias ápices dos festejos, como a Alvorada, a Levantação da Bandeira, o Domingo da Festa e a Entrega da Coroa, como citado anteriormente.

Assim, todos os momentos que antecedem a Festa do Rosário são de extrema importância, mas o mês de outubro é o mais esperado, pois a sua primeira quinzena, como

mencionamos anteriormente, é destinada à Nossa Senhora do Rosário. Muitos são os relatos sobre este mês, bem como sobre o ato de dançar em outras Festas, como na cidade de Ouvidor ou até mesmo Três Ranchos, como já referido, para abrandar-se um pouco da expectativa para a chegada da Festa de Nossa Senhora do Rosário em Catalão.

No relato a seguir, a narradora nos mostra o quanto o mês de outubro é esperado, bem como a expectativa de este mês ser destinado para a Congada. Não só o mês de outubro, mas os dois meses que antecedem a Festa são esperados, como já citamos. A narradora nos diz que

É muito esperado, o mês de outubro. Porque assim, apesar de dançá em Ouvidor, com outro terno né, pra Nossa Senhora do Rosário, não é a mesma coisa de dançá aqui em Catalão no mês de outubro. É assim, é tudo né, porque é o mês da Nossa Senhora do Rosário, que tem o dia del[a], a missa né, no dia del[a] é muito linda, então, assim, é o coração a mil, até o ar fica diferente, a gente respira [a]quel[e] ar assim, o congo tá chegan[d]o né, então é muitas sensações. [...] Da congada, outubro é o mês da congada. Não só outubro, assim a gente espera muito o mês de outubro, mais também a gente espera muito o mês de setembro, porque em setembro é que começa a maioria dos ensaios, então assim só de tá começan[d]o o ensaio pra Festa, a gente já fica né, com o coração a mil, tá chegan[d]o o dia, tá chegan[d]o o dia, e [a]quel[a] sensação de tá chegan[d]o, tá chegan[d]o, tá chegan[d]o, é muito boa de espera (Daniane Moreira, 35 anos).

São grandes as expectativas para a chegada do mês da Festa, como narrado acima. Não distante do que esta narradora disse, outra também nos falou sobre a sensação da chegada do mês da Festa do Rosário e sobre o ato de dançar em outras cidades. Segundo ela,

A sensação de chegá o mês de Outubro! Ah, é tudo de bom meu filho, a gente passa o ano isperan[d]o, o ano a gente passa isperan[d]o, pro capitão ligá e falá assim: *prime[i]ro ensaio tal dia assim, assim*. Isso eu danço fora, eu danço em Ouvidor, eu dancei muito tempo em Três Rancho, tô parada agora por causa da duença da minha mãe, viajei muito dançan[d]o, não tem Festa como a nossa em lugá nenhum, não tem. E mais aquilo não satisfaz, não satisfaz, porque pra mim a Festa começa quando a prime[i]ra ca[i]xa bate, ali começa a Festa. Porque é nos ensaio que eu encontro meus irmão, eu procuro i[r] o máximo de ensaio que eu consigo i[r]. Ah, vou ali pro Saulo [Catupé Santa Efigênia], nós reza o terço, abre o ensaio del[e], vai pro Prego, a mesma coisa. Ultimamente, esse ano que passô agora, por causa da duença da minha mãe eu quase não participei, mais de lá da casa del[a] a gente escuta quando as ca[i]xa do terno do Prego começa a batê. Não tem esse ano que as lágrima num cai (*risos*), [vo]cê entendeu, então [a]quel[a] coisa assim duída, chegô Nossa Senhora, é a hora deu te agradecê (Aurora Moreira, 54 anos).

Assim sendo, os dois relatos vêm nos mostrar o que as narradoras sentem em participar desta manifestação cultural e religiosa. Deste modo, no segundo relato, a narradora nos diz que a Festa se inicia quando a primeira caixa bate. Contudo, não só para ela, mas para

os demais partícipes que aguardam ansiosos a Festa, vários são os momentos que remetem ao início do *tempo da Festa*, como o início dos ensaios, os terços nas casas dos capitães, dando o pontapé inicial aos preparativos, que são momentos esperados por todos que gostam desta Festa e a acompanham.

Outrossim, para muitos, a chegada do mês de outubro é, sobretudo, a renovação da esperança, pois é quando muitas pessoas buscam, por meio da fé, o auxílio da santa ou também a ela recorrem para alguma forma de agradecimento pelas bênçãos recebidas durante o ano. Nesses momentos de agradecimento, não raro, pode ser presenciado o ato de fazer a apresentação, de dançar diante da Santa, esperando dela as bênçãos que ela derrama na vida dos dançadores da Congada.

Desta feita, no relato a seguir, a narradora diz que a chegada do mês de outubro é lindo, é uma

[...] esperança linda porque a gente já tá naquel[e] clima de Festa, chegô outubro ali, o mês, nossa, que bença gente! Nós vamo fazê a nossa apresentação, Nossa Senhora vai [a]judá que tudo vai dá certo e, dá. E assim o pessoal tem aquel[a] confiança co' a gente, é um aqui pedin[d]o pra arrumá ãa coisa, é o[u]tro pra arrumá o[u]tro, é a ro[u]pa e a gente vai, [vo]cê nem vê passa (Maria do Rosário, 65 anos).

Alguns participantes são enfáticos em dizer que não esperam outras Festas durante o ano como esperam a Festa do Rosário, o que, a nosso ver, confirma o tempo como elemento crucial na construção do enredo mítico. Vejamos:

Ah, eu não espero o carnaval, eu não espero o ano novo, o reveion; eu não espero o Natal da forma e intensidade que eu espero, vou nem dizê o mês de outubro, vamo dizê o mês de agosto, onde propriamente dito nós iniciamos os nosso ensaios. Então como se diz o agosto, setembro, outubro de fato que é a Festa, é aguardado ansiosamente e contado, como se diz, dia após dia na folhinha do calendário (Diogo Gonçalves, 28 anos).

No entanto, a espera do mês de outubro e o ato de festejar são importantes para aqueles que têm forte envolvimento na Congada, principalmente aos que são verdadeiramente engajados na realização desta Festa, fazendo com que o reforço do mito se dê não apenas nos dias ápices. É assim que este tempo também compreende todo o tempo da preparação, no qual se inclui parte do repertório das cantigas entoadas nos dias da festividade. A chegada do mês de outubro e, sobretudo, dos dez dias de festa, para estes participantes, se faz um dos principais momentos de suas agendas de fé e devoção.

Ao dar início à grande Festa, a Congada sai às ruas para fazer a Alvorada, momento em que os ternos saem da casa dos capitães, em silêncio, sem tocar qualquer instrumento, até o Largo do Rosário. No Largo, deverão se encontrar todos os ternos, que ficam aguardando o apito dos generais da Congada, para o início de mais uma Festa do Rosário.

A partir do apito dos generais, a Congada dá seus batidos, como forma de avisar a população que a Festa começou. Não só o ato de iniciar a Festa, a Alvorada é

um momento de muita emoção, aonde hora que dá o apito dos generais, os sinos da igreja, os fogos são soltos ali na porta da igreja, é um momento de muita emoção aonde, eu todos os anos, ao chegá na porta da igreja, louvo e agradeço a Nossa Senhora por mais um ano está participando de mais ãa Festa, com saúde, com força e com o batalhão todo ali reunido e preparado pra mais um ano (Diogo Gonçalves, 28 anos).

Não apenas a chegada dos meses que antecedem a Festa (agosto, setembro) gera expectativa dos atores/ participantes, mas também os momentos ápices do festejo, como a Alvorada, também são tempos de agradecer por mais uma Festa que se inicia sob as bênçãos de Nossa Senhora e de pedir as bênçãos para que transcorram bem os dez dias de festejos.

Com o início da Festa a partir da Alvorada, na qual há efetiva participação da Congada, outro motivo pelo qual seus integrantes e devotos vão até a igreja é para participar da reza dos terços e das missas, momentos que constituem a parte religiosa da Festa. Não distante da beleza, da exuberância e do brilho das Congadas, a parte religiosa também confere o seu brilho à Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Outros momentos de grande importância são os três dias ápices do festejo, a Levantação da Bandeira, o Domingo da Festa e a Entrega da Coroa. Nesses momentos, é notório o refazer do mito pela Congada, pois são conduzidos para o âmbito da Festa os seus símbolos, quais sejam, a imagem e a Coroa de Nossa Senhora do Rosário, como já citados. Na Levantação da Bandeira, que acontece no sábado à noite, os ternos vão ao encontro das bandeiras que ficam na casa dos mordomos do mastro, situada, no bairro São João, próximo à capela destinada ao santo de mesmo nome.

Ao chegarem diante das bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, considerados os santos reverenciados pela Congada, os dançadores cantam e dançam, entoando os seus louvores aos santos padroeiros. Vale ressaltar que a Congada em Catalão é composta por vinte e um ternos de Congo, como já dissemos em outro momento neste estudo. Todos os ternos reverenciam as bandeiras e seguem em cortejo. Por final, os Moçambiques retiram as bandeiras da casa dos mordomos do mastro e conduzem-nas para a rua, em

evidente alegoria à retirada da imagem santa no rochedo no enredo, que remonta ao deserto africano, reforçando-se o mito no qual o Moçambique teve/tem a função de conduzir a imagem de Nossa Senhora, agora estampada na bandeira pelas ruas.

Uma das narradoras lembra com saudade de como era a procissão da bandeira ou *procissão dos balãozinho*, como era chamado pelos partícipes mais velhos do festejo. Ela diz que,

Na minha época de minina, quando a gente ia com minha vó, a procissão da bande[i]ra por exemplo, era chamada de procissão dos balão, ninguém fala prucissão da bande[i]ra, era prucissão dos balãozin[ho], porque todo mundo carregava seu balãozin[ho]. A Congada reunia pra rezá a novena, a última novena, mais a Congada já ia buscá a bande[i]ra, e a bande[i]ra discia e não tinha [a]quel[a] missa ... a bande[i]ra discia e entrava pra igreja, e ali a bande[i]ra presenciava o último mistério do terço. De lá de dentro a Congada saía cantan[d]o pra levantá a bande[i]ra e levantá a bande[i]ra. // E como que é para um dançador, ao ver da sinhora, levantá a bande[i]ra de Nossa Senhora do Rosário? // Mostrá pra todo mundo, eis aqui a minha mãe, aqui minha mãe, tô aqui, el[a] tá no alto, el[a] comanda (Aurora Moreira, 54 anos).

Como nos elucidava a narradora, não apenas do momento de conduzir a bandeira, mas ela lembra que a bandeira também participava do último mistério do terço, o que não acontece hoje, pois enquanto a Congada está buscando a bandeira, é rezada a missa. Terminada a celebração da missa, os devotos aguardam ansiosamente a chegada da Congada com as bandeiras. Assim como a narradora relata, quando as bandeiras são hasteadas, é o momento em que a Congada leva as bandeiras para a Festa e as coloca no seu topo os santos de devoção, mostrando quem são os donos do festejo.

Várias são as emoções sentidas pelos dançadores que são atuantes nesses dias ápicos. Ainda no ato de Levantação da Bandeira (vide figura 7), são inúmeras as experiências de fé recorrentes neste momento, até mesmo de se emocionar ao ver a bandeira de Nossa Senhora ser hasteada. No excerto a seguir, a narradora nos mostra como foi a experiência dela ao participar do Levantamento da Bandeira no primeiro ano que ela dançou no Moçambique Mamãe do Rosário, um dos responsáveis por propagar, por meio das suas danças, ritmo e cantiga, o refazer do mito, como temos dito. Assim, ela diz que

[...]a primeira vez que a gente foi levantá a bande[i]ra, a primeira vez que eu dancei no Moçambique, caiu ãa chuva, Nossa Senhora, num tinha nem jeito nem de levantá a cabeça pra podê dançar né, e a gente dançava e maiava, e a chuva cain[d]o e a levantação, foi na levantação da bande[i]ra que a chuva caía e a gente maiava. E assim, eu não tinha experiência com a gunga e el[a] me machucan[d]o, porque el[a] tava me machucan[d]o muito, meu pé já tava inchado e eu dizia eu vô[u] dançar até o fim, e dancei até machucá mesmo os pés dibaixo de chuva, levantando a bande[i]ra, e aquilo assim a gente olha a experiência, não só essa, como outras também, sempre na levantação da

bande[i]ra, na missa, na procissão, a gente olha pra Nossa Senhora é como se el[a] olhasse pra gente e sorrisse e falasse assim: *trabalho cumprido, trabalho feito* (Daniane Moreira, 35 anos).

Além das narrativas, algumas cantigas buscam exemplificar o momento de condução das bandeiras para o seio da Festa, fazendo com que sistematicamente compreendamos o sentido do reforço do mito. Uma dessas cantigas diz que “Hoje é dia, hoje é hora levá a bande[i]ra de Nossa Senhora [...] Puxá, puxá, puxá bande[i]rá, puxá, puxá, puxá bande[i]rá”. Por meio das cantigas e dos relatos dos narradores compreendemos, neste ato de conduzir as bandeiras, a necessidade de a Congada refazer os rituais do mito. São eles que, repetidamente, confirmam e legitimam o enredo e justificam a fé e a centenária Festa do Rosário.



Figura 10 - Bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. **Fonte:** arquivo pessoal (2015)

O domingo da Festa, o segundo dia ápice do festejo, é marcado pela Procissão da imagem de Nossa Senhora e da coroa até o Largo do Rosário, onde ambas serão colocadas, uma ao lado do altar e a outra no altar, para participarem da missa da Congada (vide figura 8). Este é o dia mais esperado pelos dançadores, pois todos vestem suas fardas coloridas, ajeitam seus instrumentos e se direcionam para a casa dos capitães. Ao chegarem à casa dos capitães, é feita toda uma preparação para que o terno saia em cumprimento de sua missão na Festa. Antes da saída, são feitas orações, como forma de proteção e agradecimento.



Figura 11 – Imagem e Coroa de Nossa Senhora do Rosário, presente no presbitério para a missa da Congada. **Fonte:** arquivo pessoal (2015).

Neste dia, a cidade se alegra, pois é a Congada que vai para rua, demonstrar simbolicamente, por meio dos seus batuques, ritmos, orações e cantigas, mais uma vez a luta que o negro enfrentou para conseguir sua liberdade. Várias são as obrigações deste dia, não só o ato de festejar: a Congada tem o dever de ir até a Igreja de São Francisco de Assis, situada no bairro JK, para buscar a imagem da Senhora do Rosário, a Coroa, o Reinado, os festeiros e a comissão, saindo em cortejo, com a responsabilidade final dos Moçambiques de refazerem o ritual de retirada da imagem e da coroa, lembrando o achamento da Senhora do Rosário e reforçando o mito.

Adentrando as ruas que a levam ao Largo do Rosário, a Congada busca reviver, durante os cortejos, os lugares por onde essa tradição passou até chegar na cidade de Catalão, lembrando aqui os lugares discutidos no terceiro elemento que compõe o *enredo mítico*, tendo na memória dos dançadores a busca pela lembrança destes lugares, que é feita por meio das cantigas, plenas de significados de (e para) suas vidas.

Assim, no excerto a seguir, podemos compreender o sentido pelo qual os ternos de Congo vão para a rua no domingo da Festa, com a responsabilidade de conduzir não só o casal festeiro e a Coroa, bem como na Entrega da Coroa. O narrador relata que

A gente tem um terno, eu num quero sê mais bonito do que nenhum terno, eu quero fazê a minha apresentação, que eu insaiei durante o ano, eu acho que aquel[a] ali foi a melhor, pra mim chegá aqui na porta da igreja, cantá pra Nossa Senhora, cantá pra intregá a coroa pro feste[i]ro e cada um vai procurá se dá o melhor de si. [...]O casal de feste[i]ro atual sai co' el[a] no domingo de manhã e depois retorna pra sua casa onde el[e] guarda com bastante cuidado e responsabilidade, porque el[e] assina um termo de responsabilidade também e na segunda-feira, el[e] traiz el[a] aqui pra igreja às três horas pra fazê a entrega da coroa (Leonardo Bueno, 38 anos).

O Domingo da Festa é encerrado com a procissão da imagem de Nossa Senhora do Rosário pelas ruas do centro da cidade, retornando ao Largo do Rosário, onde acontece uma

missa, celebrada pelo Bispo Diocesano, atualmente Dom Guilherme, o qual, após a celebração, juntamente com o presidente da Irmandade e a Congada ali presente, dá por encerrada a parte religiosa da Festa. No dia seguinte, é encerrada a parte folclórica, nos dizeres de Brandão (1985), com a cerimônia de Entrega da Coroa.

A cerimônia de Entrega da Coroa acontece na segunda-feira, na parte da tarde, pois, às quinze horas, a Coroa sai da igreja em forma de cortejo e segue até a praça Getúlio Vargas, situada na Avenida Vinte de Agosto, onde os festeiros do próximo ano estão à espera da Congada e da Coroa, momento que se encerra a parte folclórica do festejo.

Em anos anteriores, quando o número de ternos era menor e a cidade não tinha se expandido tanto, a Entrega da Coroa acontecia de uma forma diferente porque “[...] o cortejo é o seguinte, por exemplo, a ... tinha ... que antigamente saía, a coroa saía da casa dos feste[i]ro, da residência, isso já mudô né, já num sai mais, num tem esse cortejo mais, já [a]cabô” (Elzon Arruda, 74 anos). São adaptações que a Congada fez de seus rituais na Festa do Rosário para se adequar às necessidades de seus participantes.

O momento da Entrega da Coroa é marcado por alegrias e tristezas, visualizadas na face e no olhar de cada ator/participante, uma vez que a Festa está chegando ao fim. Foram vários os momentos de preparação, como citado, até chegar nos dias ápices do festejo. A espera tão grande faz o ato de festejar passar muito rapidamente, levando vários dançadores a derramarem lágrimas como forma de agradecimento por mais uma Festa.

Durante o ato de Entrega da Coroa, podem ser visualizadas várias homenagens, assim como várias apresentações mais elaboradas feitas pelos ternos, como: a entrega de rosas ou até mesmo pequenas imagens de Nossa Senhora do Rosário, como lembrancinha para a população ali presente. Não distante das apresentações, outros atores/participantes percebem outros momentos que são vivenciados por outros dançadores durante a entrega de um dos símbolos sagrados para o novo casal festeiro. Como podemos ver neste relato, o narrador conta que ele não consegue esquecer, pois

[...] foi ãa entrega da coroa com a última vez que eu vi meu ti[o] fardado, isso não sai da minha memória. E ãa entrega da Coroa que o seu José, que conhecia como Zé do Gordo, fez a entrega da Coroa na cade[i]ra de roda, conduzida pelo seu filho, o Alvim, a Denise, o Careca, foi um fato que eu me emocionei tanto co' aquil[o], foi ãa das coisa que mais me marcô, sabe! Eu vê el[e] dessa forma (Eduardo Camilo, 45 anos).

Assim como no ato de conduzir a bandeira, há uma cantiga para a sua retirada, também há cantigas que demonstram o refazer do mito, na condução da Coroa até as mãos do próximo festeiro. Quando se diz “Salve a Coroooooooooa, salve a Coroooooooooa, a

I[r]mandade do Rosário vai levá nossa Coroa, a I[r]mandade do Rosário vai levá nossa Coroa”, refere-se a toda a Congada, não apenas ao Moçambique, e que todos conduzirão a Coroa, mesmo que os responsáveis principais por este ato sejam os Moçambiques. A *Irmandade*, neste caso, mais que uma instituição, é o conjunto de todos os coenunciadores do que temos chamado de *enredo mítico*, porque todos são irmãos neste momento, independentemente do terno de que participe ou da farda que use.

É assim que, apresentando nossas considerações sobre o “tempo da memória”, e a explanação acerca dos dias ápices do festejo e ao rememorar os primórdios do mito, por meio das danças, orações e cantigas, o reforçamos, dando sentido ao quarto elemento do *enredo mítico*.

Não menos importante que os demais elementos deste *enredo*, o quinto elemento vem abarcar os personagens que fazem com que o mito seja reforçado durante os rituais da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Várias são as funções desses atores/ participantes antes e durante o festejo para enunciar o mito do achamento por meio de suas narrativas e cantigas.

Para elucidar as análises, dentre os personagens (bandeirinha, capitães, dançadores e general) das narrativas dos dez sujeitos participantes desta pesquisa, foram selecionadas seis narrativas para nossas considerações sobre o último elemento do que propomos como o achamento da Santa do Rosário; destas, três narrativas são de mulheres e três de homens.

Várias são as vivências destes personagens no âmbito desta Festa, uma vez que todos têm comprometimento com o êxito do festejo. É nesta perspectiva que, no tempo de preparação (os dois meses que antecedem a Festa), vários personagens começam a preparar a instrumentação e as indumentárias do terno para que nada saia errado.

No excerto a seguir, pode-se observar que a narradora demonstra que tinha o ensejo de ser dançadora, mas como antigamente não podia mulher fazer parte do “corpo do terno”¹⁵, a não ser como bandeirinhas, ela era acompanhadora das bandeirinhas, ajudando a olhar as meninas menores e carregando apetrechos de que os dançadores pudessem vir a precisar. Ela diz:

Ah eu olhava as bande[i]rinha, olhava farda, intregava farda, carregava água, a única pessoa que carregava água nesse terno pras pessoal todin[ho] do terno era eu. [...] É muita alegria, é muita fé, muito amor, quando a gente tá mexen[d]o com as coisas da Festa, tipo eu que faço bastões, eu que confecciono bande[i]ras, então é [vo]cê tá mexen[d]o ali, eu às vezes me distancio até do mundo, eu tô ali faço como se tô, eu tô ali no meu mundo. Enquanto eu tô crian[d]o algũa coisa, eu tô ali só no meu mundinho ali da criação, pensan[d]o será que vai ficá bom, será que vai ficá bonito, será que vai, a pessoa vai gostá, ah é único, é um momento único. // E [vo]cê faiz

¹⁵ Corpo do terno – Chamado de “linha” do terno, lugar onde estão presentes os capitães e os dançadores.

essas coisas, você como criadora, adaptadora de fardas e tudo mais. Você faz isso tudo em prol de Nossa Senhora? // Em prol de Nossa Senhora, das bênças que a gente sempre, a gente colhi. // E você acha que mediante esse trabalho seu, voluntário, porque na verdade você não ganha nada, você é abençoada por Nossa Senhora? // Sempre, sempre, sempre, sempre. Todas às vezes que a gente chega aos pés dela e pede, e [vo]cê tem que pedi e ao mesmo tempo agradecê, não adianta [vo]cê só ficá pedin[d]o, pedin[d]o, pedin[d]o, tem que chegá num momento que [vo]cê tem que agradecê de tudo que passa na sua vida, seja bom ou seja ruim, por Nossa Senhora, eu tô sempre colhen[d]o benções del[a], então (Maria da Luz, 54 anos).

Deste modo, observamos que, por meio do trabalho voluntário que a Maria da Luz exerce no terno Moçambique Coração de Maria, ela desempenha um papel importante, pois é a criadora, a adaptadora de fardas e bandeiras, o que traz o brilho e a elegância ao terno. Assim, ela cria e recria em prol de Nossa Senhora do Rosário, recebendo, graças a este trabalho e, em seus dizeres, as bênças da Santa.

Desta feita, compreendemos que há várias funções dentro da Festa e que antigamente as mulheres ficavam somente “por trás da cortina”, exercendo um papel que não era menos importante do que o do homem, no entanto, não podiam dançar no “corpo do terno”, como já citado, mas deveriam cuidar da organização de fardas, de alegorias, de bandeiras, de colocar lantejoulas nas roupas. Tudo isso ficava a cargo das mulheres, que eram mães, esposas, tias, avós de capitães – afinal, acompanhadoras e também fazedoras dos ternos.

Com o passar dos anos, surgiu a oportunidade de engajar as mulheres no “corpo do terno”, pois já havia algumas mulheres que dançavam para pagar promessas feitas a Nossa Senhora do Rosário. No relato a seguir, a narradora conta com alegria como foi sua inserção no Moçambique Mamãe do Rosário:

Um sonho realizado Cássio, com muito, muito sacrifício, muita luta, porque não tinha mulhé dançan[d]o até então, dançan[d]o na file[i]ra com os home[m], não tinha. A gente sabia só de ãa no Catupê Amarelo, que era voto, e o João Ranhão aceitô porque era um voto, el[e] nunca contô pra ninguém o que que era, tanto que eu acho que el[a] dança até hoje. Mais assim, um sonho de dançá realizado, porque o terno de Moçambique Mamãe do Rosário estava passan[d]o por um momento muito difícil, quase não tinha dançadô, chegô num ponto que a gente achava que o terno morreria. Então todo mundo comentan[d]o: *o terno de Moçambique num sai, o terno de Moçambique num sai*. E a gente sempre assim interceden[d]o, rezan[d]o, porque é muito triste quando a gente fica sabem[d]o que um dos nossos terno tá com problema, e todo mundo interceden[d]o. O Dimiro, que era capitão nessa época junto com seu Geraldo, el[e] ainda não era general... sempre falan[d]o co' a gente, eu tô conversan[d]o com seu Geraldo, vê se o seu Geraldo leva [vo]cêis pra lá pro terno, pra [a]judá, porque tá assim, isso uns dois anos antes ... aí veio o convite, a gente [a]té assustô, o Dimiro: *ó o seu Geraldo disse que pro [vo]cêis i[r] nos ensaios, [vo]cêis vai, eu cunversei muito co' el[e], el[e] aceitô*. Nesse ano, a Irmandade reuniu, teve ãa reunião

da Irmandade, e os homens não aceitava a gente dançan[d]o, tanto que foi colocado até em reunião, que eles foram num ensaio um dia, chegaram lá, viram a gente ensaian[d]o, todo mundo achava que a gente sairia só acompanhan[d]o, cantan[d]o, vestido de branco, e foi ãa das coisa que a gente pediu pro seu Geraldo: “seu Geraldo a gente vem mais assim, nós queremos ser moçambique[i]ras”; que a gente era três, eu, minha irmã e a ti[a] Dulce, que já é falecida. E el[e] concordô, não com muita boa vontade (*risos*), porque o seu Geraldo, el[e] era assim muito, como é que eu vô[u] te falá, el[e] era muito tradicional naquilo, então el[e] achava congo é só pra homem, mulhé participa só por trás da cortina (Aurora Moreira, 54 anos).

Não distante dos dizeres da narradora Maria da Luz, os relatos que a narradora acima apresenta são parecidos porque mostram que para os capitães, as mulheres só podiam ficar por trás da cortina. Como citado anteriormente, às mulheres, para dançarem na fileira ou no “corpo do terno”, só se fosse para pagamento de promessas. No entanto, as mulheres conseguiram um ganho na configuração da Festa, quebrando os paradigmas que lhes foram impostos, pois desde o início dos festejos várias pessoas viam as mulheres só como organizadoras, não sendo capazes de exercer outra função dentro dos ternos, fazendo com que esse legado fosse repassado até os dias de hoje.

Várias pessoas mais velhas, assim como o capitão citado pela narradora, não eram e não são a favor da quebra da tradição imposta há anos; a necessidade, porém, fez com que muitas dessas pessoas visualizassem a festa com outro olhar, o de aceitação da inserção do novo. Ressaltamos que não apenas no seio dos ternos, mas na Festa como um todo, houve a modificação/readaptação de muitos rituais, como os cortejos da Levantação da Bandeira e da Entrega da Coroa, que são feitos de outras formas, por motivos que mencionamos anteriormente.

Outrossim, observamos o relato a seguir da narradora que um dia já foi dançadora e hoje fica “por trás” da cortina, como bem expuseram Aurora e Maria da Luz nos relatos supracitados. Mesmo com outra função dentro do terno, distante de ser dançadora, pode-se observar que sua autoestima é elevada por conta da sua função no terno:

Meu papel é muito importante, eu sô[u] aquel[a] pessoa que junto co' meu marido comando tudo, eu participo de tudo, participo dos terço na Festa do Rosário, inclusive eu ajudo os minino na parte da manhã. Na minha casa eu que faço a ornamentação dos capacete, tudo sou eu aqui na minha casa junto com el[e] (Maria do Rosário, 65 anos).

Deste modo, compreendemos que algumas das mulheres que um dia foram dançadoras só continuam a sê-lo porque participam de um terno que aceitam mulheres nas fileiras. Ainda cabe ressaltar que há na cidade um terno somente de mulheres, criado por uma pessoa assídua na Festa (tanto na parte religiosa quanto folclórica), reforçando mais uma vez a quebra de

paradigmas e o estreitamento de laços entre homens e mulheres, tendo elas papéis distintos, como o de dançadoras, e não só o de cuidar dos ornamentos dos ternos, ainda que para muitas delas esta função seja de extrema importância, como elucidou a narradora Maria do Rosário.

Na perspectiva de realçar a importância dos homens e das mulheres nos rituais, no refazer do mito do achamento e da Congada como um todo, escolhemos para esta última parte da análise do *enredo mítico*, completando a proposta de seis coenunciadores, três homens para compor as análises deste quinto elemento. Deste modo, serão apresentados dois capitães e um dos generais da Congada, como o organograma proposto.

Antes de ser capitão ou até mesmo general, os atores/participantes iniciam nos ternos como dançadores, fazendo parte do “corpo do terno”. Observamos a seguir o relato do narrador que era dançador e hoje é capitão, mesmo não tendo “passado por sua cabeça” ser capitão um dia, mas hoje se sente lisonjeado, apesar de algumas dificuldades. Ele conta que:

Nunca tinha passado na minha cabeça, é, ser um capitão, que por incrível que pareça hoje, sen[d]o capitão de Moçambique, quando vô[u] a um terno de Catupé, alguns capitães me chama, pede pra gente fazê a marcação, eu num ten[ho] tanta intimidade em marcar Catupé, em marcar Vilão, como eu tenho em marcar Moçambique e o Congo; já o Congo, num sei se é devido ser, é, ou é marcha ou é um rojão, num sei se tem ãa ligação maior com Moçambique, não sei porque, eu já tenho ãa facilidade maior. Já o Catupé marco, a gente canta e faiz a Festa, mais num é com tamanha segurança (Diogo Gonçalves, 28 anos).

Ademais, o narrador mostra diante de outro excerto a sua obrigação no terno, sendo ele o “senhor dos gestos” (BRANDÃO, 1989, p. 176), pois ele é o que rege, o que comanda o seu batalhão. Conta ele que

O papel do capitão dentro de um terno é, precisa sê prime[i]ramente de tamanha responsabilidade. O capitão sigurá um bastão aonde ali, a cabeça do bastão é maior, onde são colocadas algũas ou variadas fitas de cores também variadas, ali mesmo já está, já é um símbolo de total reverência ou respeito e responsabilidade, mostrando pro capitão, pra quem carrega aquel[e] bastão que el[e] é o responsável em fazê a ligação entre o Céu, aliás entre a Terra e o Céu dentro de ãa visão católica, ou Terra e Aruanda dentro de ãa visão, é, espírita umbandista, que não deixa de perpassá pela Congada, logo pela Festa de Nossa Senhora do Rosário (Diogo Gonçalves, 28 anos).

Uma vez mais, como revelado no excerto supracitado, é perceptível a relação da Festa do Rosário com as religiões de matrizes africanas: o capitão (vide figura 9), como pôde ser observado, é o que tem a função de ligar a Terra e o Céu, ou a Terra e a Aruanda, a responsabilidade de guiar o seu terno pelas ruas da cidade durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário. No entanto, sendo ele o guia, é também responsável por fazer com que seu

batalhão refaça o ritual do achamento da Santa do Rosário, fazendo orações e entoando suas cantigas para a Santa padroeira.



Figura 12 - Capitão do Moçambique Mamãe do Rosário, Diogo Rezende, na chegada na casa dos mordomos do mastro. **Fonte:** Maysa Abrão (2015)

O capitão, então, tem uma responsabilidade específica e notória na Festa: não deve somente conduzir, dançar, repassar as cantigas; ele deve, primeiramente, ser aquele que transmite a devoção na Senhora do Rosário. Ele deve personificar e liderar para que os outros dançadores também personifiquem que dançar e ser devoto está para além do pessoal ou de um possível espetáculo; devem, sobretudo, ser motivados pela fé.

Outro relato mostra que a humildade era o que prevalecia dentro da Festa, pois nem todas as pessoas tinham condição de adquirir seu vestuário para dançar e mesmo assim se empenhavam ao máximo para estar ali, dançando e entoando seus louvores e que, hoje, apesar de os ternos terem ajuda do governo do Estado, nem sempre se consegue atender a todos que precisam nos ternos. O excerto a seguir mostra que o capitão tem

[...] ãa responsabilidade muito grande né, [vo]cê tem que tê ãa responsabilidade d'ocê podê conduzi o grupo né, naquel[a] época era, porque naquel[a] época era como um quartel, [vo]cê entendeu? [A]quil[o] que o capitão, hoje tá muito difiço, muito difiço, se o capitão falava: olha tal,

cada ãa. Porque a Festa era muito pobre e cada um arrumava seus instrumento e seus uniforme, às veiz na Festa do Rosário o povo [a]custumava dançá de pé no chão, porque era pobre, mais a fé tava lá incima, isso que era o importante antigamente né! Então o pessoal dançava com a, era pela fé mesmo (Elzon Arruda, 74 anos).

O que podemos notar nesse excerto é que, não raro e como nos primórdios, o refazer do mito é feito matizado pela humildade dos dançadores e capitães, que colocam seu terno na rua para cumprir sua missão para os rituais da festividade. O que os leva a cumprir esta missão é a necessidade de se reafirmar o mito que rege a Festa, o que chamamos de mito fundador (*fundatio*), que impõe um vínculo com o passado, buscando a origem (CHAUÍ, 2007, p. 9). Portanto, o retorno a uma historicidade do mito deve rememorar o passado para ser refeito no presente.

Outro fator que nos leva a pensar o papel do capitão, é o de general, pois, na Festa do Rosário, o general tem uma responsabilidade enorme, maior do que a do capitão, tornando-se o “grande capitão”. Ele é responsável por todos os ternos que compõem a Congada de Catalão e tem a função de organizá-los durante o festejo. Dentre os demais personagens que compõem os coenunciadores do *enredo mítico*, o general é quem conduz e organiza os ternos para refazer a representação do achamento da Senhora do Rosário por meio dos cortejos. O general tem papel imprescindível durante a Festa e é sempre um referencial a que recorrem os capitães no dia-a-dia de seus ternos, caso precisem.



Figura 13 – Eduardo Camilo, segundo general da Congada, em organização das Congadas para a cerimônia de Entrega da Coroa. **Fonte:** Maysa Abrão (2015)

Vale ressaltar que, nos últimos anos, a Congada de Catalão tem dois generais, como salienta um deles, expondo também o papel do general frente à Congada:

[...] devido à grandiosidade da Festa somos dois, eu e mais o Dimiro. O papel do general da congada, no meu entendê, coisa que eu vim acompanhan[d]o, eu sô[u] um cara muito observadô, talvez eu tá observan[d]o ãa coisa que iria sê pra mim futuramente, mais num pensava. Mais o papel do general é comandá os terno, comandá os capitão, pro bom êxito da Festa, comandá os cortejo, comandá horário, comandá tudo [...] Funciona da seguinte mane[i]ra, i[r] nos ensaio pra vê que que tá suceden[d]o, é, infins, aí tem os ensaio. A partir do momento do último ensaio, que o verdade[i]ro motivo daquel[e] último ensaio é os ternos, à[s] vez até bom, foi até válido a sua pergunta, que à[s] vez tem muitos capitão que nem sabe disso, tanto é verdade que no último ensaio, el[e] chega ali na nossa frente, num sabe nem o porquê que tá ali, mais é, inclusive nãa reunião, eu quero até explaná essa ideia, é o terno chegá ali se apresentá, fala: *olha a gente insaiô, [vo]cê foi nos meus insaio, participô, meu terno tá aqui, [vo]cê dá o aval pra vê se a gente tá pronto pra fazê a Festa de Nossa Senhora*, a partir daí a Festa é conosco (Eduardo Camilo, 45 anos).

Deste modo, como se pode observar no excerto acima, não só durante a Festa do Rosário, mas antes, nas preliminares do festejo, o general tem a função de visitar os ternos nos seus terreiros ou no que chamamos de casas dos capitães, que ficam situadas em diferentes bairros da cidade. Geralmente, o intuito da visita é para que, no último ensaio, chamado “Ensaio Geral”, que antecede o início da Festa, os ternos recebam o aval dos generais para participarem da festividade, ritual antigo que é preservado até os dias atuais.

As cantigas, como as narrativas, são formas pelas quais os narradores buscam propagar sua devoção e reforçar o mito. Na cantiga a seguir, é evidente a importância que as personagens dão à sua farda e à Festa, quando se canta “Eu coloco a minha farda, Não é por brincadeira, Eu coloco a minha farda, Em louvô minha padroeira”. Noutra cantiga, se faz notar que o ator/participante acorda cedo, durante os dias ápices do festejo, coloca sua farda e sai com a Congada, quando se entoia: “Levantei de madrugada ai, ai, ai, ai, Caía garoa fina ai, ai, Coloquei a minha farda ai, ai, ai, ai, Pra saí com a Congada ai, ai, ai, ai, Pra saí com a Congada ai, aiiiiiiii, aiiiiiiii”.

Deste modo, por meio da relação general-capitão-dançador-bandeirinha, pudemos observar que todos os personagens que fazem parte desta Festa, bem como os supracitados neste estudo, buscam refazer, reforçar, reavivar o mito do achamento, mito este que rege a Festa do Rosário e foi repassado de geração a geração, por meio das narrativas orais.

Assim, como mencionado anteriormente, todos os sujeitos que cantam e narram suas vivências, experiências e histórias são coenunciadores do mito. Por meio das memórias individuais, reconstroem os sentidos para torná-las coletivas. Portanto, quando consideramos

que os elementos do *enredo mítico* são sistêmicos, compreendemos a interdependência desses elementos para que o ciclo seja cumprido na realização do mito do achamento da Santa do Rosário, na centenária Festa do Rosário em Catalão-GO.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que a Festa de Nossa Senhora do Rosário é um momento de ruptura do cotidiano e, ao mesmo tempo, a instauração do sempre mesmo e novo, pois os participantes aguardam ansiosos pelo início de mais uma Festa, para a qual se preparam o ano todo com a finalidade de que, ao iniciar a manifestação cultural, esteja tudo pronto no seio familiar para expressar sua devoção. Todos os anos a Festa traz vários sentidos às vidas e às histórias do povo que busca revivê-la para entrar em sintonia com o sagrado, e com o profano, pois, assim como a relação língua-cultura, são indissociáveis.

As Congadas de Catalão-GO são um campo amplo e rico de estudos, pois podemos perceber que a Festa do Rosário tem um forte envolvimento com a cultura africana, fazendo com que os ritos do catolicismo se misturem com os rituais afros, resultando, assim, no que chamamos de sincretismo religioso. As formas ritualísticas da Congada são o meio pelo qual os capitães e dançadores entoam seus louvores aos santos e às suas entidades espirituais. Ademais, a Congada se fundamenta a partir da tradição do negro africano que encanta, por meio de seus batuques e evoluções, as diferentes gerações que acompanham a festividade.

Neste estudo, propomos apresentar a relação linguística-histórica do mito do achamento da Santa do Rosário, tendo como foco um dos ternos mais expressivos dentro da Festa do Rosário, qual seja, o Moçambique Mamãe do Rosário. Para tanto, buscamos, por meio de narrativas de pessoas que compõem a Congada e das cantigas dos ternos, nos nortear nas discussões acerca do mito, no mito fundador, segundo os estudos de Chauí (2007). Outrossim, abordamos a relação língua e cultura, que embora sejam indissociáveis, se reavive a partir das memórias individuais, dando sentido à memória coletiva dos sujeitos.

Ao iniciarmos a pesquisa, propusemos cotejar algumas narrativas e cantigas que respondessem ao nosso propósito de pesquisa, que era verificar a relação entre a linguagem e a história e o reforço do mito. As narrativas apresentaram maior evidência do mito do achamento da Santa do Rosário, o que pudemos confirmar após terem sido transcritas e analisadas. Em segundo lugar, expusemos as cantigas, que evidenciaram e reforçaram os dizeres dos narradores acerca do mito.

O primeiro passo da pesquisa foi delimitar o *corpus*, escolhendo os integrantes da Congada, que iriam fazer parte do nosso estudo. Ressaltamos que todos os partícipes desta manifestação são de extrema importância, mas buscamos analisar o perfil de pessoas que iriam nos apresentar relatos, que chegariam mais próximos ao nosso intento, de compreender o mito do achamento da Santa do Rosário, por meio do refazer dos rituais durante o festejo.

Outro momento do estudo foi apresentar alguns pressupostos dos estudos da linguagem, bem como a relação da língua(gem) com a cultura. Propusemos, posteriormente um estudo acerca da cultura popular da cidade, dando ênfase ao nosso objeto de pesquisa, qual seja, a verificação em textos orais, como as narrativas, e, em segundo lugar, as cantigas, da ocorrência do mito.

Por fim, realizamos pesquisas de campo, as quais foram de extrema importância, pois foi por meio delas que vislumbramos o conhecimento e as histórias de vida, narradas pelos atores/ participantes desta Festa e musicadas em suas cantigas. Assim, a Congada, por meio do seu bailado e suas cantigas, revive e reafirma a cultura, a devoção e a fé do congadeiro, pois, se há uma história acerca desta Festa, a nossa memória busca apoiar-se na história vivida (HALBWACHS, 2006, p. 76).

Entendemos que, dentro da festividade, há vários momentos em que percebemos que a tradição é propagada, principalmente pelas narrativas e cantigas apresentadas neste estudo. É notório que, durante a reza do terço, das missas e até mesmo nos cortejos feitos pela Congada, ocorre o reforço do mito, buscando, assim, propagar a devoção na Senhora do Rosário. Como nos elucida Ribeiro (2016, p. 12-13),

Cores, ritmo, alegria, tradição e fé. Muitas são as vertentes que se podem abordar ao falar sobre a Congada de Catalão e a Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário. [...] Mais que a recuperação de traços que identificam um sentimento étnico e grupal, durante dez dias de danças, cantos, crenças e evoluções, as Congadas oferecem uma riqueza muito diversa, em cantigas inventariadas e reinventadas pelo povo congadeiro.

Deste modo, por meio das palavras do autor, concluimos que a Festa do Rosário é a forma pela qual dançador-devoto recupera e reforça os traços de suas crenças e costumes vindos da África, inventariando e reinventando cantigas que expressam o negro que, por meio do ato de festejar, rememora sua luta pela liberdade.

Nosso estudo quis compreender, por meio das narrativas orais dos partícipes desta Festa, que a relação linguística-histórica permite a repetição reinventada e secular do mito do achamento da Santa do Rosário e é por ele confirmada, pois várias foram as histórias narradas nos apresentando a importância do refazer do mito, rememorando a historicidade dos primórdios desta manifestação. Deste modo, ao trazer este objeto para o campo dos estudos linguísticos, sabemos que é possível refletir sobre a linguagem que se relaciona com as práticas culturais que estão presentes na vivência de cada sujeito participante do festejo.

Portanto, nossa pesquisa vem contribuir para que os integrantes, não só da Congada no geral, mas do Moçambique Mamãe do Rosário, possam conhecer as memórias destes

narradores sujeitos de nosso estudo e os sentidos do refazer do mito durante os rituais feitos na Festa de Nossa Senhora do Rosário, bem como nos dias ápices desta manifestação religiosa.

Esperamos, ainda, que a pesquisa não apenas contribua para a Congada de Catalão, mas que possa servir para futuros estudos de alunos e professores que queiram ampliar o acervo de pesquisas acerca das Congadas, bem como para os estudos da linguagem, em perspectiva científica, capazes de abordar aspectos antropológicos, visto que nossa pesquisa se assenta na perspectiva da Linguística Antropológica.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Maysa. E foi assim que tudo começou ... Com um rei chamado Chico. **Revista Portal Vip**, Catalão, 88. ed. p. 10-21, jan/2015.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: EdUNB, 1987.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In _____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1936. p. 197-201.

BERNARDO, Jozimar Luciovanio. **Dimensão mágico-religiosa da palavra em textos orais sobre o catolicismo popular na comunidade São Domingos, Catalão-GO**. 2015. 134f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Catalão-GO, 2015.

BLIKSTEIN, Izidoro. Crátilo e Hermógenes: motivação *versus* arbitrariedade do signo linguístico. In: **Estudos de filologia e linguística**: em homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: T. A. Queiroz - Editora da Universidade de São Paulo, 1981. v. 2, p. 27-37.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras: do singular ao plural. In: _____. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 308-345.

BOSI, Ecléa. Cultura brasileira - temas e situações. In: BOSI, Alfredo. **Cultura e desenraizamento**. São Paulo: Editora Ática, 1987, p. 16-41.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do Povo**: um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. **A Festa do Santo de Preto**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore; Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985.

_____. **A cultura na rua**. Campinas, São Paulo: Papyrus Editora, 1989.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. Língua e Cultura. In: UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão (Org.) **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** Nova edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 287-293.

CAMPOS, Maria das Dores. Histórico de Catalão. In: _____. **Catalão Estudo Histórico e Geográfico**. Goiânia: Editora Bandeirante, 1976. p. 31-38.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. 5 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

_____. **Brasil**: Mito fundador e sociedade autoritária. 7. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

COELHO, Braz José. **Linguagem**: conceitos básicos. Goiânia: Editora Trilhas Urbanas, 2006.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Dinâmicas da memória e da História: representações e multiculturalidade. In: _____. **História oral**- memória, tempo, identidades. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 55-66.

DUARTE-SILVA, Luana. Linguagem e cultura: considerações sobre os Homens Pretos da Irmandade de “Arraçal de Bomfim de Goñaz”. **Linguagem: estudos e pesquisas**, v. 16, n. 2, 2012, p. 75-90.

FIORIN, José Luiz. In: _____. **Conversas com Linguistas**: virtudes e controvérsias da linguística. São Paulo: Editora Parábola, 2003, p. 71-76.

_____. A linguagem humana: do mito à ciência. In _____. **Linguística? O que é isso?** São Paulo: Contexto, 2015. p. 13-43.

_____. As Línguas do Mundo. In _____. **Linguística? O que é isso?** São Paulo: Contexto, 2015. p. 45-73.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Identidade: objeto ainda não identificado? **Revista Estudos da Língua(gem)**. v. 6, n. 1. Vitória da Conquista: junho de 2008. p. 81-97. Disponível em: <<http://www.estudosdalinguagem.org/seer/index.php/estudosdalinguagem/article/view/88>>. Acesso em 25 jun. 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro: 1500-1800**. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Foi assim que me contaram**: recriação dos sentidos do sagrado e do profano do Congado na Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário (Catalão-GO – 1940-2003). 2009. 248f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2009.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. **História e Memória**. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: EDUNICAMP, 1990, p. 387-440.

MACEDO, Robson Antônio. **Congada de Catalão**. Goiânia: Talento Gráfica e Editora Ltda, 2007.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura Popular: um contínuo refazer de práticas e representações. In: PATRIOTA, Rosângela; RAMOS, Alcides Freire (Org.). **História e cultura**: espaços plurais. Uberlândia: Aspectus, 2002. p. 335-345.

MANOEL, Cássio Ribeiro; DE PAULA, Maria Helena. Tradição e espetacularização na Festa do Rosário de Catalão: uma proposta de vocabulário do terno Moçambique Mamãe do Rosário. In: PAULA, Maria Helena de; BORGES, Luciana (Org.). III Simpósio Nacional de Letras e Linguística e II Simpósio Internacional de Letras e Linguística - Linguagem, Cultura, Identidade e Ensino, 2013, Catalão-GO. **Anais ...** Catalão-GO: Departamento de Letras -

Campus Catalão, 2013. v. 1. p. 230-239. Disponível em:
<[http://letras.catalao.ufg.br/up/508/o/ANAIS_SINALEL - Parte 1.pdf](http://letras.catalao.ufg.br/up/508/o/ANAIS_SINALEL_-_Parte_1.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2016.

PAULA, Maria Helena de. **Cantigas das Congadas de Catalão** - aspectos linguísticos e identidade cultural. 2000. 120f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Goiânia-GO, 2000.

_____. **Rastros de velhos falares**: léxico e cultura no vernáculo catalano. 2007. 521f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara-SP, 2007.

_____. Notas sobre fontes para estudos linguísticos: esboços de uma discussão. In: PAULA, Maria Helena de; FACHIN, Roberto Marchis (Org.). **Percorrendo trilhas filológicas**: estudos para a história da língua portuguesa. Em homenagem a Heitor Megale – *in memoriam*. Goiânia: FUNAPE/DEPECAC, 2010a. p. 29-43. (Coleção Labor).

_____. Cantigas de congadas de Catalão: invenção e inventariação de memórias. **Revista da Academia Catalana de Letras**, Catalão, p. 210-222, 2010b.

PETTER, Margarida. Linguagem, Língua, Linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 11-24.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. A língua como objeto da Linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 75-94.

PLATÃO. **Crátilo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. São Paulo: Loyola, 2002.

RIBEIRO, Reginaldo. O Congado e a fé na santa do Rosário. In: **O Congado**. 6. ed. Catalão-GO, p. 8-9, out/2014.

RIBEIRO, Reginaldo. O Congado e a fé na santa do Rosário. In: **O Congado**. 8. ed. Catalão-GO, p. 12-13, out/2016.

SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SEBE, José Carlos. **Carnaval, carnavais**. São Paulo: Editora Ática, 1986.